Não é preciso ser Bela!

(A Convenient Marriage)

Debbie Raleigh

Clássicos Históricos nº 302

Inglaterra década de 1810

Ela o amava por sua mente...

A herdeira Beatrice Chaswell sempre disse que só se casaria por amor. Tímida e dona de escassas graças sociais, ele teme nunca encontrar um marido... até o destino lhe sorrir na forma de Gabriel Baxtor. Para espanto de Beatrice, ele se mostra encantado com cada um de seus movimentos... e em pouco tempo ela entrega o seu coração. Mas depois do casamento Beatrice descobre os verdadeiros motivos por trás da intensa sedução de Gabriel...

... Ele a desposou por dinheiro.

Ao herdar uma dívida de família, Gabriel sabe que deve desposar uma mulher de posses para reabastecer seus fundos. Beatrice é a escolha perfeita... Mas de repente, a criatura afetuosa de que Gabriel aprendera a gostar se tornou fria e distante. Agora, para salvar seu casamento, Gabriel deve começar do início. Ele terá de conquistar Beatrice novamente, e de alguma forma encontrar um caminho por onde emendar seu coração partido!

Série Vicar Humbley

1 – A Proper Marriage — CH 312 – Casamento em risco

2 – A Convenient Marriage — CH 302 – Não é preciso ser bela!

3 – A Scandalous Marriage — CH 323 – Sonho de amor

Debbie Raleigh vive no Missouri, e acha que aquele é o melhor lugar para se viver. Com floreiras na janela que descortina uma linda paisagem, ela se inspira para escrever romances apaixonados, amores não correspondidos, sofrimentos do coração e finais felizes. Tudo como na vida real!

Digitalizado e Revisado por: Alice Akeru

Querida leitora,

Este romance é lindo! Sensível, conta uma história de amor adorável! Você vai torcer por Beatrice e Gabriel em todas as páginas. Um casal que enfrenta várias dificuldades no casamento, um casal que questiona a veracidade dos sentimentos que um sente pelo outro. Depois de longas confusões, o amor só poderia vencer!

Fernanda Cardoso
Editora

Copyright © 2002 by Debbie Raleigh

Originalmente publicado em 2002
pela Kensington Publishing Corp.
PUBLICADO SOB ACORDO COM KENSINGTON PUBLISHING CORP.
NY, NY - USA Todos os direitos reservados.
Todos os personagens desta obra são fictícios.
Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas
terá sido mera coincidência.

Título original: A Convenient Marriage
Tradução: Débora Guimarães Isidoro
Editora e Publisher: Janice Florido
Editora: Fernanda Cardoso
Editoras de Arte: Ana Suely S. Dobón, Mônica Maldonado
Paginação: Dany Editora Ltda.
Ilustração da Capa: Hankins + Tegenborg, Ltd.

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.
Rua Paes Leme, 524 – 10º andar
CEP 05424-010 - São Paulo - Brasil
Copyright para a língua portuguesa: 2005
EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Impressão e acabamento: RR DONNELLEY
Tel.: (55 11)4166-3500

O Casamento

Então, isso era o amor. Quem poderia imaginar que a insossa, desajeitada e excêntrica Beatrice Chaswell jamais encontraria tal felicidade? Era o que ela pensava, ao suspirar longamente.

Não, não, censurou-se em silêncio. Não Beatrice Chaswell, mas condessa de Faulconer, esposa do conde de Faulconer.

Talvez não fosse tão estranha a dificuldade de pensar em si mesma ostentando tal título. Só estava casada há duas horas. E com a corte tão apressada e envolvente, mal tivera tempo antes do casamento para considerar alguma coisa além das necessidades imediatas, como adquirir um enxoval, providenciar os anúncios e cuidar dos mil e um detalhes envolvidos em uma cerimônia de tão exuberantes proporções.

Ainda não conseguia acreditar na própria sorte. Contos de fadas aconteciam para adoráveis e encantadoras moças que sabiam como enfeitiçar um cavalheiro com o sorriso. Não para roliças e tímidas solteironas que eram gordas demais para seguir a moda e preferiam passar o tempo na oficina do avô a dançar valsas.

Gabriel era simplesmente um produto de seus sonhos.

Lindo, encantador, inteligente e gentil. Ele nunca a fizera sentir–se desajeitada ou feia. Nunca torcia o nariz quando ela amarrotava o vestido ou dizia alguma tolice diante da sociedade. Na verdade, ele era o único cavalheiro que fizera um esforço genuíno para entendê-la.

Ele era seu amigo.

O pensamento delicioso fez Beatrice olhar em volta com certa impaciência, estudando o salão ainda lotado pelos convidados de seus pais. De sua parte, teria preferido uma cerimônia mais tranqüila com alguns amigos mais íntimos, mas não tivera coragem de contrariar o entusiasmo materno. Depois de três temporadas e meia assistindo a filha sofrer o embaraço de tomar intermináveis chás-de-cadeira, a sra. Chaswell desejara gritar ao mundo que Beatrice não só conseguira arranjar um marido, mas também se casara com um nobre. E pela primeira vez, o principal interesse de seu pretendente não havia sido a enorme herança que um dia ela receberia.

Naquele momento, quando a cerimônia estava encerrada, Beatrice considerava cumprido seu dever. Tudo que queria era estar sozinha com o cavalheiro que a fizera acreditar em finais felizes.

O cavalheiro que havia roubado seu coração e mudado sua vida para sempre.

Flutuando em uma nuvem de euforia, Beatrice começou a circular por entre os convidados, quase sem notar os olhares de inveja e outros olhares, esses curiosos e até um pouco maldosos, para sua cintura. Já não precisava mais se preocupar com a frivolidade dos amigos de seus pais e com suas línguas afiadas. Que importância tinha se eles pensavam que obrigara Gabriel a desposá-la engravidando deliberadamente? Ou, pior ainda, que o comprara com seu dote.

Era totalmente indiferente ao desprezível rancor daquela gente.

Desde que tivesse Gabriel a seu lado, poderia enfrentar qualquer coisa.

Quando chegou ao fundo do salão sem encontrar o marido, Beatrice franziu a testa.

Talvez ele estivesse tomando providências com relação à carruagem que os levaria a Surrey. Certamente, Gabriel estava tão ansioso quanto ela para livrar-se da multidão.

Passando pela porta principal, ela percorreu o corredor que levava à frente da casa. Havia acabado de passar pela biblioteca, quando ouviu vozes profundas por trás de uma porta

parcialmente fechada.

Primeiro parou para ver se podia reconhecer uma delas como de Gabriel. Depois, foi a compreensão de que os homens falavam sobre ela que a manteve parada no mesmo lugar.

— Em minha opinião, Beatrice teve o que merecia.

— Tem razão. Com aquele nariz empinado e aquele ar de quem nunca se casaria com um pobretão! É bem feito que tenha desposado o mais desesperado caçador de fortunas de Londres.

— Mas também é uma pena. Todo aquele maravilhoso dinheiro sendo desperdiçado na reconstrução de uma propriedade falida... Gostaria de ter antecipado o movimento de Faulconer antes de ele envolver a herdeira com seus encantos. Esse dinheiro poderia ter sido meu.

— Não sei se a fortuna compensa o sacrifício, meu caro. A mulher é antipática e feia. Não gostaria de ter aquilo em minha cama todas as noites.

— Não pense que Faulconer vai se preocupar em dormir com a esposa. Agora que já pôs as mãos em sua fortuna, ele pode deixá-la enterrada naquela propriedade esquecida por Deus e divertir-se quanto quiser na cidade. O homem tem muita sorte! Meus homens de negócios não descobriram a tempo que ele se afogava em dívidas. Dizem por aí que ele é perseguido por todos os credores em Derbyshire. A doce Beatrice não teria se mostrado tão ansiosa em desposá-lo, caso conhecesse a realidade. Agora é tarde demais.

Beatrice caminhou para a porta da frente e para o ar frio da tarde.

Não sentia o impacto do vento, nem o frio da chuva fina e persistente. Na verdade, não podia sentir nada.

Seu coração havia acabado de morrer.

Prólogo

O silêncio longo e eloqüente preenchia o espaço da sala. Em pé ao lado do retrato que ele acabara de retirar do engradado, o vigário Humbly observava a expressão intrigada de sua governanta diante da imagem dele na tela.

Depois de quase trinta anos com a sra. Stalwart vivendo sob seu teto, o vigário podia sentir sua desaprovação. Embora a criada fosse leal e dedicada, nem sempre ela conseguia disfarçar a decepção por ele não ser de uma natureza mais altiva.

Ele escondeu um sorriso ao retornar a atenção para o retrato, olhando para sua forma avantajada e seus desalinhados cabelos grisalhos com resignação. Há muito aceitara que jamais teria a postura elegante de um bispo ou a presença dignificada de um sábio. Parecia ser exatamente quem era. Um vigário do campo sem ambições de ser qualquer outra coisa.

Além do mais, o retrato havia sido apenas um truque para ajudar Addy em seu casamento com Adam Drake. Precisava de uma boa desculpa para permanecer em Londres muito além do tempo considerado normal para uma visita, e ficara bastante satisfeito com a astuta idéia de persuadir Adam a pintar seu retrato.

Um truque que havia funcionado perfeitamente, ele concluiu em silêncio.

Não havia dúvida de que o casamento de Addy e Adam havia chegado a uma situação de

desespero. Teimoso, Adam não admitia que não soubera lidar com a geniosa esposa. Ela, ressentida demais por ter sido obrigada a casar-se, era incapaz de perceber as inúmeras e maravilhosas qualidades do marido. Assim, os dois passaram a viver num estado de constante e fria indiferença. Fora necessário empregar toda sua genialidade para finalmente romper as barreiras erigidas pelo casal e levá-los a perceber que eram perfeitos um para o outro.

Mas havia conseguido, o vigário concluiu com um sorriso satisfeito. Os dois eram inseparáveis e espalhavam por onde passavam aquela luminosidade que falava de alegria.

Agora só podia esperar que fosse capaz de operar a mesma magia com Beatrice e seu novo marido, lorde Faulconer.

Afinal, havia sido o fato de ter recebido cartas de Addy, Beatrice e Victoria, todas no mesmo dia, que o levara a viajar para Londres. Havia sido incapaz de livrar-se do sentimento de que as moças necessitavam de sua ajuda. Realizara o casamento das três, apesar das suspeitas de que nenhuma delas estava aceitando o matrimônio pelas razões corretas. E sabia que era seu dever fazer o que pudesse por suas jovens amigas antes de poder pensar em retirar-se para o seu adorável chalé.

A tentativa de trabalhar por Cupido resultara eficiente com Addy. Só podia agora rezar para ter a mesma sorte com Beatrice.

Um suspiro profundo da sra. Stalwart pôs fim à reflexão, e com seu sorriso singularmente doce o vigário olhou para a governanta esperando ouvir sua opinião.

— E então, o que acha dele?

A mulher que governava o vicariato com mãos de ferro apertou os lábios.

— Bem, a semelhança é inegável.

Uma afirmação de condenação, Humbly reconhecer com um toque de humor. No entanto, tomou o cuidado de guardar os pensamentos para si mesmo. Para ser franco, sentia-se um pouco intimidado por aquela mulher pequenina e eficiente.

— Sim — respondeu. — Addy é muito talentosa.

A mulher apontou com ar crítico para a tela.

— Não acha que seria melhor se fosse um pouco mais...

— O quê?

— Um pouco mais nobre?

Os lábios de Humbly se encurvaram.

— Quer dizer que Addy deveria ter acrescentado mais cabelos e menos queixo?

Ela o encarou com seriedade para demonstrar que não aprovava sua imprópria superficialidade.

— Um vigário deve ter uma medida de dignidade.

Humbly suspirou, sabendo que a sra. Stalwart estaria sempre mais preocupada com o status de sua posição do que com ele mesmo. De sua parte, ele se preocupava mais com as pessoas do que com as políticas da igreja ou com a sociedade que os cercava.

— Sou simplesmente como Deus me criou, sra. Stalwart. Ela ergueu as sobrancelhas enquanto analisava sua forma arredondada.

— Deus e as tortas de limão, sr. Humbly — corrigiu a afirmação, empregando aquele tom que sempre fazia o vigário sentir-se mais próximo dos seis do que dos sessenta anos. — Não pense que não notei a grande cesta que chegou com o retrato.

Humbly lançou um olhar culpado para a escrivaninha onde havia escondido o cesto contendo tortas de limão, guloseimas que, gentil como poucas, Addy enviara com a pintura. A governanta devia ter o faro de um perdigueiro, ou não teria identificado os confeitos.

— Aquilo é só um presente retirado das páginas do livro de receitas de Addy — confessou relutante o vigário.

A sra. Stalwart colocou as mãos na cintura ampla.

— Se ela fosse mesmo tão bondosa, teria mandado sanduíches de pepino, não tortas de limão.

Humbly estremeceu horrorizado.

Odiava sanduíches de pepino com um fervor inabalável.

— Não pode estar sugerindo que eu seja ingrato a ponto de recusar tão encantador presente...

— O orfanato apreciaria as guloseimas.

Sempre generoso e gentil, Humbly traçava um limite bem firme quando a questão envolvia suas adoradas tortas. Era hora de mudar de assunto.

— Bem, creio que falávamos sobre o retrato.

— De fato. — A resposta da governanta soou seca.

— Vai ficar muito bom — Humbly decretou, pensando em pendurar a tela no corredor onde já havia os retratos de outros vigários. — Talvez não seja muito nobre, mas é fiel.

— Suponho que sim — a sra. Stalwart concordou relutante.

O humor de Humbly foi rapidamente restaurado pela expressão resignada da mulher.

— Podia ser pior. — Era impossível resistir ao impulso de provocá-la. — A mãe de Addy, lady Morrow, queria que eu fosse retratado com alguns anjos e uma folha de figueira. Mais nada...

Como era previsível, o rosto da governanta se tingiu de rubro.

— Lady Morrow? Por Deus, aquela mulher não tem decência!

— Não acha que eu pareceria bastante nobre coberto por uma folha de figueira e com anjos sentados sobre meus ombros?

— Francamente, vigário!

Ele riu ao obter a resposta prevista.

— Perdoe-me, sra. Stalwart. Estava apenas brincando, é claro. Pedi a Addy para pintar meu retrato exatamente por saber que podia confiar nela para representar-me de uma maneira verdadeira. Não sou bonito, nem digno, nem particularmente altivo ou imponente. Sou só um simples vigário com crenças simples.

A expressão severa da mulher ganhou certa suavidade provocada por aquelas palavras.

— É um bom retrato, sr. Humbly — ela concedeu. — E pelo menos está de volta a Surrey, onde é seu lugar. Não posso lhe dizer como me preocupei durante sua estadia em Londres. Um lugar tão sujo e perigoso! Não sei como pôde suportar uma estadia tão prolongada.

Humbly sorriu. Na verdade, também não gostava de Londres. E gostara menos ainda dos eventos da elegante sociedade que fora forçado a freqüentar. Aquelas eram situações sufocantes e ruidosas que normalmente ofereciam pouco além de uma terrível dor de cabeça e pés doloridos ao final da noite.

Sim, havia aquele adorável macaco que assustara as damas e as fizera fugir gritando, ele lembrou com um sorriso divertido.

— Ah, bem, foi uma experiência e tanto. E, para ser honesto, em alguns momentos, e não foram poucos, desejei estar instalado em minha confortável biblioteca com um bule de seu delicioso chá.

A sra. Stalwart tentou disfarçar o prazer provocado por aquelas palavras fingindo um ar ainda mais austero.

— Foi o que eu pensei. Não é natural sair percorrendo o país dessa maneira.

— Tem razão.

— E agora que está de volta deve começar a pensar em arrumar suas coisas. O novo vigário estará chegando dentro de alguns poucos meses. Não pode esperar que eu encaixote sozinha todos aqueles livros úmidos e empoeirados que insiste em levar para sua casa.

— É certo que não. De qualquer maneira, receio que os livros tenham de esperar.

A governanta se virou para encará-lo de frente.

— Não vai voltar para Londres — ela disse com tom neutro.

— Não, não. Dessa vez vou para Derbyshire.

— Derbyshire? — A julgar pelo desdém em sua voz, ele podia estar a caminho do fim do mundo. — O que o possuiu para decidir ir a Derbyshire?

— Vou ver minha doce e querida Beatrice.

— A srta. Chaswell?

Humbly suspirou desanimado, reconhecendo que seria difícil pensar em Beatrice usando qualquer outro título ou nome que não fosse srta. Chaswell. Ela havia crescido a menos de três quilômetros do vicariato e ele a conhecia desde o dia em que fora posta no mundo.

Seus olhos se iluminavam quando lembrava a criança difícil e deslocada que ela havia sido. Apesar da posição social e da enorme fortuna de sua família, Beatrice não tivera uma vida fácil. Não só fora dolorosamente tímida, como também, era impossível negar, suas formas arredondadas e seus traços comuns a privavam da vantagem da beleza. Era ela sempre ignorada nos bailes e reuniões, preterida pelas beldades locais, e raramente era convidada quando os jovens membros da sociedade se reuniam para suas festas casuais.

O fato de ser filha de pai e mãe belos e graciosos só servira para tornar o drama ainda pior. Era como se uma pata fosse deixada no ninho de lindos pavões, um conjunto que confundia a todos por sua disparidade.

Não que ela não houvesse sido amada. O sr. e a sra. Chaswell haviam adorado e criado com imensa dedicação sua única filha. Mas não havia como deixar de notar a incapacidade do casal para compreender Beatrice, para apreciar sua extraordinária inteligência que havia sido herança do avô.

Eles haviam desejado uma filha que pudessem exibir em sociedade como uma bela jóia, e em vez disso, receberam uma criança estudiosa e sem encantos físicos que preferia os livros às ocasiões sociais.

O vigário suspirou mais uma vez.

Havia esperado que um dia Beatrice encontrasse um cavalheiro que pudesse ensiná-la a apreciar suas inúmeras e delicadas qualidades. Um homem que a amasse tão profundamente que a fizesse perceber o quanto era rara e maravilhosa.

Em vez disso, temia que o conde de Faulconer houvesse cortejado a pobre criança pela mesma razão que levara tantos outros cavalheiros a cortejá-la.

Seu imenso dote.

Por isso tinha o coração repleto de apreensão

— Agora ela é lady Faulconer, sra. Stalwart - ele corrigiu governanta com tom triste.

A mulher franziu a testa impaciente.

— Bem, se lady Faulconer precisa de um vigário, certamente poderá encontrar alguém que esteja mais próximo de Derbyshire.

— Creio que ela esteja precisando mais de um amigo do que de um vigário. E eu me considero amigo dela.

— Aconteceu alguma coisa? Ela não está bem?

— É o que pretendo descobrir.

Notando a determinação estampada no rosto do religioso a criada suspirou resignada.

— bom. Não gosto de saber que pretende sair por aí percorrendo toda a Inglaterra dessa maneira. Não deve ser saudável para um cavalheiro de sua idade.

Humbly sorriu divertindo-se com a idéia

— Não tema por mim, sra. Stalwart. Logo estarei confortavelmente instalado em meu adorável chalé sem nenhuma outra pressão ameaçando minha delicada constituição. Meu maior esforço será uma caminhada pelo jardim.

— Não gosto disso - a governanta repetiu com tom sombrio — Não e natural, garanto.

Humbly não discordava dos sentimentos de sua fiel servidora No fundo, era um cavalheiro que apreciava a familiaridade de seu velho vicariato e o conforto da própria cama. A última coisa que desejava era sacudir seus velhos e cansados ossos numa estrada esburacada e poeirenta. Mas também era um cavalheiro que conhecia seu dever.

Havia realizado o casamento de Beatrice com lorde Faulconer. Tinha de garantir que eles fossem felizes para sempre.

O vigário suspirou novamente.

Estava começando a desenvolver uma sincera simpatia pelas condições do pobre Cupido.

Capítulo I

Meu Deus, que ocupação mais estranha! Não que eu esteja reclamando, meu caro Gabriel. Deus sabe que uma mulher em minha posição jamais consideraria a hipótese de lastimar seu quinhão na vida. É nosso dever cristão mostrar resignação e alegria com tudo que nos cai nas mãos. E na verdade, Beatrice é uma menina tão querida, que nem posso criticá-la por manter um hobby tão peculiar. Gostaria, no entanto, que ela não permitisse que esses horríveis mercadores adentrassem a propriedade fora do horário considerado decente.

Com um profundo sentimento de relutância, Gabriel Baxtor, conde de Faulconer, deixou de lado o jornal matinal para olhar para sua tia Sarah. A mulher acabara de entrar no aposento. Uma mulher delicada com cabelos grisalhos, ela se vestia de forma bastante apropriada usando negro, uma cor adequada ao papel auto-imposto de mártir.

Via de regra, Gabriel tolerava suas doces reclamações com a mesma resignação silenciosa com que suportava a procissão de trabalhadores braçais contratados para reparar a dilapidada propriedade e a desconfiança aberta de seus numerosos colonos.

Depois da morte súbita de seu pai e do irmão mais velho em um naufrágio terrível, quando o iate da família afundara de maneira inesperada e surpreendente no Canal, ele não percebera de imediato o peso do fardo que teria de carregar.

O antigo conde de Faulconer era um renomado réprobo com maior interesse em buscar os próprios prazeres do que em cuidar de sua já debilitada propriedade. O filho mais velho seguira seus passos com ardor ainda mais impressionante, perdendo nas mesas de jogo o pouco dinheiro que havia restado e fazendo pesados empréstimos empenhando como garantia os rendimentos futuros de Falcon Park.

Gabriel desistira dos dois logo depois de completar dezessete anos. Nunca encontrara

prazer nas festas escandalosas oferecidas pelo pai, nem nas pessoas de caráter duvidoso que freqüentavam os círculos sociais adotados por ele. Na verdade, sentia profunda vergonha do estilo de vida hedonista adotado por sua família e não suportava ver a antiga casa sucumbindo sob o peso da negligência, enquanto os colonos enfrentavam sofrimento maior a cada ano que passava.

De forma covarde, talvez, havia escolhido entrar para o Exército a assistir ao doloroso declínio do orgulhoso nome Faulconer. Queria afastar-se o máximo possível do inevitável mergulho na pobreza que destruiria literalmente centenas de vidas.

Jamais havia imaginado que o pai e o irmão, dois homens incapazes e fúteis, seriam arrancados desse mundo juntos. E que ele ficaria para enfrentar sozinho o desastre e herdar o título de conde de Faulconer.

A verdade não se fizera sentir até que ele retornara sozinho ao deserto Falcon Park e não encontrara ali ninguém para recebê-lo. Não. Havia alguém. A desesperada tia Sarah e uma centena de colonos ressentidos que o consideravam responsável pela recuperação da glória do Falcon Park.

Gabriel balançou a cabeça devagar, franzindo a testa e ressaltando as linhas sombrias desenhadas no rosto bronzeado por horas de exposição ao sol, conseqüência inevitável do trabalho duro a que se entregava nos campos.

Havia sido chocante e assustador descobrir a temerosa profundidade da loucura de seu pai. Não só ele havia sangrado a propriedade até esgotá-la em termos de recursos, como também vendera todas as jóias e as obras de arte que teriam servido para ajudá-lo nesse momento de desespero. Se tivesse as jóias e as obras, ganharia algum tempo para considerar a confusão que o cercava. Estava mergulhado na mais completa miséria, sem nenhuma esperança de fazer render a propriedade, a menos que obtivesse um gigantesco influxo de capital para plantar os campos e substituir todas as ferramentas que haviam sido abandonadas sem manutenção no celeiro quase demolido.

Além disso, ainda tinha de considerar o lamentável estado da casa e dos numerosos bangalôs que não serviam para abrigar nem mesmo os ratos, quanto mais os colonos.

Daí surgira a necessidade de entrar em ação.

E era uma necessidade premente.

Por isso ele agira.

Seus traços sombrios ganharam uma obscuridade ainda maior quando os últimos raios do sol de maio cintilaram sobre as mechas avermelhadas que davam vida aos seus cabelos castanhos.

Como qualquer cavalheiro vivendo uma situação difícil, correra para Londres e seduzira a herdeira mais provável que conseguira encontrar. Era o único meio respeitável de recuperar sua propriedade. Especialmente para um cavalheiro que não tinha habilidades além do campo de batalha. E em pouco tempo ele atingira o objetivo.

Casara-se com a rica srta. Beatrice Chaswell, e em alguns poucos meses toda a propriedade começara a refletir os efeitos benéficos de sua vasta fortuna.

Os bangalôs foram reformados, os campos eram semeados, e até a casa principal passava por uma restauração completa.

Tudo havia acontecido exatamente como ele esperava, como desejara com desespero e angústia.

E nunca se sentira tão infeliz em toda sua vida.

Percebendo que a tia o observava com um misto de expectativa e curiosidade, Gabriel baniu da mente os pensamentos inquietantes e deprimentes e forçou os músculos do corpo a um estado de relaxamento.

Fizera sua escolha, e agora era hora de pagar o preço.

— Bom dia, tia Sarah — conseguiu dizer com tom neutro.

— Suponho que todo esse barulho de marteladas e serrotes também o tenha despertado, pobre menino. — Ela falava enquanto se aproximava do bufê e começava a encher um prato com comida.

— Na verdade, estou em pé há várias horas. Fui informado de que o feno é mais doce quando é cortado em maio, e por isso tenho me esforçado muito para que a tarefa seja concluída a contento.

— De fato? Que bom. Vejo que não temos ovos novamente para o café da manhã. Ah, bem, vou ter de me contentar simplesmente com a torrada. — Tia Sarah emitiu um suspiro pesaroso, depois continuou enchendo o prato com presunto, torradas e uma vasta variedade de outras delícias antes de ir sentar-se à mesa. Então ela sofreu um delicado tremor, fechando os olhos ao ouvir o ruído distante de um atrito entre metais. — Francamente, Gabriel, quanto barulho! Não pode ser favorável à digestão. Talvez eu deva conversar com Beatrice. Só para insinuar que você ficaria mais satisfeito...

— Não — Gabriel interrompeu com tom seco.

A mulher reagiu com evidente surpresa.

— Como disse?

— Eu disse não. Beatrice gosta de estar sempre perseguindo as últimas invenções. Não quero que ela seja aborrecida ou que se sinta pressionada a abandonar seus interesses.

Com um movimento resignado das mãos, tia Beatrice ofereceu um sorriso pálido.

— Oh, não, certamente não. E devo dizer, meu querido Gabriel, que você é um marido maravilhoso por sua indulgência. Poucos cavalheiros teriam essa imensa generosidade de permitir que a esposa se dedique a um hábito tão singular.

Gabriel sentiu a conhecida pontada de dor ao pensar na esposa. Antes do casamento, ela o fitava com um brilho de felicidade nos olhos. Sempre o tratara com doçura, com inabalável confiança. E ele se esforçara para assegurar que ela nunca se desapontasse com seu prometido.

Mas, é claro, o destino nunca é tão bondoso.

Mal haviam terminado de trocar os votos, quando ela, por uma dessas infelicidades da vida, ouvira uma conversa sobre sua lamentável situação financeira. Então Beatrice compreendera a insistência com que a pressionara para que se casassem depressa e a determinação de levá-la para Derbyshire o mais rápido possível.

E com essa compreensão surgira também um profundo e inabalável ódio contra seu novo marido.

Um ódio que não diminuíra em nada nas últimas semanas.

— Oh, sim, sou mesmo indulgente — ele concordara com tom frio.

Tia Sarah deu um gracioso suspiro.

— Não creio que Beatrice aprecie inteiramente a própria sorte por tê-lo como marido.

Gabriel riu, mas não havia humor nessa risada.

— Asseguro-lhe, tia Sarah, que Beatrice tem plena consciência da própria sorte e dos caminhos que a levaram ao título de lady Faulconer. E, provavelmente, é precisamente por isso que desejo mimá-la. Uma esposa deve receber algo de seu marido.

— Como está estranho esta manhã, meu querido — respondeu a mulher, demonstrando a mesma indiferença de sempre ao fato de que, não fosse por Beatrice, não haveria comida em seu prato nem uma cama seca para dormir. — Como se Beatrice não se sentisse honrada por ser uma condessa. Isso é, em verdade, mais do que ela merece por ser neta de um mercador. Nem todos os cavalheiros deixariam de dar a devida importância a tão infeliz

conexão.

Gabriel levantou-se bruscamente, sem sequer tentar disfarçar o desgosto provocado pelas maneiras esnobes da tia. Era demais.

Estavam vivendo na mais completa miséria até a chegada de Beatrice e do dinheiro do avô dela. Era ultrajante fingir que haviam feito um grande favor à jovem donzela arrastando-a para uma casa velha e dilapidada cujo teto pingava e onde não havia criados.

— Está enganada, minha tia — ele disse por entre os dentes. — Existem centenas de cavalheiros desejando uma conexão com Beatrice, e não estou exagerando.

Sem se dar conta da perigosa mudança no tom de voz e na atitude geral do sobrinho, tia Sarah sorriu de um jeito complacente.

— E você superou todos eles, não foi? Que menino astuto.

— Ou, sim, sou a mais perfeita imagem da astúcia. — Ele fez uma rápida mesura. — Com licença. Devo ir encontrar meu lacaio.

Profundamente aborrecido com a ingenuidade da tia e com ele mesmo por ter permitido que emoções sempre tão bem controladas fossem provocadas, Gabriel deixou a sala e atravessou o longo corredor.

Era raro, mas não se incomodava com a visão desagradável do carpete desbotado ou dos estofados manchados. Em vez disso, tentou concentrar os pensamentos na vasta quantidade de trabalho que esperava por sua atenção.

No Exército, nunca havia considerado as dificuldades de ser um fazendeiro. Imaginava que só precisava jogar algumas sementes no chão e esperar que a natureza fizesse o resto.

Agora sentia vontade de rir da própria ingenuidade. O trabalho de fazendeiro não era apenas um esforço contínuo e uma constante preocupação, mas também descobrira que a propriedade ainda não conhecia as últimas técnicas adotadas por seus vizinhos. Ao longo dos últimos meses, buscara com diligência todo o conhecimento que pudera amealhar sobre os melhores métodos de implementar a produção e proteger a terra contra o esgotamento de nutrientes, mas sabia que ainda lhe faltava experiência.

Era frustrante considerar os anos que havia perdido nos campos de batalha. Se soubesse o que a vida lhe reservava, teria se dedicado ao estudo determinado de tudo que se relacionava à administração da terra. Em sua situação atual, estava sempre se esforçando para não parecer um completo idiota.

Dizendo a si mesmo que era inútil lamentar o passado, Gabriel começou a descer a escada, mas parou de repente ao se deparar com a esposa.

Embora ainda fosse muito cedo, o confortável e prático vestido cinza já exibia marcas deixadas pela sujeira, principalmente na barra que tocava o piso de madeira polida do degrau. Até os macios cabelos cor de mel haviam conseguido escapar do coque no alto de sua cabeça e se encaracolavam em mechas bem definidas em torno do rosto redondo.

Gabriel conteve um sorriso divertido diante da aparência descomposta de Beatrice. Ela jamais poderia aspirar à beleza tradicional com suas numerosas curvas e seus traços comuns, mas havia certo encanto em seu ar de indiferença com relação à moda.

Essa era uma mulher rara, sem vaidade. Alguém que não se deixava escravizar pela devoção à moda. Seus pensamentos eram consumidos por questões muito mais importantes.

O prazer de vê-la, no entanto, foi esmagado quando seus olhos de âmbar escuro tornaram-se duros e frios ao registrarem sua presença.

— Beatrice — Gabriel murmurou, sabendo que ela seria bem capaz de passar por ele sem ao menos cumprimentá-lo. Desde que chegara ao Falcon Park, ela havia conseguido evitá-lo com esplêndida facilidade. Só as inequívocas mudanças pela casa o levavam a ter certeza de que ela não havia ido embora.

Detendo-se com evidente relutância, ela o encarou com ar altivo e gelado.

— Bom dia, meu lorde.

Não havia como não notar o súbito frio no ar, mas Gabriel, teimoso que era, ainda tentou aproximar-se de sua obstinada esposa.

— Já tomou café?

— Ainda não.

— Sugiro que evite a sala de refeições — ele a preveniu com a habitual generosidade. — Tia Sarah está num daqueles dias de insatisfação e mau humor.

Ela encolheu os ombros.

— Estava mesmo indo para os meus aposentos. Quero mudar de roupa. Prometi ao vigário que iria à casa da sra. Patton.

Uma ruga surgiu entre as sobrancelhas de Gabriel. Embora raramente visse a esposa, tinha consciência de que ela estava sempre visitando os colonos. Eram visitas tão freqüentes que às vezes temia que ela se estivesse esforçando demais na ânsia de tornar a vida mais fácil para outras pessoas.

— Não deve permitir que ele a explore, minha querida — Gabriel opinou com tom cauteloso. — Estou certo de que um dos lacaios poderia levar uma cesta com alimentos à casa da viúva.

— É meu dever, meu lorde — a resposta soou gelada.

Gabriel foi tomado por uma súbita tensão, resultado da provo cação velada.

Dever. Oh, sim.

— Tinha o estômago cheio de deveres que ainda tentava digerir. Havia sido exatamente o senso de dever que o colocara na difícil posição em que se encontrava agora.

— É claro. Todos nós temos nossas obrigações, não é?

Ela corou ao identificar o sarcasmo na voz do marido.

— É como está dizendo.

— Não vou mais retardá-la.

— Bom dia, meu lorde.

Lamentando instantaneamente por ter mais uma vez perdido a oportunidade de quebrar o gelo entre eles, Gabriel pousou a mão em seu braço.

— Beatrice...

Ela recuou com firmeza, esquivando-se ao toque, mas parou para encará-lo com as sobrancelhas erguidas.

— Sim?

— Vai jantar conosco esta noite?

— Teremos convidados?

— Não que saiba. No entanto, seria uma agradável mudança contar com a presença de minha esposa à mesa.

— Prefiro uma bandeja em meu quarto, meu lorde.

Gabriel respirou fundo para conter a onda de impaciência.

Lembrava um tempo em que ela se mostrava sempre ansiosa para estar em sua presença, um tempo em que aqueles olhos cor de âmbar brilhavam e ganhavam vida quando ele entrava em um aposento.

Era impossível que ela houvesse enterrado completamente seus sentimentos por ele. Não era? No fundo, em algum recanto recluso da alma, ainda devia haver uma brasa encoberta

esperando por um sopro que a fizesse reviver.

Por que ela tinha de tornar tudo tão difícil para os dois?

— Por quanto tempo pretende prosseguir com esse jogo, Beatrice? — ele perguntou. — Não acha que já fui mais do que punido?

Ela estreitou os olhos.

— Não é nenhum jogo, senhor.

— É evidente que é. Esconde-se de mim como uma criança petulante.

— Foi você quem desejou esse casamento. Por favor, não venha reclamar agora por não estar vivendo exatamente como imaginou.

Seus lábios se encurvaram quando ele recordou o tolo sonho do passado. Em sua imaginação, Beatrice seria uma esposa amorosa que nunca descobriria nada sobre sua necessidade por sua fortuna, e ele poderia se dedicar galantemente a fazê-la feliz.

Tolos sonhos que haviam sido desfeitos antes mesmo de poderem começar.

— Lembro-me de que também estava mais do que ansiosa pelo nosso casamento, minha querida.

Algo que poderia ser dor passou por seus traços pálidos, mas ela baniu a emoção do rosto e assumiu uma expressão severa e dura.

— Sim, mas, diferente de você, aprendi a aceitar que o enlace foi um gigantesco e terrível engano.

Ele balançou a cabeça devagar.

— Não precisa ser um engano. Podemos fazer esse casamento tão confortável quanto qualquer outro. Mais do que a maioria, se nos esforçarmos um pouco.

— Um casamento baseado em mentiras jamais poderá ser mais do que um deboche vazio.

Ele emitiu um suspiro profundo expressando frustração.

— Eu nunca menti para você, Beatrice. Não pode me acusar disso.

Ela se mostrava inabalável, como se nem ouvisse os protestos diligentes com que ele afirmava nunca ter mentido diretamente durante o breve período de namoro.

— Não mentiu, meu lorde? Na melhor das hipóteses, não se apresentou corretamente.

Ele a encarou intrigado.

— Como assim? De que me acusa agora?

— Fingiu se importar comigo, meu lorde.

Gabriel recebeu a acusação como se sofresse um golpe físico.

— E como pode estar tão certa de que não me importo?

De repente ela virou o rosto para o painel escuro que revestia a parede ao longo da escada.

— Se tivesse algum sentimento genuíno por mim, teria me contado a verdade desde o início.

Seus punhos estavam cerrados no esforço de manter a calma. Havia pensado em cada detalhe do namoro pelo menos uma centena de vezes, e em cada uma delas havia perguntado a si mesmo o que poderia ter feito diferente. E em cada ocasião a resposta havia sido a mesma.

Havia feito a única coisa que era possível.

— E você jamais teria me permitido uma aproximação. Nunca mais — ele opinou com sinceridade.

— Pelo menos teríamos sido poupados do desastre que estamos vivendo.

Queria segurá-la pelos ombros e sacudi-la até fazê-la enxergar a razão. Como alguém podia viver de um jeito tão incômodo?

— É tarde demais para lamentações. — Ele a tocou no queixo para fazê-la encará-lo. Como sempre, sobressaltou-se com a suavidade de sua pele de cetim. Tão macia e tentadora... — Estamos casados e devemos tirar o melhor proveito possível dessa situação.

Ela se livrou do contato com um movimento brusco de cabeça.

— É fácil falar assim, meu lorde. Já tem aquilo que queria.

Gabriel gargalhou com amargura.

— É isso que pensa?

— Já tem sua fortuna.

— E qual é o seu desejo, Beatrice?

— Só quero ser deixada em paz. Com licença.

Com movimentos determinados, ela se virou para continuar subindo a escada. Gabriel deixou que ela se fosse, pois sabia por experiência que era impossível forçá-la a ouvir suas palavras.

Fizera tudo que era possível para deixar Beatrice confortável no Falcon Park. Permitira que ela escolhesse seus aposentos, mesmo sendo distantes dos dele. Encorajara a esposa a começar a se encontrar com vários inventores da região rural que esperavam obter seu patrocínio. E, mais importante que tudo, nunca a pressionara exigindo o cumprimento de seus deveres conjugais.

E mesmo assim, a mulher era incapaz de demonstrar um mínimo de gratidão por seus esforços, ele pensou irritado.

Beatrice o rotulara como o inimigo e, estava começando a temer, que nada poderia fazê-la mudar de idéia.

Para seu enorme desgosto, Beatrice percebeu que estava tremendo quando entrou em seu quarto e fechou a porta. Santos e anjos...

Por que não era capaz de encontrar o marido sem sentir que o coração era arrancado de seu peito?

Porque teve o mau gosto de apaixonar-se por esse homem, uma voz zombou no fundo de sua mente.

Perturbada, atravessou sem pressa o quarto reformado que ela havia decorado num tom pálido de amarelo combinado a um branco leitoso.

Como havia sido tola.

Há anos havia percebido que estava predestinada a ser um alvo para os caçadores de fortuna. Nenhuma donzela poderia ser herdeira de tão embaraçoso legado sem atrair a atenção de canalhas indesejáveis. Especialmente uma donzela que não dispunha de graça ou beleza para capturar o coração de um cavalheiro em condições de se casar por amor.

Mas, talvez por arrogância, acreditara ser inteligente demais para ser enganada por um trapaceiro vulgar.

Não era uma debutante deslumbrada para se deixar encantar por palavras doces e beijos ensaiados.

Oh, não, Beatrice Chaswell era inteligente demais para cair nas garras de um caçador de fortunas.

De repente ela fechou os olhos e sentiu um forte arrepio sacudir seu corpo. Gabriel a fizera enxergar que não era tão astuta quanto havia pensado.

Era fácil manter-se alerta para os elogios fingidos e os truques habituais para envolvê-la e

atraí-la para uma situação comprometedora. Como poderia ter se preparado para um cavalheiro que afirmava ser seu amigo?

Beatrice parou diante da janela de onde podia ver o jardim abandonado, e ainda estava lá quando batidas suaves na porta a arrancaram da amarga reflexão. Alisando a saia com as mãos, ela atravessou o quarto novamente. Raramente notava a própria aparência, já que nem o mais lindo vestido do mundo ou o mais habilidoso cabeleireiro poderiam torná-la mais bela. Além do mais, não seria capaz de estudar a ampla variedade de máquinas levadas até ali para sua inspeção sem se sujar um pouco.

Ao abrir a porta, ela descobriu uma criada parada no corredor.

— Com sua licença, minha lady. — A mulher fez uma mesura, respeitosa e apreensiva.

— Sim, Hilda. O que é?

— Há um cavalheiro desejando vê-la.

Beatrice franziu a testa. Os criados por ela contratados haviam sido bem treinados para impedir que os numerosos inventores que buscavam seu patrocínio fossem recebidos apenas nas primeiras horas do dia.

— Disse ao homem que só recebo mercadores e negociantes mediante horário marcado? Leve-o para conversar com o sr. Eaton — ela ordenou, referindo-se ao eficiente secretário.

— Esse cavalheiro não é um mercador, senhora. É o vigário Humbly — Hilda corrigiu sua patroa.

Beatrice arregalou os olhos numa reação surpresa.

— O vigário Humbly?

— Creio que foi esse o nome com que ele se apresentou.

Uma onda de prazer e alegria a percorreu. O doce e querido sr. Humbly...

Até aquele momento, não havia percebido com precisão quanta falta sentira de seus divertidos resmungos e dos estranhos flashes de percepção que surgiam do nada sem aviso prévio. Embora fosse mais velho do que seu pai, ele era uma das poucas pessoas com quem se sentia confortável.

Talvez por nunca ter sentido que ele a julgava ou que a considerava inadequada em algum nível. Ou porque ele parecia apreciar seus talentos com sinceridade, o que era algo bastante raro entre as pessoas de sua convivência.

Qualquer que fosse o motivo, Beatrice não podia negar um profundo sentimento de alegria diante da possibilidade de revê-lo.

— Onde o deixou esperando?

— No salão da frente.

— Diga ao vigário que descerei em instantes — ela instruiu a criada. — E providencie chá.

— Sim, minha senhora.

Beatrice foi tomada de assalto por um pensamento súbito.

— Oh, Hilda, e certifique-se de que a cozinheira sirva vários tipos de bolos. O vigário Humbly adora doces.

— Perfeitamente.

Com um entusiasmo que não sentia desde sua chegada ao Falcon Park, ela se apressou em trocar o vestido por outro de tecido rosado e tentou domesticar os cachos cor de mel para dar a eles uma aparência de ordem e limpeza. Lembrou-se até de lavar as mãos para livrá-las da sujeira constante das máquinas.

Não havia mais nada a ser feito para tornar sua aparência mais elegante ou altiva. Certamente, nenhum artifício poderia transformar seu porte reduzido e arredondado no de uma esguia condessa.

Ela mais parecia a filha de um fazendeiro, e nenhuma quantidade de vestidos ou fitas poderia alterar esse fato deprimente.

Com uma careta para a imagem refletida pelo espelho, ela se virou e caminhou para a porta com passos firmes.

Há muito havia decidido não lamentar o que nunca poderia ser ou ter. Era uma criatura prática.

No corredor, Beatrice seguiu para a escada. Quando chegara a Falcon Park, ficara horrorizada ao descobrir o péssimo estado de conservação da impressionante propriedade. Construída sob forte influência gótica, ela possuía portões amplos e imponentes, aposentos largos e teto alto No interior da casa, no entanto, a escuridão e a umidade terminavam de destruir a mobília que há muito fora entregue ao abandono. Não havia nenhuma chance de reparo para os móveis.

Durante a primeira semana, ela se limitara a vagar pelos cômodos dominada por um horrível sentimento de pesar. Não só por ter percebido que seu casamento com Gabriel era uma farsa, mas porque a casa que sempre sonhara possuir não passava de uma pilha de destroços imprestáveis.

Não era exatamente um sonho.

O bom senso se impusera. Sabia que não poderia fazer Gabriel voltar a ser seu cavaleiro encantado, mas podia devolver a Falcon Park sua antiga glória.

Com a habitual eficiência, ela se dedicara a contratar uma poderosa força de trabalho composta por homens e mulheres da região e enviara lacaios a Londres com a missão de voltar com arquitetos e artistas que pudessem planejar e supervisionar a delicada tarefa de reparar os estragos feitos pelo tempo sem destruir a preciosa história do edifício.

Primeiro haviam sido os aposentos privados, claro. Beatrice não via nenhuma graça em sentir os pingos da chuva caindo sobre sua cabeça enquanto tentava dormir em sua cama. Depois fora a vez da cozinha e dos aposentos dos criados, um espaço que ela preenchera com toda a mão-de-obra necessária para garantir a ordem, a limpeza e o conforto dentro da casa.

A capela e a sala de jantar estavam em obras, como os jardins, onde ela ordenara a construção de um amplo terraço e de uma alameda até o lago distante.

Era estranho, mas Gabriel não protestara contra a invasão de sua casa. Mesmo quando tia Sarah havia tentado inflamar sua ira com comentários ofensivos, porém proferidos em tom doce, sobre os hábitos autoritários de Beatrice, ele se limitara a silenciar a velha parenta com um olhar penetrante, informando que a condessa de Faulconer estava no comando da casa, como deveria ser.

Por um momento perigoso, Beatrice sentira a raiva perder força. Naquele breve instante, ele voltara a ser o companheiro encantador que roubara seu coração. O homem que a olhava sem piedade ou ganância, mas com uma profunda compreensão de quem ela era realmente.

Beatrice descobriu que seus passos se tornavam hesitantes, mas respirou fundo e continuou caminhando para o salão da frente. Santos e anjos, ainda não havia aprendido a verdade sobre o conde de Faulconer?

Ele a desposara por dinheiro.

Sua habilidade de fazê-la sentir que era muito mais importante em sua vida do que um mero meio para salvar sua propriedade era um truque com o qual não voltaria a se enganar.

Limpando a mente de todos os pensamentos inúteis, Beatrice abriu a porta do salão e entrou. O cômodo estava escuro e cheio de sombras, resultado das inúmeras janelas e dos

diversos pilares de sustentação. Infelizmente, a mobília que antes havia sido requintada e imponente tornara-se gasta e sem graça com o passar dos anos.

Mas lá estava ele, sentado em uma poltrona de encosto alto como um raio de sol com seus cabelos desalinhados. O vigário Humbly ainda era o mesmo. Ainda ostentava aquele velho casaco amassado e um sorriso capaz de suavizar até o mais pesado e sombrio dos corações.

— Sr. Humbly — ela disse, correndo para atirar-se em seus braços enquanto o homem se levantava com alguma dificuldade.

Um doce conforto a invadiu quando, carinhoso e paternal, ele bateu em suas costas e recuou um passo para estudá-la com seus amorosos olhos castanhos.

— Beatrice, minha querida, como é maravilhoso vê-la outra vez.

— O que está fazendo em Derbyshire?

Uma expressão de desânimo quase cômico contorceu os traços do rosto rechonchudo do vigário.

— Oh, céus, não outra vez...

Beatrice piscou confusa.

— O que disse?

— Tinha certeza de que havia enviado uma carta anunciando minha visita iminente. — Ele suspirou profundamente e balançou a cabeça com ar resignado. — Sem dúvida, a carta ainda deve estar sobre minha mesa, esperando para ser despachada. Receio, minha querida, que me tenha tornado mais distraído com a idade. Uma perspectiva amedrontadora, não acha?

Ela riu do tom estranho do vigário. Para sua satisfação, percebia como era bom rir novamente. Há muito tempo não conseguia se divertir com nada.

— Não se incomode com a carta. Asseguro-lhe que a surpresa é mais do que agradável.

— Quanta bondade sua, minha criança.

— Bobagem — ela insistiu, segurando-o pelo braço para levá-lo ao sofá. Depois de acomodá-lo sobre as almofadas desbotadas, ela se sentou ao lado do religioso. — É uma alegria receber um hóspede tão querido em minha casa. E você é o primeiro, sabe?

— De fato? — Humbly sorriu. — Bem, imagino que seja rude invadir a privacidade de um casal de pombinhos em lua-de-mel. Espero que não me julgue desprovido de sensibilidade.

Beatrice ficou subitamente tensa, apesar da intenção de relaxar e desfrutar da agradável presença do vigário. Ouvir alguém falar como se ela e Gabriel fossem dois apaixonados desesperados por solidão e privacidade era ridículo.

— Garanto que não está invadindo nada — ela respondeu com firmeza. — Realmente, considero sua chegada como uma distração mais do que bem-vinda. Lorde Faulconer tem estado muito ocupado restaurando os campos e os bangalôs.

Humbly olhou em volta como se estudasse o salão, aceitando sua justificativa para a falta de convivência íntima e constante com o marido.

— Entendo o desejo do conde de restaurar Falcon Park. É uma bela propriedade. O terreno é próspero e a casa é sólida.

Beatrice ofereceu um sorriso pálido.

— Receio que toda a propriedade tenha sido negligenciada, sr. Humbly.

— Nada que não possa ser restaurado — ele opinou com seu costumeiro tom doce. — Dedique seu trabalho ao Senhor, e todos os seus planos serão realizados.

Beatrice descobriu-se rindo com facilidade mais uma vez.

— Na verdade, nós já contratamos um pequeno exército de trabalhadores que, como vai perceber em breve, parecem estar sempre no nosso caminho nos momentos mais inconvenientes.

Os olhos castanhos do religioso brilhavam de entusiasmo e alegria.

— Ah, mas pense no resultado...

Era algo em que Beatrice pensava freqüentemente. Qualquer que fosse a razão para estar em Falcon Park, sabia que sentiria um grande orgulho quando o trabalho estivesse concluído. Ter uma influência tão direta nos reparos havia servido para forjar um forte laço com a casa, uma ligação que ela nunca havia esperado sentir.

— Sim, tenho esperanças de que, no final, todo o sacrifício e esforço sejam recompensados.

Ele a encarou com uma expressão estranha, como se pudesse ler sua alma.

— Todas as coisas que são realmente importantes exigem algum sacrifício.

— Sim — Beatrice murmurou, embora sentisse que o vigário se referia a algo maior do que telhados com goteiras e janelas com vidraças quebradas.

Foi um grande alívio quando a porta se abriu e uma criada entrou para deixar a bandeja de chá diante do sofá.

— Obrigada, Hilda — ela agradeceu enquanto a jovem executava uma mesura e deixava a sala. Depois de despejar a bebida quente e doce em duas xícaras, ela serviu vários tipos de guloseimas em um prato para oferecer ao vigário. — Vai perceber que não esqueci sua preferência pelos doces, sr. Humbly.

O homem riu satisfeito ao receber o prato.

— Quanta bondade. Oh, céus, são tortas de limão?

— Creio que sim.

— Celestiais — ele decretou depois de dar a primeira mordida em uma das pequeninas tortas.

Recostando-se nas almofadas encaroçadas, Beatrice observou seu hóspede com curiosidade óbvia.

— Muito bem, agora que já ultrapassamos esse primeiro estágio, por que não me conta o que o trouxe a Derbyshire?

— Bem, senti vontade de revê-la, é claro, minha querida. E tenho um velho amigo não muito longe daqui, alguém que desejava visitar. Infelizmente, ele não está muito bem de saúde, e não me senti à vontade para impor minha presença num momento de tão grande desconforto.

Ela sorriu revelando compreensão e solidariedade.

— Lamento que seu amigo não esteja bem, mas fico feliz por poder hospedá-lo em Falcon Park.

Humbly terminou de devorar a primeira torta e serviu-se da segunda.

— Espero que seu marido também fique satisfeito com minha presença. Afinal, não passo de um estranho para ele.

Para ser franca, Beatrice nem sequer havia pensado na reação do marido.

— Não se preocupe, vigário. Lorde Faulconer ficará encantado por tê-lo como nosso hóspede — ela decretou, exibindo mais confiança do que sentia. — Mais chá?

— Não, obrigado. Talvez aceite mais uma dessas tortas.

— É claro. — Beatrice voltou a encher o prato do velho amigo e o assistiu com prazer enquanto ele rapidamente consumia o último confeito. Felizmente, havia conseguido atrair uma cozinheira que trabalhava como temporária para uma hospedaria próxima dali.

— Como vai a sra. Stalwart? Humbly torceu o nariz.

— Muito bem, embora esteja aborrecida comigo no presente momento.

Beatrice não duvidava de que a governanta superprotetora estivesse aborrecida com o vigário se aventurando pelas estradas que levavam ao Norte, tão longe de casa.

— Ela não desejava que viajasse tão grande distância de Surrey?

— Exatamente. — O homem suspirou. — Quem a ouvisse pensaria que eu planejava velejar até as colônias.

— Bem, é uma distância considerável.

O brilho de antes retornou aos seus olhos.

— Especialmente para um homem em idade tão avançada.

— Bobagem. — O protesto foi rápido. Esse homem nunca envelheceria. Não com seu espírito jovial.

— Mas essa não era sua única queixa. Entenda, minha querida que recebi ordens expressas para organizar minha biblioteca de forma que os livros possam ser embalados e levados para o meu chalé.

— Seu chalé? Vai deixar o vicariato? — ela indagou assustada,

— Oh, sim, em breve estarei me aposentando.

Beatrice sentiu um forte sentimento de perda. Sempre houvera algo de muito confortante em ter o sr. Humbly no vicariato. Uma constância em um mundo de muitas mudanças.

— Mas isso é terrível.

— Oh, não, minha querida, é inteiramente para o melhor — ele a corrigiu com alegria e paciência. — Estou ficando velho e cansado e tenho esperado com grande ansiedade por um tempo de tranqüilidade, quando passarei os dias cuidando do jardim e descansando diante da lareira sem o temor de ser chamado para longe de meu refúgio. Além do mais, o novo vigário é um cavalheiro excepcional. Não duvido de que a igreja estará em mãos competentes.

— Mas não serão as suas — Beatrice insistiu com tristeza.

Antes que o vigário pudesse responder, a porta se abriu novamente. Esperando que Hilda retornasse a qualquer momento para retirar a bandeja com os utensílios usados, Beatrice se sentiu paralisada pela surpresa de ver seu elegante marido entrando no salão.

Um arrepio de alerta que ela não podia evitar, apesar das firmes tentativas, percorreu seu corpo. Apesar de estar vestido casualmente em calça de montar e casaco marrom, ele ainda conseguia manter um ar de poder contido e força inigualável. Era algo que fazia parte da precisão graciosa de seus movimentos, da autoridade entalhada nos traços de beleza quase perfeita.

Não era de estranhar que houvesse ficado encantada com ele como uma tola estudante, Beatrice pensou ressentida. Poucos cavalheiros podiam ser comparados a Gabriel em aparência e atrativos.

Especialmente quando ele combinava os atributos naturais com beijos roubados que faziam seu sangue ferver e os joelhos tremerem.

Sem se dar conta de seus pensamentos impróprios, para sorte de Beatrice, Gabriel seguiu em frente e encarou o vigário Humbly com expressão séria.

— Fui informado de que temos um visitante. Posso ter a honra de dar-lhe as boas vindas a Falcon Park?

Capítulo II

— Obrigado, meu lorde.

Gabriel sentiu o corpo se livrar lentamente da tensão que dele se apoderara quando descobrira que um velho conhecido havia chegado procurando por sua esposa. Não sabia ao certo o que esperava encontrar. Talvez um de seus antigos pretendentes dispostos a amenizar a evidente decepção que ela sofrerá com o marido. Ou um amigo bisbilhoteiro que tentaria persuadi-la a retornar ao conforto de seu lar em Surrey.

Agora se sentia bastante tolo por constatar que o visitante era apenas o velho vigário de Beatrice, o religioso que realizara a cerimônia de seu casamento.

De certo, a chegada de Humbly não devia ter provocado seu retorno precipitado dos campos ou a entrada intempestiva na casa, ele reconheceu constrangido. Não se movia com idêntica determinação desde que deixara os campos de batalha de Napoleão.

— Que encantador — ele murmurou, executando uma elegante mesura.

O idoso cavalheiro se esforçava para levantar-se do sofá, onde até então deixara repousar o corpo pesado e cansado.

— Espero que me perdoe, meu lorde — ele disse ofegante, tentando de maneira quase distraída domesticar o punhado de cabelos grisalhos que insistia em se comportar como uma entidade independente. — Tenho a impressão de que a carta anunciando minha chegada iminente nunca foi despachada. Sem dúvida porque ainda permanece sobre minha escrivaninha. Receio ter causado uma grande surpresa e um lamentável inconveniente. Gabriel sorriu, embora com alguma frieza.

— Não é nenhum inconveniente, sr. Humbly. E não precisa se desculpar. É um prazer para nós tê-lo aqui em nossa casa.

— Quanta gentileza.

— De maneira nenhuma. — Gabriel olhou para a esposa e surpreendeu-se ao ver seus olhos encantadores iluminados por um calor que não via há algum tempo. Muito tempo. Era impossível ignorar o ciúme que acompanhava a surpresa. Afinal, não era ele o motivo daquela súbita luz. Mas, determinado como sempre fora, ele logo controlou o sentimento fútil. — Espero que Beatrice o tenha prevenido sobre a invasão de um exército de operários em nossa casa.

O vigário moveu a cabeça em sentido afirmativo.

— Sim, certamente. A propósito, esta é uma casa simplesmente adorável. Deve haver muita história contida entre essas cinzentas paredes de pedra.

Gabriel conteve um sorriso ao recordar as histórias de gosto duvidoso, protagonizadas pelos membros do clã Faulconer. Eram uma das mais requintadas famílias da Inglaterra, e mesmo assim havia uma embaraçosa profusão de canalhas, jogadores e até alguns poucos criminosos que levavam seu nome.

— Sim, mas a maior parte não deve nem ser lembrada — ele admitiu. — Temo que meus ancestrais tenham sido pessoas bastante... excêntricas.

Longe de estar chocado com a ausência de pretensão esnobe, O vigário riu.

Tenho certeza de que quase todos nós poderíamos encontrar alguns indivíduos indesejáveis entre nossos parentes distantes.

— Sei, por exemplo, que meu bisavô foi enforcado e queimado por assaltar viajantes.

Gabriel descobriu-se estranhamente atraído por aquele peculiar cavalheiro. Havia um encanto simples nele, bem como uma luz profunda em seus olhos que sugeria inteligência.

— Se está realmente interessado, acredito haver alguns livros na biblioteca que traçam a história de Falcon Park.

O vigário se mostrou adequadamente satisfeito.

— Obrigado, sei que vou gostar muito de buscar conhecimento nessas páginas. Sempre me interessei por história.

— Eu também. — Gabriel olhou para a esposa que, até esse momento, se mantinha silenciosa. — Beatrice, por outro lado, tem a mente voltada para o futuro.

Como acontecia com muita freqüência, ela ergueu os ombros e adotou uma postura rígida diante de sua tentativa de reduzir a distância entre eles, mas o sr. Humbly não perdeu tempo e preencheu o silêncio desconfortável.

— Ah, sim, lembro-me de como Beatrice sempre se mostrou fascinada com as mais recentes invenções.

— Foi assim que meu avô amealhou sua fortuna — ela explicou em voz baixa.

Gabriel sentiu o impacto da provocação direta, mas Humbly apenas sorriu.

— Um cavalheiro muito astuto com um raro dom de perceber o potencial de várias invenções muito antes de outros conseguiram enxergar seu valor. Sempre me espantou como ele era capaz de olhar para algo que parecia ser apenas um amontoado de engrenagens e rodas e, com seus olhos perspicazes, encontrar a magia daquele objeto.

— E um dom que ele deixou de herança para a neta — Gabriel comentou, notando o olhar assustado que recebeu da esposa. — Ela recebe regularmente inventores esperançosos que trazem seus trabalhos na ânsia de obter patrocínio.

A comprovação de que seu instinto não o enganara veio quando o vigário aplaudiu com entusiasmo a notícia que acabara de ouvir, em vez de demonstrar aquela mesma desaprovação que Beatrice recebia com freqüência.

— Mas isso é maravilhoso.

Deliciosamente embaraçada, Beatrice não conseguiu impedir que uma onda de cor tingisse seu rosto de vermelho. O rubor emprestava um certo charme aos traços comuns.

— Não afirmo possuir o talento de meu avô, mas gosto da idéia de encorajar aqueles que manterão a Inglaterra à frente do mundo.

— Um sentimento mais do que admirável. Espero que me inclua nesse seu hobby fascinante — o vigário respondeu com sinceridade evidente.

Beatrice sorriu.

— Se desejar... Mas devo preveni-lo de que, na maioria das vezes, o invento não merece patrocínio ou encorajamento nenhum. Quando há dinheiro em jogo, todos os canalhas e ladrões fazem fila na porta daquele que deseja fazer a doação.

Humbly assentiu com ar de sabedoria.

— Sim, suponho que isso seja verdade.

— É tudo se torna ainda pior por eu ser mulher — Beatrice prosseguiu, adotando um tom leve que não disfarçava a frustração causada pelo preconceito que era forçada a enfrentar. — Muitos cavalheiros acreditam que, por usar um vestido, não posso ter um cérebro.

— Uma idéia que você certamente corrige rapidamente, tenho certeza, minha querida — Gabriel interferiu com tom seco.

Ela baixou os olhos repentinamente.

— Espero que sim. Não gostaria de ser considerada tola ou ingênua.

Mais uma provocação.

As palavras não foram ditas, mas pairaram no ar com a força de um ser palpável e imponente. Gabriel comprimiu os lábios. Seria sempre assim? Até as conversas mais simples teriam sempre de conter aquela horrível animosidade? Beatrice não era capaz de baixar a guarda

nem por um momento?

Tudo indicava que não, ele respondeu a si mesmo enquanto balançava a cabeça com tristeza.

Bem, tinha problemas demais esperando por sua atenção, questões que podia tentar solucionar. Era inútil ficar ali batendo com a cabeça contra uma parede de pedras.

— Não, um destino tão assustador não pode ser o quinhão dos astutos e perspicazes — ele respondeu sério, antes de virar-se e encontrar o olhar curioso do vigário. — Sr. Humbly, espero que fique absolutamente à vontade nesta casa. Beatrice, voltarei a vê-la mais tarde.

Prestes a sair com toda a dignidade que ainda conseguira preservar, Gabriel foi detido pela voz profunda do cavalheiro.

— Meu lorde?

— Sim?

— Se não se incomoda, desejo assegurar que o jovem fazendeiro que tão gentilmente me trouxe da hospedaria tenha sido alimentado. Ele recusou minha oferta de pagamento por seu trabalho, e gostaria de saber que ele recebeu alguma coisa em troca de seu esforço.

— É claro. Iremos agora mesmo à cozinha.

Gabriel esperou paciente enquanto Humbly pedia licença a Beatrice, e depois o acompanhou até a cozinha. Sabia que criava uma impressão estranha por não se incomodado em oferecer despedidas mais apropriadas à esposa, nas no momento não confiava que seu temperamento pudesse suportar quieto mais uma farpa lançada por sua língua ferina.

Caminhando pelo longo corredor, Gabriel respirou fundo e olhou para o cavalheiro muito mais baixo a seu lado. O homem esticava o pescoço para tentar enxergar o final do corredor.

— Oh, céus, uma passagem aberta — Humbly suspirou com legítima satisfação. — É tão adorável!

Como nunca estivera na posição de anfitrião, Gabriel teve de se esforçar para demonstrar alegria por estar recebendo um hóspede tão apreciativo.

— Creio que este é um dos halls mais elegantes de Derbyshire — ele disse quando se aproximaram da escada. — É claro que, como o restante da propriedade, o local tem sido tristemente negligenciado.

— Imagino que nem todas as pessoas tenham noção das dificuldades de se preservar a história — o vigário opinou sério.

— Não, suponho que não. — Gabriel pensou nas amargas queixas do pai sobre aposentos úmidos e alas inteiras ameaçando ruir.

— Se meu pai houvesse feito as coisas a sua maneira, esta casa onde agora estamos, uma monstruosidade, de acordo com as palavras dele, já teria sido demolida para dar lugar a uma vila italiana. Por sorte, as regras locais proíbem mudanças tão drásticas.

O vigário respirou fundo, incapaz de disfarçar a desaprovação e o choque causados pela ausência de apreciação do antigo conde por sua herança. Gabriel sabia que ele ficaria ainda mais chocado se tomasse conhecimento das noites de jogo e dissipação que haviam deixado os cômodos em ruínas e fizera da mobília única uma pilha de destroços sem valor ou utilidade.

— Bom Deus. Seria um pecado destruir tanta beleza — Humbly comentou balançando a cabeça.

— É exatamente o que penso — Gabriel concordou prontamente, embora no fundo tremesse ao pensar no custo de manter toda aquela beleza.

Ele e Beatrice haviam sido sacrificados pela salvação de Falcon Park.

Quase como se pudesse ler seus pensamentos, o vigário Humbly virou-se repentinamente para encará-lo com um olhar atento.

— Sem dúvida Beatrice ficou encantada quando aqui chegou. Nem todas as noivas podem ir viver em uma propriedade tão antiga e valiosa.

Gabriel sorriu enquanto continuava descendo a escada e conduzindo o hóspede para o fundo da casa.

— Não sei se encantada é a palavra ideal para descrever a reação de Beatrice.

— Impressionada, talvez?

Ele parou antes de encolher os ombros. Se esse cavalheiro ia permanecer em Falcon Park, logo descobriria que nem tudo era perfeito entre lorde e lady Faulconer.

— Temo que ela tenha ficado furiosa. Humbly piscou confuso.

— Furiosa?

— Beatrice não havia compreendido a extensão da falta de cuidado de meu pai com relação à sua herança. Nenhuma esposa ficaria feliz por descobrir que sua nova casa tem tetos com goteiras, lareiras que retêm a fumaça e só um velho retentor para suprir suas necessidades.

— Ah... — Havia uma impressionante riqueza de compreensão nessa única palavra. — Não a preveniu sobre o que a esperava aqui?

Sem perceber, Gabriel mantinha os punhos cerrados ao lado do corpo.

— Não. E asseguro que me arrependo muito dessa decisão.

— A honestidade é sempre o melhor caminho entre marido e mulher, por mais difícil que seja — murmurou o vigário.

— É mais fácil falar do que fazer.

— Realmente. — Houve um breve período de silêncio antes de Humbly surpreendê-lo com um sorriso radiante. — Mas não se preocupe. Estou certo de que Beatrice já se adaptou e logo terá a propriedade em ordem e funcionando com eficiência. Ela é uma mulher muito inteligente e capaz.

O peso que o acompanhava há dias tornou-se menor por conta das palavras reconfortantes do religioso.

Era verdade que Beatrice se dedicava inteiramente à restauração da casa. Não só a restaurá-la, ele corrigiu em silêncio, mas a preservar a beleza essencial e a grandeza da construção e do terreno que a cercava. Teria sido muito mais fácil para ela deixar a difícil tarefa nas mãos dos operários. Ou mesmo nas dele, seu marido e senhor dessas terras.

Em vez disso, ela supervisionava até os mais tediosos detalhes, combinando tecidos, tapetes, revestimentos e acessórios de forma a alcançar a mais exata perfeição. Nem um grão de poeira era retirado da casa sem sua expressa permissão.

Certamente, essa atitude indicava alguma aceitação de sua situação, ele disse a si mesmo, tentando confortar-se. Tal dedicação revelava um compromisso emocional, por maior que fosse sua antipatia pelo conde de Faulconer.

— Sim, ela já realizou mais de um milagre. E, é claro, os criados a amam.

— É muito fácil amar a doce Beatrice — Humbly lembrou com doçura.

Gabriel resistiu ao desejo de rir.

Oh, sim, ela era adorável.

Para todos, menos para ele.

Ao alcançar a ampla porta da cozinha, ele parou.

— Aqui estamos. Vou deixá-lo nas mãos competentes da cozinheira. Devo ir resolver algumas pendências e ainda ir ver como anda o trabalho nos campos.

— Certamente. — O vigário lançou em sua direção um último e penetrante olhar que pareceu alcançar o fundo de sua alma. Depois balançou a cabeça. — Voltarei a vê-lo no jantar,

sem dúvida?

— É claro.

Com uma mesura respeitosa, Gabriel virou-se e saiu por uma porta lateral bem perto da cozinha.

Havia sido um alívio descobrir que o hóspede de Beatrice era apenas o simples e idoso vigário.

Agora começava a imaginar se não havia mais na súbita visita do vigário do que parecera a princípio.

Havia algo naqueles olhos.

Algo que falava de uma sabedoria e de uma percepção que podiam ser desconcertantes.

Seus lábios se comprimiram por um momento. Era só o que precisava, ele pensou com certa dose de irritação.

Mais um problema para incomodá-lo.

Pela primeira vez desde que se tornara condessa de Faulconer, Beatrice vestiu-se cuidadosamente num vestido cor de pêssego e cuidou dos cabelos com afinco antes de descer ao salão.

Talvez houvesse sido uma grande infantilidade insistirem fazer suas refeições em esplêndido isolamento. Gabriel devia estar pensando que só não se juntava a ele e sua tia Sarah, como era considerado próprio, por despeito e rancor. Mas, na verdade, sentira-se incapaz de suportar a idéia de sentar-se à mesa fingindo que formavam apenas mais um casal de recém-casados.

A imagem era muito próxima de seus sonhos rosados, das fantasias que havia acalentado durante o breve período de noivado. Sonhos de uma vida íntima com o homem que roubara seu coração.

Essa noite, no entanto, havia feito um grande esforço para superar a relutância e chamou uma criada assustada e surpresa para ajudá-la a preparar-se para a ocasião. Não podia permanecer trancada em seu quarto quando tinham um hóspede na casa, Além do mais, estava certa de que a presença do vigário Humbly amenizaria a atmosfera gelada e a levaria a um nível tolerável, pelo menos.

Afinal, nada poderia torná-la pior, Beatrice reconheceu triste.

Parada ao lado de uma grande janela em forma de arco, ela puxava distraída uma das fitas do vestido, quando a porta se abriu e o vigário entrou no aposento.

Um sorriso distendeu seus lábios e seus olhos foram inundados por um fascínio surpreso. Ela ainda lembrava com nitidez o próprio espanto quando vira aquele salão formal pela primeira vez. Construído em forma octogonal, o aposento era dominado por uma enorme lareira com conjuntos completos e antigos de armaduras guardando os cantos. Pesados brasões bordados em veludo vermelho pendiam das paredes de pedras. Era quase possível tocar história da Cavalaria naquele ambiente.

— Céus... — Humbly murmurou enquanto se aproximava de Beatrice.

— É fascinante, não? — ela perguntou com tom compreensivo. — Ainda não encontrei um meio de preservar a atmosfera e a dignidade desta sala e ainda dar a ela um toque de conforto.

— É uma tarefa difícil, realmente. — O vigário olhou para uma das armaduras posicionada em constante estado de atenção. — Tenho a sensação de ter sido levado de volta ao passado. A qualquer momento um cavaleiro vai surgir no meio da sala e desafiar-me para uma

justa.

A idéia de ver o gordo vigário sobre um cavalo de batalha e coberto de aço a divertiu tanto, que Beatrice não conteve o riso.

— Esse cavaleiro seria muito enferrujado — ela brincou, referindo-se à idade das armaduras.

— Tem razão. Poderíamos ouvi-lo ranger antes de desferir o primeiro golpe — Humbly concordou com um sorriso. Depois respirou fundo, tão sensível que quase podia ver os fantasmas contidos naquele salão. — Tanta história em um único aposento...

— É realmente um lugar muito antigo. Creio que alguns ancestrais de lorde Faulconer lutaram na Batalha de Hastings e por isso receberam essas terras. Foi um prêmio por bravura.

— Fascinante. Espero encontrar na biblioteca aqueles livros de que lorde Faulconer falou. — Humbly virou-se para encará-la com um sorriso contente. — Imagine só! Nossa doce Beatrice agora é parte dessa família tão ilustre!

Beatrice sorriu sem humor. Oh, sim. Como havia sido esperta.

— Não é nenhum presente, considerando que trago comigo um dote considerável. — Foi impossível impedir que as palavras brotassem de seus lábios. Era inútil dissimular ou tentar fingir que seu casamento acontecia sobre uma base de amor. Nem mesmo o doce e idoso cavalheiro podia ser tão cego. — Propriedades como Falcon Park precisam sempre de muito capital. Foi o que descobri.

Felizmente, o sr. Humbly não parecia horrorizado com sua confissão. E, melhor ainda, ele não tentava negar o fato de que sua fortuna havia sido o principal fator de atração. Em vez disso, fitava-a com um misto de amizade e compreensão.

— Você trouxe para cá mais do que dinheiro, Beatrice. — Ele se aproximou, estendendo as mãos para segurar as dela num gesto de conforto. — É uma jovem inteligente e competente com maneiras delicadas e uma sensibilidade que serão muito mais valiosas para esta casa do que as vastas mudanças que fez para melhor. Além do mais, sei que é respeitada pelos criados. Eles não se cansam de elogiar a nova condessa.

Beatrice se sentiu reconfortada pelas palavras de ternura. O sr. Humbly tinha um dom genuíno para fazer alguém se sentir especial e único. Por isso buscara sua companhia tantas vezes quando era jovem, ela entendeu de repente. Apesar do amor firme e óbvio de seus pais, Beatrice sempre se sentira desajeitada e sem graça quando na companhia de sua elegante e linda família. Era um alívio estar com um cavalheiro admirava abertamente sua inteligência e até encorajava seu amor excêntrico pelos aparatos mecânicos.

Quando estava com o vigário, sentia que também tinha seu valor como pessoa.

Havia experimentado o mesmo sentimento com Gabriel. Só até descobrir a verdade.

— Nem sempre sou tão sensata, para minha infelicidade — ela comentou enquanto lembrava a própria ingenuidade com uma pontada de dor. — Como todas as jovens solitárias, também posso ser envolvida para palavras macias e encantos superficiais.

Uma ruga suave se formou entre as sobrancelhas do vigário.

— Se está falando sobre seguir seu coração, então não creio que deva ser sensata, minha querida. Nenhum de nós pode esperar ter o poder de governar nossos corações com nossas mentes. E isso que nos torna a todos tão interessantes e deliciosos.

Deliciosos?

Era evidente que o vigário não tivera o prazer de apaixonar-se.

— Não, não é delicioso — ela respondeu, soltando as mãos dele para ir colocar-se sob a luz do magnífico candelabro de metal polido. — É horrível. As emoções tornam a pessoa fraca e

a levam a cometer as mais ultrajantes loucuras.

Houve um breve silêncio antes de o vigário mover-se para ir colocar-se ao lado dela, sua expressão bastante perturbada.

— Beatrice, o que é? Está infeliz aqui?

Ela conteve o ímpeto de extravasar todos os seus problemas e angústias como uma criança chorosa.

Santos e anjos...

Aquele homem era seu hóspede. Devia estar tomando providências para mantê-lo sempre satisfeito e sorridente, em vez de torturá-lo com sua aflição a cada momento em que o encontrava.

Logo teria a reputação de uma dessas mulheres obcecadas e amargas a quem todos evitavam como a praga.

— Perdoe-me, sr. Humbly — ela disse, forçando um sorriso determinado. — É claro que não sou infeliz. Tenho muito com o que me manter contente.

A expressão do religioso permanecia perturbada.

— Contente? Não é essa a palavra que espero ouvir de uma jovem recém-casada.

— É o bastante — ela garantiu.

— Beatrice...

As palavras preocupadas do vigário foram interrompidas, felizmente, quando a porta se abriu para revelar uma mulher envelhecida e magra vestida inteiramente de preto. Beatrice sorriu com humor genuíno quando tia Sarah parou atônita ao ver um cavalheiro estranho em seu ambiente doméstico. Embora parecesse ser apenas uma inofensiva e solitária viúva, tia Sarah era uma especialista na arte da manipulação, e demonstrava uma tenacidade que faria Napoleão se envergonhar de seus métodos inócuos.

— Beatrice, minha querida, vai se juntar a nós para o jantar? — ela perguntou espantada, conseguindo expressar com a frase uma certa dose de censura por todas as noites em que Beatrice não aparecera. — Que encantador.

— Sim, tia Sarah. Temos um hóspede — Beatrice respondeu com tom neutro e infinita paciência, acostumada demais com as atitudes daquela mulher para se deixar atingir por ela. — Quero que conheça o vigário Humbly. Vigário, essa é a tia de lorde Faulconer, a sra. Quarry.

Como um falcão voando sobre a presa, tia Sarah caminhou para o interior do aposento e cravou as garras no braço do assustado sr. Humbly.

— Um hóspede. Que maravilha. E um vigário. Diga-me, sua esposa também veio?

Sentindo o perigo súbito, Humbly pigarreou.

— Ah... não. Eu nunca me casei.

— Entendo. — Tia Sarah sorriu com evidente satisfação. — Sou viúva. Perdi meu marido há muitos anos, pobre homem. Era adorável, mas sempre muito ingênuo quando montava. Não fiquei surpresa quando ele foi encontrado em uma valeta com o pescoço quebrado.

Humbly tossiu assustado.

— Oh, eu sinto muito por sua perda.

Tia Sarah emitiu um suspiro dramático.

— Foi um duro golpe. E, é claro, ter me tornado viúva ainda tão jovem foi um terrível fardo. Fui forçada a depender do sustento de meus familiares. Não sei o que teria feito sem meu querido Gabriel. E, Beatrice, é claro — ela acrescentou como se nunca houvesse pensado nisso antes.

Beatrice limitou-se a sorrir, divertindo-se com o espetáculo proporcionado pelo esforço

de Humbly para manter a compostura sob o ataque de uma viúva obcecada pela idéia do casamento.

— Sim — ele finalmente conseguiu dizer, embora com voz sufocada.

Sem se dar conta do desconforto do vigário ou da atenção debochada de Beatrice, o que era previsível, tia Sarah sorriu coquete fitando o rosto corado de Humbly.

— Não que não tenha tido várias oportunidades de me casar novamente. Foram muitas, realmente. Mas quando se chega à nossa idade, sr. Humbly, é de se esperar que haja maior sabedoria e menor propensão para as decisões precipitadas. Concorda comigo? — A mulher continuou falando sem esperar por uma resposta. — De minha parte, já decidi que só um cavalheiro confortável me serviria agora.

Beatrice tossiu alto para disfarçar a gargalhada que escapou de seu peito. Era muito divertido ver como tia Sarah se atirava sobre o pobre vigário sem se importar com o decoro ou a compostura, enquanto Humbly lançava olhares desesperados em sua direção. Francamente, havia considerado as debutantes em Almack uma turba de desesperadas. Elas não eram nada comparadas a tia Sarah, Beatrice refletiu com um bom humor mal disfarçado.

— É compreensível — Humbly concordou em voz baixa.

Tia Sarah piscou várias vezes com afetação.

— Suponho que busque conforto, em vez de interessar-se pelo brilho da juventude?

— Eu? Bem, eu...

O som da porta se abrindo salvou Humbly da situação complexa em que se encontrava, embora Beatrice tenha enrijecido todos os músculos em vez de relaxar e sentir alívio pelo amigo. Sabia precisamente quem estava entrando, e por isso virou-se devagar para encarar o marido.

Vestindo casaco escuro e calça, Gabriel parecia o mesmo daquela primeira noite, quando o conhecera. Naquele momento ela pensara estar diante do mais belo cavalheiro de toda Inglaterra, pois nunca antes havia visto cabelos daquela cor, como as folhas que caem no outono, ou olhos daquela coloração dourada como o mel e enriquecida por tão agudo toque de humor. Não havia nele o habitual tédio sardônico demonstrado pelos homens da cidade. Em vez disso, ele radiava uma energia e uma inquietação que haviam atravessado o salão e arrepiado sua pele.

E, certamente, houvera aquela indefinível atração, ela reconheceu relutante. Uma consciência completamente feminina de sua sensualidade máscula que havia despertado desejos nunca antes por ela experimentados.

Desejos perigosos, ela pensou com um arrepio gelado.

Gabriel atravessou o salão, parou a seu lado e, fitando seus olhos, ofereceu um sorriso potente.

— Desculpe-me pelo atraso. Houve um problema com o bangalô de um dos colonos. — Audacioso, ele estendeu a mão para segurar a dela e levá-la aos lábios. Beatrice prendeu o fôlego, incapaz de aplacar o poderoso calor que reclamava todo seu corpo. — É um prazer tê-la conosco para o jantar, minha querida — ele murmurou.

Estava determinada a arrancar a mão da dele. Havia deixado claro que não estava interessada em seus falsos encantos ou em seus avanços conjugais. Mas, mesmo enquanto dizia a si mesma que ia agir de acordo com sua primeira intenção, ela permaneceu imóvel olhando para os olhos dourados que pareciam conter um brilho de ternura calorosa. Uma ternura que parecia tocá-la e envolver seu castigado coração. Foi o som de tia Sarah pigarreando com alarde que fez Beatrice perder o que estava fazendo e, com um rubor e grande desânimo, ela recuou um passo para afastar-se do marido.

Gabriel sorriu. Depois, com sua costumeira compostura, ele se virou para oferecer uma mesura ao sr. Humbly.

— Meu caro vigário, posso lhe oferecer um conhaque?

Como um cavalheiro que se vê diante de uma chance de escapar das galés, Humbly afastou-se rapidamente da mulher obstinada a seu lado.

— Sim, obrigado. Seria esplêndido.

Gabriel ainda sorria quando caminhou até o gabinete de madeira instalado em um canto do salão e serviu o conhaque em duas taças largas, retornando para oferecer uma delas ao vigário.

— Creio que saberá apreciar esta fina bebida — ele murmurou.

— Meu pai não realizou muitas coisas, mas soube manter uma adega como poucas nesta região.

Humbly sorveu o primeiro gole com grande cautela, mas suspirou de prazer ao sentir o sabor aveludado do conhaque.

— Ah, perfeito!

Gabriel assentiu e voltou a ocupar seu lugar ao lado de Beatrice.

— Espero que esteja confortável.

— Sim, muito confortável — Humbly assegurou sem nenhuma hesitação. — Beatrice não poupou esforços para instalar-me com todo o conforto.

— Criança astuta — Sarah resmungou, inclinando-se na direção do assustado vigário. — Ela não me disse nada sobre termos um hóspede. Se soubesse, sem dúvida teria feito esse esforço para garantir o conforto do nosso querido vigário.

Humbly engasgou-se com o conhaque.

— Não é necessário que se incomode, sra. Quarry. Como já disse antes, Beatrice está cuidando de mim.

Tia Sarah levou as mãos ao peito magro.

— Incomodar-me? Que absurdo! Para mim é um grande prazer cuidar do conforto de outras pessoas. Afinal, é esse o dever dos parentes pobres. Amanhã providenciarei para que haja um adequado café da manhã inglês, e mais tarde, talvez, possa levá-lo para conhecer a propriedade.

Humbly mudou de posição, possivelmente considerando a possibilidade de fugir dali.

— É muita gentileza sua, minha senhora.

— Oh, será adorável. Gabriel e Beatrice estão sempre muito ocupados, e acabo ficando entediada por ter de passar o tempo todo em minha aborrecida companhia. Estou sempre ansiosa para ter alguém com quem possa ocupar-me.

Humbly devia estar fazendo inúmeras orações ao seu Senhor, porque, de repente, o som de um gongo anunciou que o janta estava sendo servido.

Pegando a mão de Beatrice antes que ela pudesse protestar ou escapar, Gabriel a colocou sobre seu braço.

— O jantar está pronto. Podemos ir, minha querida? — Sem esperar por uma resposta, ele começou a conduzi-la para a porta, de onde olhou para trás e viu o relutante vigário oferecendo o braço para tia Sarah. A pobre mulher solitária agarrava a manga do casaco do vigário como se temesse vê-lo desaparecer no ar.

— Não tem intenção de resgatar o pobre Humbly de tia Sarah? — ele perguntou em tom baixo.

Beatrice lutava com desespero para ignorar o aroma limpo e quente que ameaçava envolvê-la como um encantamento.

— Talvez.

— Ele está me parecendo muito assustado.

— Tia Sarah tem o poder de transformar até a mais firme e confiante alma em um pobre animal assustado — ela comentou com frieza.

Seus olhos encontraram os dele por uma fração de segundo, e naquele instante eles foram cúmplices na diversão. Era um olhar que haviam trocado inúmeras vezes durante o noivado. Um olhar que traduzia como podiam entender perfeitamente os pensamentos um do outro sem pronunciarem uma única palavra.

— Sim, de fato — concordou Gabriel. — De qualquer maneira, não gostaria se o vigário fosse espantado daqui de forma tão repentina. É óbvio que aprecia muito a companhia de nosso hóspede.

Beatrice forçou o olhar para o corredor deserto, desejando que o coração voltasse a bater num ritmo normal.

— Sim, aprecio muito. O sr. Humbly é muito gentil e muito mais inteligente do que se pode suspeitar por suas maneiras vagas.

Gabriel deixou escapar um riso seco e breve.

— Já havia desconfiado disso. Essa é uma característica importante para você?

Sem perceber, ela segurou com mais força o braço do marido.

— Receio que seja importante para você também, porque em pouco tempo o vigário vai perceber que nem tudo é perfeito entre nós.

— Ele nem precisaria ser particularmente perspicaz para chegar a essa conclusão, minha cara. Nossas dificuldades não são exatamente sigilosas.

— Não, suponho que não.

Um silêncio pesado caiu sobre eles, rompido apenas pelo farfalhar das saias de cetim e pela conversa distante sustentada apenas por tia Sarah. Depois de alguns segundos, Gabriel cobriu os dedos da esposa com os dele.

— Existe uma solução muito simples para o nosso dilema, Beatrice — ele falou sem rodeios, adotando um tom intrigante.

— Realmente? E que solução é essa?

— Vamos tornar nosso casamento real.

Beatrice tropeçou ao sentir aquela mistura de medo e excitação dominando todo seu corpo.

— O casamento é real.

— Não, é apenas uma imitação superficial — ele persistiu firme.

Os olhos dela encontraram os dele com um brilho renovado.

— Está dizendo que gostaria de ser recebido em minha cama?

Os olhos dourados do conde também cintilaram com o que poderia ser desejo, mas ele respirou fundo e apagou do rosto todo e qualquer sinal de emoção.

— Esse seria um início, sem dúvida, mas isso não é tudo que estou dizendo.

Desconcertada mais pela profunda e intensa dor dentro dela do que pela proposta inesperada, Beatrice balançou a cabeça.

Não. Não queria desejar Gabriel.

Não agora.

Não. A mão dele apertou seu braço por um instante, depois ele sorriu, um sorriso forçado e distante.

— Então, teremos de nos resignarmos com a indubitável curiosidade do vigário, minha cara, porque não há mais nada a ser feito.

Capítulo III

Gabriel esvaziou o terceiro prato de presunto, ovos e torrada com um suspiro satisfeito.

Agradecia à sorte por Beatrice ter encontrado um tesouro tão valioso na cozinha.

Embora fosse um homem esbelto, sempre fora dono de um apetite mais do que saudável, e as longas horas que passava trabalhando nos campos só tornavam ainda maior sua necessidade por comida substanciosa.

Pensar nos campos era suficiente para fazê-lo gemer mentalmente. Sentia dores no corpo todo. Nem mesmo os anos passados nos campos de batalha o haviam preparado para o trabalho duro e sacrificante de cortar feno, reparar cercas, reformar bangalôs e restaurar os galpões externos. Suas mãos estavam calejadas, suas costas doíam tanto que mal podia se mover, e seus pés tinham bolhas por contas das horas que havia passado caminhando por terreno lamacento, por áreas plantadas e por longos caminhos de pedregulhos.

Era justamente o oposto da conhecida imagem do cavalheiro de vida confortável, ele pensou com um suspiro. O único lazer de que desfrutava era quando conseguia cair na cama e adormecer imediatamente vencido pela exaustão.

Por outro lado, apesar de todas as dores, não podia negar um sentimento crescente de satisfação. Para sua enorme surpresa, estava descobrindo que gostava de ver os resultados diretos de seu trabalho. Uma coisa era ver os colonos trabalhando nos campos ou comandar operários contratados para executarem os reparos nos dilapidados celeiros e galpões. Outra coisa era subir no telhado de um bangalô e perceber que suas horas de labor garantiriam o sono de uma família em camas secas naquela noite.

Estar tão diretamente envolvido com o progresso da propriedade ia aos poucos tecendo um laço entre ele, a terra e as pessoas, um elo que jamais se teria desenvolvido se houvesse optado por permanecer no escritório dando ordens através de um capataz. Como um homem podia permanecer imune depois de ver os resultados imediatos de seus esforços com os próprios olhos?

Mas o trabalho duro não teria sido suficiente para salvar Falcon Park, e esse pensamento causava nele um enorme desconforto.

Poderia sentir maior orgulho de reclamar a propriedade como sua se a houvesse salvado com as próprias mãos. Mas agora, sabia que esse prazer seria sempre obscurecido pela sombra da tristeza de Beatrice.

Quase como se o pensamento indesejado pudesse conjurar a presença de sua esposa, Beatrice entrou no aposento com seus passos silenciosos, parando subitamente ao vê-lo sentado à mesa do café.

Ela havia saído de seus aposentos há pouco, pois o vestido cor de canela ainda não ostentava amarrotados nem manchas, e as fitas que o adornavam permaneciam intactas. Seus cachos dourados, no entanto, já escapavam rebeldes do coque no alto de sua cabeça, emoldurando o rosto de traços simples de um jeito muito gracioso.

Levantando-se, ele a observou resignado enquanto Beatrice esperava perto da porta. Sem dúvida considerando a melhor maneira de escapar, ele imaginou.

— Bom dia, minha querida — Gabriel cumprimentou-a com determinação e calma.

Mais ou menos encurralada naquele momento, Beatrice fingiu ajeitar uma fita na cintura

de seu vestido.

— O sr. Humbly ainda não desceu?

— Oh, sim. Ele já fez sua refeição matinal e foi levado pela determinada tia Sarah.

— Ah...

Um breve período de silêncio invadiu a sala antes de Gabriel apontar para a mesa.

— Não vai se sentar comigo?

Ela olhou para trás, por cima do ombro, talvez buscando alguma inspiração, ou pelo menos uma via de fuga aceitável.

— Não estou com fome — disse finalmente.

Gabriel cerrou os punhos numa reação contra a frustração.

— Oh, pelo amor de Deus, sente-se, Beatrice. Não vou atacá-la durante o café.

Ela corou ao ouvir o tom furioso.

— Não precisa gritar comigo.

— Desculpe-me, mas receio que saber que minha esposa não suporta minha presença me deixa um pouco nervoso.

— Apenas prefiro evitar nossos desagradáveis confrontos — ela argumentou tensa.

Gabriel não acreditava em seu protesto.

Ora, não que estranhasse ou se assustasse com a súbita explosão entre eles. Ninguém podia esperar viver ignorando eternamente alguém com quem dividia uma casa.

Mas havia mais em suas saídas apressadas e em suas maneiras frias do que simples desgosto, ele reconheceu nesse instante. Havia uma certa inquietação que despertava nele o desejo de saber o que, exatamente, ela tentava ocultar sobre suas defesas altivas e geladas.

— Nesse caso, devemos fazer um esforço para evitarmos esses momentos desagradáveis? — Gabriel perguntou com tom cauteloso. — Com o sr. Humbly hospedado em Falcon Park, estamos destinados a passar algum tempo juntos. Seria melhor para todos se pudéssemos ser ao menos civilizados em nossos encontros.

Houve uma pausa antes de Beatrice encolher os ombros diante da sugestão sensata.

— Farei uma tentativa.

Fortalecido e animado com a reação da esposa, Gabriel ofereceu um sorriso pálido.

— Antigamente não precisava fazer tão grande esforço para estar comigo. Lembra-se da noite em que fugimos do baile em Dunby e fomos passear pelo jardim?

Era possível ver a tensão enrijecendo seus ombros delicados, mas, felizmente, Beatrice não fugiu como ele esperava que fizesse.

— Lembro-me de que fazia frio.

Ele contornou a mesa, tomando o cuidado de não fazer nenhum movimento súbito, como se ela fosse a presa e ele, o predador.

— Caminhamos por cerca de uma hora antes de retornarmos ao salão. Naquela noite não tivemos nenhuma dificuldade de entendimento.

— É claro que não. Tola que fui, acreditava que quisesse estar comigo por gostar realmente de mim. Divertiu-se fingindo interesse na minha conversa infantil?

Seu coração sofreu um duro golpe quando ela respondeu adotando um tom cortante e acusador. Ela sabia como atacá-lo em seu ponto mais fraco.

— Pare com isso, Beatrice — Gabriel pediu em voz baixa. — Nunca fingi nada quando estávamos juntos. Sempre gostei de você e a respeitei.

Ela desprezou suas palavras com incredulidade óbvia.

— Ainda tenho uma questão, meu lorde.

Gabriel rangeu os dentes diante de sua recusa de considerar a possibilidade de ter despertado nele emoções sinceras.

— Gabriel.

Ela piscou confusa.

— O quê?

— Meu nome é Gabriel. Como seu marido, creio ter o direito de ser ao menos tratado por meu nome de batismo.

— Direito?

— Sim, direito. Deus sabe que não peço mais nada.

Um leve rubor tingiu o rosto de Beatrice provocado pelas palavras sarcásticas.

— Se insiste...

— Creio ser meu dever insistir — ele respondeu. — Ia me fazer uma pergunta?

Houve uma breve pausa antes de ela erguer a cabeça para encará-lo com firmeza.

— Por que eu?

O conde franziu a testa.

— Como assim?

— Por que eu? — ela repetiu com voz fria. — A sociedade tem muitas herdeiras. Nem todas as heranças são tão grandes quanto a minha, mas muitas seriam suficientes para suprir suas necessidades. Escolheu-me por saber que eu não receberia outra proposta?

De repente ele se sentia jogado de volta ao campo de batalha. Maldição.

Ela devia saber que não tinha como responder sua perigosa pergunta sem magoá-la ainda mais. O desastre pairava sobre eles.

— Por favor, Beatrice...

— Não vai me dar uma resposta?

— De que adianta discutirmos isso agora?

Uma emoção indefinível dominou seus traços pálidos.

— Eu quero saber.

— Muito bem. — Sem perceber, ele ergueu os ombros. — Eu a escolhi por saber que já havia professado preferir a vida no campo. Sabia que a propriedade tomaria todo meu tempo e muita energia, ou não haveria como evitar o desastre, e não podia me dar ao luxo de escolher uma mulher que só aceitasse viver em sociedade, freqüentando os salões de Londres.

Ela o encarava com firmeza.

— E sua escolha não teve nenhuma relação com o fato de eu não ter outros pretendentes, homens que pudessem prevenir-me sobre suas reais intenções?

Gabriel respirou fundo e passou uma das mãos pelos cabelos.

— Está mesmo disposta a me atacar, não é, minha querida?

— Quero apenas a verdade. É uma mudança interessante entre nós, não acha?

Gabriel estudou o rosto de traços fortes, tentando compreender por que de repente ela se mostrava tão determinada a provocar um confronto que evitara com tanta diligência por semanas.

Seria seu desejo limpar o ar entre eles? Ou ela apenas buscava mais motivos para inflamar ainda mais sua raiva e sua indignação?

De qualquer maneira, estava encurralado.

— Então, sim — ele concordou relutante. — Planejei minha proposta de forma a não ter de enfrentar uma longa batalha com dúzias de admiradores. Sou um soldado, não um conquistador experiente. Nunca me enganei pensando ser capaz de fascinar as mulheres com meus encantos ou minha beleza. Minha única esperança era encontrar uma jovem que preferisse um cavalheiro eloqüente e sensato a um poeta romântico e sedutor.

As mãos dela agarravam a saia do vestido, amarrotando-o além do reparável.

— Como deve ter ficado encantado ao descobrir uma jovem estranha e sem graça que não tinha a menor noção sobre como praticar os jogos da conquista amorosa.

Gabriel aproximou-se para segurá-la pelos ombros com garras de ferro. Maldição. Ela era capaz de rotulá-lo como o próprio mal, e não havia nada que pudesse fazer para corrigi-la, mas não permitiria que ela debochasse das próprias qualidades, de seus traços mais especiais.

— Você não é estranha ou sem graça, mas reconheço que fiquei muito satisfeito por constatar que não era uma dessas coquetes superficiais. Acreditei realmente que, com sua natureza prática e seu desgosto pela sociedade, você apreciaria a vida em Falcon Park. — Seus lábios se distenderam em um sorriso desprovido de humor. — É evidente que superestimei os encantos de minha propriedade.

De repente ela baixou o olhar. Gabriel sabia que Beatrice jamais poderia negar seu afeto genuíno por Falcon Park. Não quando se debruçava com tanta paixão sobre a tarefa de restaurar o prédio.

Uma paixão que ele invejava profundamente.

— Isso não tem nada a ver com Falcon Park, como deve saber.

Os dedos dele se moveram distraídos para tocarem uma mecha cor de mel. Seus cabelos eram macios e cheirosos como a madressilva. Queria poder enterrar os dedos neles e soltá-los sobre seus ombros numa cascata sedosa.

— Então, sou eu. É em mim que não vê atrativos — ele respondeu num esforço para distrair-se. Só o Senhor no céu sabia o que aconteceria, caso cedesse ao impulso masculino que tentava dominá-lo. Um nariz quebrado, provavelmente. — Estou magoado, minha querida.

— Vejo que considera essa nossa conversa motivo de piadas — ela o acusou com tom sério.

Gabriel segurou seu queixo e ergueu seu rosto. Tê-la assim tão perto despertava a lembrança de quantas vezes ela permitira que a tomasse nos braços. Poucas. Na época, experimentara um sentimento de glória por ser capaz de despertar tão imediato desejo em seu corpo. Previra que o leito nupcial seria de grande deleite para ambos.

Anseios indesejados o obrigaram a ranger os dentes.

Não.

Não desejava enfrentar um nariz sangrando logo depois do café da manhã.

— Está enganada. Não considero divertido estar ligado a uma mulher que me trata como se eu fosse a pior de todas as pragas — ele respondeu.

Os olhos cor de âmbar foram tomados por um fogo súbito.

— E como esperava que eu reagisse depois de descobrir a verdade? — perguntou.

— Francamente? Esperava que confiasse em mim o suficiente para compreender que eu jamais faria qualquer coisa para feri-la.

— Mas você me feriu, Gabriel. — Sem aviso prévio, ela se afastou das mãos dele adotando uma expressão implacável. — E nunca mais cometerei a tolice de confiar novamente em você. Com licença, mas devo ir resgatar o pobre sr. Humbly de tia Sarah.

Gabriel não pôde fazer nada para impedi-la de fugir.

Restava-lhe apenas amaldiçoar o destino que afundara o iate de seu pai e o jogara numa

propriedade falida, com centenas de colonos famintos e uma esposa que o desejava trancafiado no inferno.

Ser o conde de Faulconer certamente não era tão maravilhoso quanto se podia imaginar.

O vigário Humbly havia suportado muitas investidas ao longo da vida.

Durante a infância, não só fora pobre, mas também havia sido gordo o bastante para atrair a crueldade e o deboche de todas as outras crianças da vizinhança.

Fora vítima de uma terrível chantagem emocional, arma pelo qual o pai o convencera a transformar-se em vigário quando, na verdade, ele sonhava ser soldado.

Perdera seu verdadeiro amor quando ela fora forçada a desposar um cavalheiro com muito dinheiro.

Suportara anos de abuso de um velho e cruel senhor de terras que julgava ter sido escolhido por Deus para tornar miserável a vida do vigário Humbly.

Mas, com todas as dificuldades que enfrentara e superara, não estava preparado para lidar com a sra. Quarry.

Há quase uma hora lutava com desespero para livrar-se de suas garras tenazes.

Fingira ser incapaz de acompanhar o ritmo enérgico de seus passos. Queixara-se de dores nos pés. Fingira até mesmo ter sido acometido por uma súbita e violenta dor no estômago, mas desistira da farsa quando a viúva sugerira acompanhá-lo até seus aposentos e cuidar pessoalmente de sua recuperação.

Sacudido por um violento tremor, Humbly caminhava atrás da mulher e ia atravessando o vasto hall.

Céus, viajara a Derbyshire para ajudar a doce Beatrice, não para ser torturado por uma viúva obcecada pela idéia de um novo casamento. Uma intenção tão generosa devia ser recompensada, não punida.

Mas o destino parecia ter outra idéia, porque a voz estridente da sra. Quarry flutuava incansável pelo ar úmido, e Humbly olhava sonhador pelas janelas em arco para a convidativa luz do sol lá fora.

Podia pular, ele pensou com certo desespero. Duas pernas fraturadas seria um preço modesto pela abençoada liberdade.

Talvez por fim ouvindo suas ferventes preces suplicando por salvação, o Senhor suavizou o coração por seu pobre servo e Humbly viu com alívio desesperado a doce Beatrice surgir no hall como um anjo enviado do céu.

O vigário se sentia capaz de beijar-lhe os pés ali mesmo.

— Sr. Humbly — ela o cumprimentou com um sorriso.

Correndo para ela com pressa quase indecente, Humbly estendeu as mãos para segurar as dela.

— Beatrice, minha querida.

— Espero não estar interrompendo nada — a jovem comentou com um olhar cúmplice para seu agitado amigo.

— Não, não. De maneira nenhuma. É um prazer vê-la.

— Pensei que talvez quisesse juntar-se a mim esta manhã. Vou receber um cavalheiro com um engenho particularmente interessante. Gostaria de ouvir sua opinião.

— Sim, é claro — o religioso respirou aliviado. — Não posso pensar em nada mais encantador do que seu adorável convite.

Percebendo de repente que estava prestes a perder o prisioneiro, a sra. Quarry correu para os dois com uma expressão ansiosa.

— Mas, sr. Humbly, estávamos planejando um passeio pelo jardim!

— Talvez mais tarde, sra. Quarry — ele contestou com tom vago.

— Não creio que possa ter algum interesse naquelas horrendas invenções. — A voz afetada da viúva era capaz de provocar arrepios de repulsa até no mais controlado cavalheiro. — É tudo tão barulhento e desagradável...

— Estou sempre interessado em todas inovações. É como vislumbrar uma intrigante porção do futuro.

Uma sombra aborrecida contorceu os traços esquálidos da viúva antes de ela forçar um sorriso que distendeu seus lábios finos.

— Fala como se essas engenhocas fossem realmente românticas, sr. Humbly. Posso afirmar que o vigário possui a alma de um poeta.

Humbly emitiu um riso sufocado.

— Oh, não. Sou apenas um pastor com poucos talentos e um anseio profundo por paz e descanso em meu humilde chalé. Não desejo o romance.

A mulher bateu as pestanas.

— Ora, ora... Não precisa ser tão modesto. Um pastor com poucos talentos? Francamente...

— É melhor nos apressarmos, sr. Humbly — Beatrice interferiu com a intenção de resgatar o amigo. — Não devo atrasar-me para meu compromisso diário com os inventores.

Humbly estava mais do que pronto para se deixar levar para longe do hall e da persistente sra. Quarry. Um olhar para a expressão de sua amiga, no entanto, o fez parar.

— Alguma coisa a diverte, Beatrice?

Ela permitiu que a gargalhada até então contida com grande esforço ecoasse pelas paredes do corredor.

— Estava apenas pensando que terá de ser um pouco mais direto, se deseja realmente desviar tia Sarah de seu propósito de conquista.

Humbly fez uma careta de desgosto.

— Ela é uma dama muito determinada.

— Muito determinada. — Beatrice o guiou para um estreito lance de escada que descia para o terraço dos fundos. — Se quiser escapar da teia bem urdida dessa mulher, é melhor manter-se em constante estado de alerta.

A idéia de ser pego numa teia era suficiente para fazer o estômago do vigário roncar de um jeito alarmante.

— Meu Deus! Ela deve estar muito desesperada para voltar sua atenção para um vigário pobre e idoso.

Beatrice brindou-o com um sorriso encantador.

— Bobagem. Ouso dizer que ela possui muito bom gosto. Que mulher não desejaria um cavalheiro tão bondoso e gentil?

Humbly baniu da mente a imagem daquela mulher. Felizmente, a sra. Quarry e sua cruzada em busca de um marido não tinham nenhuma relação com sua presença em Derbyshire.

— E foi isso que buscou num marido, minha querida? — ele perguntou com tom deliberadamente suave.

Beatrice agarrou o corrimão e continuou descendo a escada, mas não sem antes cambalear como se houvesse perdido por instantes o equilíbrio.

— Era essa minha esperança, certamente.

— Mas lorde Faulconer não é bondoso e gentil? Ele a maltrata, Beatrice?

— E claro que não!

A rapidez da resposta e a expressão chocada em seu rosto atestavam sua sinceridade.

— Mas ele não é o que esperava encontrar em seu marido?

— Devo admitir que é um homem muito observador.

— Não é necessário possuir grande poder de observação para perceber que você não está feliz, minha querida.

— Suponho que não. — Ela sorriu com amargura. — Nunca fui capaz de esconder meus sentimentos.

Chegaram ao fim da escada e Humbly tocou o ombro de Beatrice para obrigá-la a parar. Seu coração doía diante das feridas refletidas por aqueles belos olhos.

— O que está acontecendo, Beatrice?

Ela hesitou, sem dúvida considerando se poderia contentá-lo com uma resposta superficial. Mas a gentil determinação no rosto do vigário a preveniu sobre a inutilidade de tentar fingir, e ela suspirou resignada.

— Quando conheci lorde Faulconer, julguei estar diante de um cavalheiro diferente de todos os outros da sociedade — começou em voz baixa. — Ele nunca tentou virar minha cabeça com elogios absurdos e mentirosos a minha beleza, uma qualidade que obviamente não possuo, nem tentou envolver-me em situações comprometedoras como já haviam feito tantos outros caçadores de fortuna antes dele. Em vez disso, o conde se mostrou genuinamente interessado em meus dons incomuns e não reagiu com desprezo ou repulsa a minha falta de talentos femininos.

— Ele parece ser um cavalheiro muito sensato — Humbly opinou com um sorriso.

Ela cruzou os braços como se desejasse proteger-se.

— Sim, sensato o bastante para perceber que eu não me deixaria enganar pelo tipo de flerte que muitas mulheres preferem. Em vez disso, conquistou minha confiança fingindo ser meu amigo.

Depois de ter visto a dolorosa angústia estampada no rosto de lorde Faulconer, Humbly balançou a cabeça.

— Fingindo? Tem certeza do que diz, Beatrice?

Ela riu, mas não havia humor nessa risada.

— Olhe em volta, sr. Humbly. Falcon Park estava a um passo O despenhadeiro da falência. A única esperança de lorde Faulconer quanto à salvação da propriedade era desposar alguém com muito dinheiro. Uma verdadeira fortuna.

— Bem, muitos membros da sociedade escolhem suas esposas por razões que nada têm a ver com o amor — Humbly apontou com bom senso. — Isso não significa que ele não seja seu amigo

Uma onda de dor endureceu seus traços. Era óbvio que a jovem se sentia traída por aquele que havia conquistado sua confiança.

— Se fosse meu amigo, ele teria me contado desde o início que estava buscando uma herdeira. O fato de me ter deixado acre ditar que era bem situado economicamente prova que ele não se preocupou com meus sentimentos.

Humbly compreendia os sentimentos da pobre jovem.

Não duvidava de que estivesse magoada, não só com a traição de lorde Faulconer, mas ainda mais com a constatação de que fora traída pelo próprio coração.

Se lorde Faulconer a houvesse obrigado a desposá-lo usando de chantagem ou forjando situações comprometedoras, sem dúvida ela estaria furiosa. Mas roubar seu coração... Ah, esse era um pecado para o qual dificilmente haveria perdão.

Mesmo assim, Humbly não encontrava motivos concretos para condenar lorde Faulconer. Havia sido um grave erro enganar Beatrice, sim, especialmente depois de perceber que ela tinha o coração envolvido por seus encantos. Mas os fardos que ele fora obrigado a carregar tão repentinamente também não eram leves. E, no fundo, Humbly acreditava que ele realmente gostava de Beatrice. Talvez mais do que ele mesmo houvesse percebido.

— E se o lorde houvesse contado a verdade desde o início?

Beatrice encolheu os ombros.

— Não sei.

— Escute — o vigário segurou as mãos frias entre as dele —, se está tão infeliz aqui, por que não volta para Surrey? Seus pais ficariam satisfeitos por tê-la novamente em casa.

Ela já balançava a cabeça com vigor antes mesmo de ele concluir a frase.

— Ninguém me obrigou a desposar lorde Faulconer. Foi um engano que cometi sozinha. Não posso permitir que minha família se preocupe comigo.

Havia um tom agudo em sua voz, uma mudança súbita que despertou a curiosidade de Humbly.

— Tem certeza de que essa é a única razão?

— O que quer dizer?

Ele escolheu as palavras com cuidado. Sentia que, por trás da raiva e da amargura, ela ainda guardava sentimentos doces pelo marido, mas também sabia que ela ficaria horrorizada, caso fizesse tal sugestão.

Teria de encontrar um meio de fazê-la enxergar o amor que crescia em seu peito sem dizer as palavras.

— Parece que está muito magoada com seu marido. Mas também tenho a impressão de que ainda não desistiu completamente desse casamento. Quero dizer, não perdeu a esperança. Em outras palavras, não estaria tão determinada em punir lorde Faulconer se não pretendesse perdoá-lo no final.

Capítulo IV

Beatrice o encarava com ar chocado. Obviamente, o sr. Humbly se tornava menos lúcido com o passar dos anos, ela disse a si mesma num momento de grande desconforto. Ou, então, a longa jornada havia afrouxado seu apego à realidade.

— Isso é absurdo.

— É mesmo? — Humbly insistiu com um sorriso terno.

— É evidente que sim. Não tenho nenhum desejo de punir lorde Faulconer.

As sobrancelhas grisalhas se ergueram numa demonstração de ceticismo, apesar da firmeza com que ela pronunciara as palavras.

— Então, deve ser uma jovem muito impressionante. Poucas damas teriam tão grande sensibilidade. Faz parte da natureza humana o desejo de agredir àqueles que nos ferem. Até mesmo o mais fiel e dócil cão pode morder quando é atacado.

Beatrice arregalou os olhos.

— Agora está dizendo que sou um cachorro latindo para quem me ameaça?

Ele afagou sua mão.

— Estou dizendo que é uma mulher que se sente traída e deseja amenizar a própria dor da única maneira que tem à mão. Não a condeno, minha querida. Sinceramente, creio que faria o mesmo, caso estivesse em sua posição.

Nervosa com as acusações determinadas, Beatrice virou-se para caminhar pelo pequeno saguão. Ele falava como se fosse uma criança petulante. Ou, pior, uma criatura cruel e vingativa que só se importava em ferir e atacar.

Então ele não entendia que estava sofrendo? Não compreendia que ainda tentava assimilar o golpe de descobrir que suas esperanças e seus sonhos de um casamento baseado no amor haviam sido destruídos para sempre?

— Não se trata de punição — Beatrice por fim respondeu, puxando a fita da gola do vestido como se quisesse arrancá-la. — Estou furiosa por ter sido enganada com tanta facilidade.

Podia ouvi-lo se movendo para colocar-se atrás de seu corpo tenso.

— E espera fazer lorde Faulconer arrepender-se de sua mentira? — o vigário perguntou.

Estava começando a ficar aborrecida. O homem era tão obstinado quanto tia Sarah!

— Sim, suponho que sim — reconheceu relutante.

O vigário pôs a mão em seu ombro desejando confortá-la.

— Acredito que ele lamenta sinceramente tê-la magoado, minha querida menina.

A dor intensa e inesperada a fez fechar os olhos. Santos e anjos. Havia imaginado que Humbly fosse seu amigo. Como ele podia tomar partido de Gabriel?

— Ele lamenta o fato de eu ter descoberto a verdade sobre esse casamento e, assim, não ter me tornado a esposa doce e obediente que ele esperava ter.

Houve um silêncio chocado, depois, sem nenhum aviso, a gargalhada de Humbly cortou o ar.

— Oh, Beatrice!

Ofendida pela total falta de consideração com suas delicadas sensibilidades, ela se virou para fitá-lo com uma ruga entre as sobrancelhas.

— Não há nada de engraçado nisso, vigário.

— A idéia de você se tornar uma esposa dócil e obediente é muito divertida, minha querida — ele respondeu sem se desculpar, — É uma mulher inteligente e determinada demais para transformar-se nessa criatura sem vontade que parece pensar ser o desejo de lorde Faulconer.

Como podia ficar aborrecida diante de tão contagiante demonstração de senso de humor? Era verdade. Nunca havia fingido ser uma debutante delicada e ingênua. Seu temperamento jamais permitiria que se dobrasse para acatar ordens ou atender a vontades alheias.

— Está falando como se fosse uma megera — disse, apesar da vontade de rir.

— Não, não. — O vigário balançou a cabeça. — Você é apenas uma mulher forte que tem objetivos.

Beatrice sorriu.

— Talvez.

— A propósito, se lorde Faulconer desejava uma esposa submissa e fraca, por que não escolheu outra mulher? Imagino que você não seja a única herdeira na Inglaterra.

De repente Beatrice lembrou a conversa que mantivera com Gabriel poucos minutos antes. Ainda não sabia ao certo o que a levara a pressioná-lo por uma confissão. Recusara-se a

discutir o casamento desde o instante em que descobrira a verdade sobre os motivos pelos quais ele a desposara. Mas, por alguma razão, havia parecido importante ouvir as palavras de seus próprios lábios.

Talvez para inflamar sua raiva já em franca regressão, sussurrou uma voz traiçoeira no fundo de sua mente.

Uma voz que ela sufocou rapidamente.

Não.

Era apenas como ela havia dito. Chegara o momento da honestidade entre eles.

— Ele me escolheu porque prefiro o campo e porque não havia nenhum outro pretendente com quem ele tivesse de duelar por minha atenção.

Humbly estalou a língua.

— Talvez esses tenham sido os motivos pelos quais ele a procurou no início, mas creio que foi escolhida pela pessoa que é.

Beatrice balançou a cabeça.

— Diz isso porque é bom e gentil e só consegue ver a bondade nas outras pessoas.

— Não sou tão ingênuo que não possa reconhecer o desejo no olhar que um cavalheiro lança para sua esposa.

Beatrice ficou paralisada.

Desejo?

Nenhum cavalheiro jamais olhara para ela com esse sentimento.

Muito menos seu marido.

— Está enganado, sr. Humbly — ela protestou com tom frio. — Lorde Faulconer pode desejar uma esposa que aceite com alegria a idéia de dar herdeiros ao homem com quem se casou, mas ele não me deseja.

Como se sentisse tê-la atingido em seu ponto mais vulnerável, Humbly ofereceu um sorriso triste.

— Se você insiste... Diga-me, Beatrice, pretende permanecer zangada para sempre?

Um arrepio gelado percorreu suas costas. Raramente se entregava ao perigoso luxo de pensar no futuro.

— Acha que devo simplesmente relevar o fato de ter sido enganada por um caçador de fortunas?

O religioso sorriu generoso.

— Acho que deve considerar os fatos. Ainda tem um bom número de anos para viver com lorde Faulconer. É você quem vai escolher como prefere passar esse tempo.

O comentário a atingiu em cheio. No tempo em que pensava ter encontrado um amigo em Gabriel, os dias pareciam curtos demais para desfrutar de sua companhia. Imaginava-os lado a lado, construindo uma vida juntos. Cada dia seria repleto de amor e riso, e eles formariam uma família que seria fonte de eterna felicidade.

Tudo parecia muito simples.

Agora o sr. Humbly a obrigava a considerar o futuro como ele era, não como ela sonhara que seria.

Beatrice balançou a cabeça com vigor, sentindo que ainda não estava preparada para enfrentar tal desafio.

Ainda não.

— Devemos ir — ela disse com firmeza. Humbly deu dois tapinhas na mão dela.

— Bem, ao menos pense em tudo que eu disse. Creio que pode ser muito feliz em Falcon Park, se assim escolher.

Beatrice caminhou para a porta e passou ao terraço. O sr. Humbly era incapaz de compreender sua situação, ela pensou triste.

Tentando banir da mente a inquietante conversa, ela atravessou o terraço a caminho e seguiu com passos seguros para o pátio do estábulo, onde geralmente analisava as invenções que eram submetidas a sua apreciação.

Tinha muito com que se ocupar sem ficar pensando sobre um futuro sombrio.

Como que para provar seu ponto de vista, ela viu seu magro e eficiente secretário, alguém que ela contratara logo depois de chegar a Falcon Park. Um sorriso discreto distendeu seus lábios. Aquela era a parte do dia que mais apreciava, e dessa vez o sol pálido de primavera conseguia vencer a barreira das nuvens para proporcionar um clima ameno e acolhedor. Normalmente, ficava gelada e ensopada muito antes de declarar encerrado o período de trabalho.

— Sr. Eaton, o que tem para mim hoje?

Um sorriso raro iluminou o rosto severo.

— Uma máquina absolutamente fascinante, lady Faulconer — ele respondeu enquanto a conduzia até um cavalheiro encorpado e compenetrado. O homem construía uma fogueira sob um grande barril que havia sido coberto por furos e acomodado sobre toras fim de ser movimentado girando sobre as alavancas. — Estou certo de que ficará intrigada.

Beatrice olhou para o homem que erguia uma tampa cortada do barril e inseria trapos molhados na abertura. Depois ele fechou a tampa e segurou uma manivela que havia sido presa ao barril, girando-a rapidamente.

Por quase vinte minutos, ela observou em silêncio o homem girando o barril sobre as chamas, até que finalmente ele parou e removeu os trapos. Os panos foram oferecidos a Beatrice com um sorriso triunfante.

Encantada, Beatrice descobriu que o tecido estava completamente seco. Não era uma façanha sem importância, considerando que minutos antes os panos vertiam água.

Contornando o barril, ela fez várias perguntas ao animado inventor, tanto para determinar seu caráter e a medida de sua ambição, quanto para saber mais sobre o aparato. Depois, solicitando ao sr. Eaton que anotasse o nome e o endereço do homem, ela fez um sinal para o sr. Humbly, que parecia mais do que ansioso para voltar para casa.

O vigário aproximou-se prontamente, seus olhos escuros brilhando de excitação.

— É realmente fascinante — ele comentou enquanto voltavam juntos ao terraço. — Uma máquina de fato impressionante, não acha, minha querida?

Beatrice assentiu, a mente ágil estudando as diversas falhas da invenção.

— Vejo possibilidades, mas notei diversos problemas com o desenho do aparato.

Humbly fitou-a surpreso.

— É mesmo? Que problemas?

Beatrice tinha a testa franzida em sinal de concentração.

— Bem, para começar, não creio que muitos criados apreciam a tarefa de permanecerem ao lado de um fogo ardente, girando a manivela do barril, quando podem simplesmente pendurar as roupas e deixar a natureza seguir seu curso.

— Sim, esse é um argumento convincente.

— E, é claro, ainda temos de pensar em outro problema. Como proteger as roupas molhadas do cheiro de fumaça? — Beatrice torceu o nariz para o aroma acre que penetrara no tecido de seu vestido. — Não é exatamente um perfume apreciado por todos.

— Oh... — A expressão de Humbly traía um certo desapontamento, como uma criança que descobre que o brinquedo novo não é tão brilhante quanto ela havia imaginado. — Não havia pensado na fumaça.

Beatrice sorriu indulgente. Era um prazer ter alguém com quem conversar, alguém que também se interessava pelas invenções.

— Sim, ainda há muito que considerar — ela afirmou convicta. — A idéia de secar as roupas em uma hora ou menos, e não ter de esperar um dia inteiro por isso, é forte demais para ser desconsiderada de pronto. Vou ter de pensar bem nesse projeto.

Caminharam por mais alguns instantes antes de Beatrice se virar e surpreender o vigário olhando em sua direção de forma especulativa.

— Minha querida, você é mesmo surpreendente — ele disse com um sorriso.

Foi impossível disfarçar o espanto.

— Eu? Por quê?

— Em poucos minutos foi capaz de determinar com precisão os pontos mais fortes e os mais fracos daquela máquina. Como seu avô fazia.

Beatrice nem tentou sufocar a onda de prazer provocada por suas palavras. Poucas coisas a deixavam mais satisfeita do que ser comparada ao avô que ela adorava.

— Não posso dizer que isso seja tão surpreendente — respondeu, usando de uma modéstia que era considerada de bom-tom na sociedade. — É só uma questão de agir e pensar com praticidade. Apenas isso.

— Não. É um dom — o religioso insistiu. — Devia orgulhar-se dele.

Ela sorriu, tocada pela bondade e pela amizade do vigário, mas parou de repente ao perceber um movimento em um canto do jardim.

— Oh...

Parado ao lado dela, o sr. Humbly ergueu as sobrancelhas.

— O que foi?

— Creio ter visto tia Sarah logo depois da cerca — Beatrice o preveniu.

Humbly foi sacudido por um arrepio.

— Céus...

— Se quiser buscar refúgio em seus aposentos, pode usar a porta lateral.

O pobre homem deixou escapar um suspiro aliviado.

— Sim, sim... Obrigado, minha querida.

— Agora devo ir encontrar o arquiteto, mas estarei livre em uma hora, mais ou menos. O que acha de nos encontrarmos na biblioteca?

— Uma sugestão adorável. Até lá, então — Humbly despediu-se apressado antes de correr para a porta lateral.

Beatrice esperou que ele entrasse, e só então retomou a caminhada para a biblioteca.

Pobre homem, pensava com simpatia e solidariedade. Depois de ter passado anos sendo perseguida por cavalheiros desesperados, sabia bem como ele se sentia. Não havia nada agradável em ser uma raposa entre sabujos.

Talvez devesse ao menos ser grata por Gabriel tê-la livrado de tais aborrecimentos, pensou com sinceridade.

Afinal, nunca mais teria de se preocupar com os caçadores de fortuna.

Comparando cuidadosamente o damasco de estampas vermelhas que havia encomendado de Londres ao tecido desbotado que havia retirado das cadeiras da sala de jantar, Beatrice por fim moveu a cabeça em sentido afirmativo.

— Acredito que este é perfeito — disse.

— Sim, minha senhora. O artesão fez um excelente trabalho de reposição de tecido — respondeu o arquiteto de voz sombria.

— Quando o revestimento será entregue?

— No final da semana, mas ainda terei de viajar pessoalmente a Londres para apanhar os tapetes e as tapeçarias. Não acredito que os artesãos possam trazê-los até aqui ilesos sem uma supervisão adequada.

Beatrice conteve um sorriso. Apesar de ser precisa e exigente em suas solicitações, sabia que esse cavalheiro era quase impossível de agradar. O pobre artista que executava a reforma da cena de justa medieval pintada sobre a porta a procurara diversas vezes afirmando ser impossível trabalhar sob solicitações tão críticas.

— Muito bem. Isso é tudo por hoje.

— Sim, lady Faulconer.

Com uma mesura, o arquiteto retirou-se rapidamente da sala de jantar, e Beatrice ficou sozinha ao lado do console de mármore Breccia que emoldurava a lareira. Naquele momento o aposento parecia completamente vazio. Só o teto abobadado e as janelas de vidro fosco haviam escapado da cruel demolição que fora necessária para reparar os anos de negligência.

Em sua mente, no entanto, podia ver a grandeza que seria devolvida à sala depois da restauração completa.

Sabia precisamente onde cada cadeira, cada candelabro, cada tapeçaria deveria ser colocada. Enviara até mesmo o antigo relógio de parede e o serviço de chá de peças de prata para serem reparados em Londres. Logo tudo seria exatamente como havia sido antes do declínio da fortuna Faulconer.

Sem as goteiras, os vazamentos e os outros sinais de abandono.

Sabia que devia voltar ao quarto e trocar o vestido já tão sujo de serragem e poeira, mas, ao se virar para sair, ela parou assustada diante da silhueta imponente recortada contra a luz da porta. Gabriel a estudava com expressão séria.

Ao ver que a surpreendera, ele caminhou lentamente para o centro da sala.

— Uma mudança e tanto — disse com um sorriso pálido. Beatrice uniu as mãos sobre o peito, experimentando o mesmo desconforto que sempre a invadia quando o marido estava por perto.

— Lamento, mas tive de esvaziar a sala para poder restaurá-la.

— Não estou reclamando de nada — ele explicou com tom calmo, seus olhos passeando pelas paredes nuas e pelas ferramentas espalhadas pelo chão. — Na última vez em que estive nesta sala, meu pai recebia um grupo de cavalheiros embriagados, e quase fui atingido por um candelabro quando impedi um dos convidados de usar as cadeiras como lenha para a lareira.

Beatrice sentiu uma certa surpresa ao ouvir o relato amargurado. Gabriel raramente falava sobre sua infância, embora já houvesse dado a entender que o passado não fora um tempo exatamente idílico. Ver o pai e o irmão destruindo deliberadamente uma vasta herança devia ter sido frustrante e doloroso.

— Não deve ter se sentido muito confortável vivendo aqui.

Ele a encarou perplexo, como se a demonstração de compaixão o assustasse.

— Foi horrível — concordou em voz baixa. — Ao contrário de meu pai e meu irmão, nunca me diverti com aquela busca interminável de prazeres e seus amigos superficiais. Julgava

inconcebível que alguém pudesse dilapidar seus rendimentos em jogos e bebidas enquanto o teto ameaçava desabar sobre suas cabeças.

Beatrice não conseguiu evitar um relutante sentimento de compreensão. Sabia exatamente como era estar entre pessoas tão diferentes que podiam pertencer a mundos distintos.

— Deve ter sido frustrante, sem dúvida — opinou.

— Sim. — Gabriel sorriu com tristeza. — Mas, para ser justo, também fui fonte de grandes frustrações para meu pai. Ele sempre disse que devia ter sido castrado, pois assim não teria tido um filho que preferia os livros às caçadas e não demonstrava o menor interesse em perseguir todas as criadas da casa.

Beatrice sabia que devia deixar a sala. Havia algo de repentinamente perigoso em ficar ali ouvindo Gabriel falar sobre sua infância infeliz. Uma vulnerabilidade que ameaçava derreter o gelo que envolvia seu coração. Mas seus pés não obedeciam ao comando do cérebro e, em vez de sair, ela se descobriu incentivando a conversa.

— Por isso ingressou nas fileiras militares?

Ele encolheu os ombros.

— Também por isso. Mas, acima de tudo, não suportava ver os colonos e os criados sofrendo as conseqüências da negligência de meu pai. Tetos ameaçando desabar já eram desprezíveis o bastante. Permitir que pessoas que dependiam dele enfrentassem a fome... Isso era mais do que eu podia suportar.

— Então, para fugir desse suplício, escolheu Napoleão — ela concluiu, tentando imaginar como poderia ser sua vida, caso tivesse meios de deixar a casa paterna sem aceitar o casamento.

Ele riu.

— A escolha parecia mais segura do que ficar e esganar minha família. E mesmo assim, lamento profundamente ter feito essa opção.

— Por quê?

— Se houvesse ficado, talvez pudesse ter contido ao menos em parte os impulsos de meu pai. Teria escondido algumas jóias de maior valor, por exemplo, de forma a poder ajudar aos que nada tinham. Em vez disso, fugi e lavei minhas mãos com relação a Falcon Park. Preferi o caminho mais fácil.

Sem pensar, ela ergueu as mãos para indicar a sala vazia. Havia sido necessário um tempo considerável para reduzir Falcon Park ao seu atual estado de negligência.

— Acredita mesmo que sua presença aqui poderia ter evitado isso?

— Ao menos teria a satisfação de saber que tentei — Gabriel respondeu, falando mais para si mesmo do que para ela. Em seguida ele forçou um sorriso. — Desculpe-me, Beatrice. Não vim aqui para ficar falando sobre os meus problemas.

A súbita onda de desapontamento causada pela repentina mudança de atitude do marido a fez sentir-se tola. Não queria sentir pena de Gabriel por seu passado difícil. Também não queria considerar a noção de ele ter estado mais do que desesperado para salvar Falcon Park. E certamente não queria sentir aquele estranho elo que a atraíra para ele desde o início.

Com grande esforço, ela fingiu indiferença. Ele não podia perceber com que facilidade conseguia ultrapassar suas defesas.

— Precisa de alguma coisa?

Uma emoção indefinível obscureceu por um instante os olhos castanhos antes de ele encolher os ombros.

— Por mais que deteste acrescentar mais um peso ao seu fardo, vim preveni-la sobre a iminência de uma batalha entre os operários e Chalfrey. Eles estão no jardim discutindo sobre

uma árvore que foi plantada pela primeira lady Faulconer em homenagem ao rei.

— Não outra vez. — Beatrice suspirou exasperada. O obstinado Chalfrey queria levá-la à loucura. — Pensei que devolver o jardineiro da família a sua posição original seria o melhor meio para recuperar o jardim, mas ele insiste em afirmar que todas as pedras e árvores são sagradas para a família Faulconer.

— Quer que eu fale com ele? — Gabriel se ofereceu. — Chalfrey pode ser um velho bruto, teimoso e mal-humorado.

Beatrice balançou a cabeça. Agora, os criados eram sua responsabilidade e não de Gabriel, e sabia que era importante estabelecer sua autoridade. Mesmo que para isso tivesse de enfrentar o irritante jardineiro.

— Não, eu cuido disso. Quero deixar claro que o trabalho que encomendei será feito de acordo com minhas instruções, com ou sem a aprovação dele.

— Mesmo que para isso tenha de cortar árvores que foram plantadas em homenagem aos reis? — ele provocou rindo.

Beatrice parou para encará-lo com ar sério.

— Por quê? Não aprova minha decisão?

— Oh, eu não a desaprovo — ele respondeu apressado, aproximando-se a ponto de ameaçar sua paz de espírito. — Ao longo dos séculos, o jardim foi alterado em diversas ocasiões. Duvido que ainda tenhamos alguma das árvores originais. Além do mais, se o príncipe ainda não veio admirar a árvore que foi plantada em hora a sua família, duvido que apareça por aqui no futuro próximo.

Beatrice mal registrava os sentidos de suas palavras divertidas. Em vez disso, deixava-se consumir pelas sensações condenáveis que percorriam seu corpo. Quantas noites havia sonhado ser amparada por aqueles braços fortes? Ou ter os lábios pressionados pelos dele e ser seduzida por suas mãos experientes?

Um arrepio sacudiu seu corpo e percorreu sua pele.

— Agora devo ir falar com Chalfrey — ela disparou assustada, movendo-se com rapidez para colocar uma distância mais do que necessária entre eles. Sua pressa, no entanto, foi sua ruína, pois quando tentava passar por ele, um dos pés ficou preso na barra do vestido e ela se sentiu lançada para frente. — Oh...

— Cuidado. — Com facilidade irritante, ele conseguiu ampará-la e segurou-a contra o calor de seu peito. — Você está bem?

Um rubor intenso tingia seu rosto. Era um rubor provocado tanto pelo traiçoeiro prazer de estar tão próxima dele quanto pelo constrangimento causado por sua falta de graça.

— Que estupidez a minha — ela resmungou, olhando aborrecida para a barra rasgada do vestido. — Não sei como consigo destruir todos os vestidos que coloco.

Sem aviso prévio, ele tocou seu queixo e a fez erguer o rosto para encontrar seu olhar.

— Não.

Beatrice piscou confusa.

— Não... o quê?

— Sempre a admirei por não dedicar atenção exacerbada à aparência.

— Seria perda de tempo tentar melhorá-la — ela respondeu com tom seco.

Os dedos do conde traçavam um caminho de fogo em seu rosto.

— Beatrice, sua beleza sempre brotou de dentro de você. O hábito de dedicar-se integralmente a tudo que faz, a habilidade de tornar a vida melhor para aqueles que a cercam e a bondade que demonstra para com aqueles que dela necessitam, tudo em você me encanta. Tais

qualidades são mais importantes que meras tolices superficiais.

Seu coração parou por um instante, uma reação provocada pelas palavras suaves. Havia jurado que nunca mais se deixaria envolver por aquele homem. Ele já havia demonstrado que não era digno de confiança. Mas, mesmo enquanto buscava afastar-se, fugir, sentia-se absolutamente perdida em seu olhar profundo.

—Gabriel?

Seus lábios se encurvaram num sorriso.

— Sim, Beatrice?

— Preciso ir.

— Precisa? — ele perguntou.

Mantendo os olhos fixos nos dela, ele abaixava a cabeça devagar. Não havia como ignorar sua intenção de beijá-la, e embora uma voz interior a incentivasse a escapar enquanto ainda havia tempo, Beatrice permanecia imóvel, hipnotizada. Era como se um encantamento a mantivesse paralisada. Os lábios se apoderaram dos dela num beijo suave e dolorosamente terno. Toda a intenção de protestar desapareceu suplantada por uma cascata de sensações intensas e conflituosas. Santos e anjos, há quanto tempo... Há muito tempo ele não a fazia tremer de desejo.

— Oh, Beatrice, como senti falta de tê-la em meus braços — ele murmurou, roçando os lábios em seu rosto. — Seu sabor é incrivelmente doce.

Por um momento de loucura, Beatrice apoiou-se no calor de seu corpo forte, deliciando-se com o desejo que ia crescendo entre eles. Havia sido sempre assim para ela. Gabriel só precisava tocá-la para fazer seu coração bater mais depressa e o sangue ferver em suas veias. Era um sentimento mágico, inebriante.

Os lábios do conde encontraram a curva de seu pescoço e começaram a descer lentamente. As mãos estavam em suas costas, espalhando um calor intenso que ultrapassava sem nenhuma dificuldade o tecido do vestido.

Queria que esse momento durasse para sempre.

Queria ser abraçada e acariciada como se ele realmente a amasse...

A idéia passou por sua mente confusa no mesmo instante em que ela se afastou bruscamente.

Não. Ele não a amava. Nunca a amara.

Horrorizada com a facilidade com que se deixara enfeitiçar, Beatrice emitiu um grito chocado e, pressionando a mão contra a boca, saiu correndo da sala.

Céus. Havia acabado de expor justamente o que jurara nunca revelar, ela reconheceu com lágrimas nos olhos.

Havia permitido que ele percebesse que poderia ultrapassar suas defesas com um único toque.

Capítulo V

Gabriel viu tia Sarah pedir licença para retirar-se da mesa. Mesmo nas melhores circunstâncias, as constantes reclamações da mulher o irritavam. Quando estava de mau humor, aturá-la era quase impossível.

Saboreando o porto que fora deixado sobre a mesa, ele franziu a testa para a porta

fechada. Não o ajudava em nada saber precisamente o que afetara seu humor, ele reconheceu impaciente. Era o mesmo fator que afetava seu humor todos os dias.

Beatrice.

Seus dentes se chocaram com violência assustadora quando ele pensou na esposa.

Havia estado certo de ter realizado grandes progressos com ela naquele dia.

Não só haviam mantido uma conversa livre das costumeiras provocações e das acusações inflamadas, como chegara inclusive a tê-la em seus braços.

Uma espécie de necessidade premente dominou seu corpo quando ele lembrou as curvas suaves encaixadas em seu corpo. Dissera a si mesmo que era apenas a imaginação que o levava a lembrar seus beijos com um desejo tão profundo. Beijos eram beijos, qualquer que fosse a mulher. Ou não? Mas, no momento em que sua boca tocara a dela, havia compreendido que não era apenas sua imaginação. Havia algo de inteiramente encantador em sua inocência doce. Algo que o fazia tremer dominado por um louco desejo de afogar-se nessa doçura. Queria dar vida à paixão já tão ardente que podia sentir sob a superfície em cada movimento e em cada gesto de Beatrice.

E no entanto, quando ainda sentia sua resposta hesitante e se deliciava com o calor do corpo delicado, ela fugira para o santuário de seus aposentos.

Seu primeiro impulso havia sido o de persegui-la e forçá-la a admitir que ainda o desejava. Seu corpo em brasas praticamente exigia que pusesse um fim naquela estúpida e antinatural ausência de relações físicas entre eles.

Mas obrigara-se a sufocar o forte impulso. Tinha de ser paciente, dizia a si mesmo. Não queria pressionar Beatrice a aceitar um relacionamento para o qual ela ainda não estava preparada. Quando a fizesse sua mulher de fato, queria senti-la disponível e completamente pronta para viver o momento.

Tudo muito nobre, ele pensou com sarcasmo. Infelizmente, as boas intenções não haviam servido de muito. Pelo contrário. Elas apenas haviam permitido que Beatrice se refugiasse ainda mais por trás de suas espinhosas defesas. Não voltara a vê-la durante o resto do dia, e à noite ela enviara uma mensagem polida afirmando não se sentir muito bem, razão pela qual não se juntaria ao grupo para jantar.

Era evidente que lamentava seu lapso momentâneo e se havia retirado para reforçar a compostura fria com que se comportava habitualmente.

Gabriel sorveu mais um gole de porto, desejando poder subir a escada e derrubar a porta do quarto dela. Era isso ou beber até entrar em estado de letargia, ele reconheceu furioso.

Sentindo o humor sombrio de Gabriel, o silencioso vigário pigarreou do outro lado da mesa.

— E lamentável que Beatrice não se sinta bem o bastante para jantar conosco — ele começou cauteloso. — Espero que não seja nada sério. Ela parecia estar muito bem há pouco.

Gabriel não conseguiu conter um sorriso amargo.

— Oh, duvido que seja alguma enfermidade grave que possa ameaçar sua vida.

Como se estivesse perturbado com a demonstração de indiferença do cavalheiro pela saúde de sua esposa, Humbly franziu a testa.

— Já chamou um médico?

— Não é necessário.

— Tem certeza disso?

— Certeza absoluta. — O conde deixou a taça sobre a mesa com vigor desnecessário. — Eu sou o motivo pelo qual Beatrice se recusou a descer para jantar.

— Ah... — O vigário fez uma pausa breve para digerir a brusca confissão. Depois,

hesitante, inclinou-se para frente. — Perdoe-me se me comporto como um sujeito bisbilhoteiro e sem noção de limites, mas houve uma discussão entre vocês?

Gabriel foi tomado por uma tensão súbita e inevitável em resposta à intrusão ousada. O assunto era privado, uma questão que só dizia respeito ao casal. Mas o interesse genuíno e a evidente preocupação do hóspede aplacaram sua irritação inicial.

O idoso cavalheiro parecia se importar de fato com o bem-estar de Beatrice. Talvez ele pudesse ser capaz de convencê-la a ouvir a voz da razão. E talvez fosse o único com esse poder.

— Pelo contrário — o conde admitiu em voz baixa. — Na verdade, conseguimos manter uma conversa bastante agradável. E então...

— Então? — O vigário incentivou-o.

— Beatrice esqueceu odiar-me por um momento.

— Mas isso é esplêndido!

— Foi o que pensei naquele instante glorioso. — Seus dedos seguraram a base da taça até quase estilhaçarem o delicado cristal. — Infelizmente, ela mudou de idéia e agora se arrepende do breve lapso. Não tenho dúvida de que agora está no quarto, restaurando lentamente as paredes de sua frieza proibitiva.

Humbly suspirou desanimado.

— Isso tudo é muito difícil para Beatrice.

Gabriel franziu a testa assumindo um ar aborrecido.

— Sei disso, Humbly. Mas ela está tornando a situação ainda mais difícil do que deve ser. Podíamos viver melhor.

— Sim, realmente — o religioso concordou. — Beatrice deve compreender que só está se machucando.

— Não creio que tenha alguma sugestão sobre como eu poderia realizar tão impressionante façanha. — Havia sarcasmo na voz do conde.

Houve um momento de silêncio antes de Humbly encolher os ombros e falar:

— Deve encantá-la. Seduzi-la.

— O quê?

— Beatrice sente-se enganada, atraída para o casamento como quem é induzido a cair em uma armadilha. Deve despertar nela o desejo de ser sua esposa.

Maldição! O vigário estava insinuando que ele não havia tentado isso antes? Não sabia que passara semanas tentando convencer Beatrice de que poderia fazê-la feliz, se ela permitisse?

— O que sugere que eu faça?—Gabriel perguntou impaciente. — Acha que devo comprar presentes para ela com seu próprio dinheiro?

— É claro que não. Beatrice não se interessa por bens materiais.

— Então...

— O que ela prefere? Quais são as coisas de que ela mais gosta?

O conde pensou um pouco antes de responder:

— Aquelas malditas máquinas.

— Sim.

Gabriel olhou para o vigário com uma certa desconfiança.

— Não pode estar sugerindo que devo me lançar no campo das invenções. Eu acabaria queimando a casa ou provocando uma explosão que nos mataria a todos!

Humbly riu.

— Estava pensando que talvez possa ajudá-la a cultivar esse hobby.

— Não conheço nada sobre o assunto.

— Deve haver alguma maneira de tornar-se útil — o religioso persistiu.

— Como? — Gabriel reclinou-se em sua cadeira revelando impaciência. — Já disse que não conheço nada sobre o assunto.

— Conseguiu atraí-la sem muito esforço antes de se casarem. Beatrice o escolheu para marido entre muitos outros pretendentes.

Gabriel riu sem humor.

— Para seu profundo desgosto.

— No momento ela tem o orgulho e o coração feridos. Deve reforçar a confiança que ela teve em você. E, mais importante, deve ajudá-la a voltar a confiar em si mesma.

As estranhas palavras o pegaram de surpresa. O conde estreitou os olhos e estudou com atenção seu prestativo hóspede.

— Nela mesma?

Humbly parecia assustado com sua aparente estupidez.

— Então não percebe que Beatrice nunca acreditou ter algum valor além de sua fortuna?

Era impossível disfarçar a ofensa causada pela descrição condenável da mulher com quem se casara.

— Isso é ridículo! — Nem mesmo um inofensivo e doce vigário teria a ousadia de insultar Beatrice em sua própria casa. Não em sua presença. — Ela é uma mulher de extraordinária inteligência, com um incrível número de talentos. Além disso, também é bondosa, leal e desprovida de artifícios.

Sem perceber que provocava a ira do anfitrião, ou com a intenção de provocá-lo para assim descobrir sua verdadeira natureza, Humbly encarou-o com ar sério.

— No entanto, ela nunca possuiu os atrativos convencionais tão desejados em uma jovem. Diferente de muitas outras, ela nunca foi dona de grande beleza ou de algum charme especial. E nem mesmo eu poderia elogiar seus dotes musicais, porque estaria mentindo. No lugar dessas qualidades, Beatrice possui uma mente fascinante e o coração de uma inventora. Ainda estranha o fato de sua esposa nunca ter se julgado capaz de atrair realmente um cavalheiro?

Gabriel abriu a boca para negar as palavras que considerava ridículas, mas hesitou ao se dar conta de que havia grande verdade da descrição que o vigário fazia de Beatrice.

Ele mesmo testemunhara numerosos membros da sociedade rindo pelas costas de Beatrice, zombando de suas idéias excêntricas e de suas maneiras nada polidas. Certamente, apenas um punhado de conhecidos caçadores de fortuna buscavam sua companhia.

Uma dor aguda e amarga rasgou seu coração.

Como ela devia se sentir solitária entre as damas da cintilante sociedade inglesa. Tanto quanto ele se sentira só depois da morte de sua mãe.

Seus traços revelavam o pesar que o atormentava.

— E eu só fiz reforçar essa crença de que ela não tem valor — murmurou.

Humbly sorriu com tristeza.

— Receio que sim.

— Inferno! — Gabriel bateu a mão sobre a mesa com força suficiente para fazer o religioso quase cair da cadeira vítima de um tremor assustado. — Perdoe-me, Humbly. É que... isso tudo é muito confuso. Nunca tive a intenção de prejudicá-la.

— Eu acredito em você, meu filho — o homem idoso disse com ternura quase paternal.

— Mas... e Beatrice? Também acreditará em mim?

— Isso está em suas mãos.

— Seria bom se fosse realmente assim. — Gabriel pensou na compostura fria da esposa. Era espantoso que ainda não houvesse sido acometido por uma pneumonia, tal a frieza com que era tratado por ela. — Prefiro enfrentar um regimento francês a ter de enfrentar minha própria esposa. Os soldados de Napoleão são menos assustadores.

— Não é Beatrice que o aterroriza.

Por um momento, o conde pensou não ter ouvido bem o que dizia o vigário.

— Como? — perguntou confuso.

O homem ergueu as mãos gordas.

— Temo que esteja perturbado com seu sentimento de culpa. Quando olha para Beatrice, pensa que ela pode ter sacrificado a própria felicidade a fim de salvar esta propriedade.

Gabriel cerrou os punhos ao ouvir a acusação. Não podia se dar ao luxo de possuir uma consciência culpada. Toda a energia de que dispunha tinha de ser canalizada para o cumprimento do dever.

— Fiz o que tinha de ser feito — respondeu.

— Ou o que acreditava que tinha de ser feito — Humbly o corrigiu com firmeza inusitada.

— Sim, ou isso.

— E não se arrepende?

— É claro que sim — ele confessou, sentindo-se insuportavelmente pressionado. O que esse homem queria dele? — Como já disse, nunca desejei magoar Beatrice. Quando me casei com ela, tinha a intenção de ser um marido generoso, bom e devotado.

— E não sente nenhuma culpa por tê-la enganado desde o princípio?

Gabriel encarou o religioso. Sentia que o vigário o estava forçando a examinar as complexas emoções que mantivera escondidas no fundo do coração com muito esforço e grande determinação. Emoções que ele não sabia ao certo se desejava examinar.

— Vejo que é um oponente bastante perigoso, vigário.

Humbly moveu as mãos de forma a demonstrar frustração.

— Não, não. Sou só um homem tolo e velho.

O conde sorriu. Não se deixava enganar pela atitude modesta do hóspede.

— Está correto, é claro — ele admitiu com relutância. — Sacrifiquei Beatrice para atender aos meus propósitos egoístas. E agi de maneira fria, metódica. Como o vilão que ele acredita que sou, eu a escolhi deliberadamente por ser vulnerável e demonstrar possuir as qualidades necessárias para ser minha condessa. Dentre elas, a mais importante de todas, um vasto dote.

— Não encontrou nela nada que o atraísse além do dinheiro?

Gabriel encolheu os ombros com certa inquietação. Não queria discutir a estranha perturbação que sentira ao ser apresentado a Beatrice. O vigário o julgaria insano, se contasse que havia sentido que ele e Beatrice estavam destinados por algum fator místico a viverem juntos.

— Admiro sua inteligência, é evidente — disse, controlando o tom de voz para não demonstrar ansiedade. — E ela já provou ser muito boa com os colonos e os vilarejos. Não consigo sair de casa sem ouvir elogios a sua generosidade e à preocupação que demonstra ter com o povo de Falcon Park. — Um sorriso terno e indesejado encurvou seus lábios, — Afirma que ela não tem charmes especiais, Humbly, mas ela conquistou o coração e a lealdade do povo

daqui com facilidade espantosa.

— E isso o agrada?

— É claro que sim. É muito importante que a condessa de Faulconer seja respeitada por aqueles que são importantes para o futuro de nossa propriedade.

— Então, já temos aí um bom começo — Humbly anunciou com um sorriso complacente. — Vocês têm Falcon Park como um elo que os une.

Gabriel não se deixava impressionar por tal lógica.

— Duvido que ela esteja disposta a oferecer mais do que isso.

— Não sem uma boa medida de sedução.

Um suspiro irritado brotou do peito de Gabriel.

— Vamos voltar a esse tópico, agora? Estou me sentindo como um recruta novamente, Humbly! Fico aqui falando, falando e falando, sem ter a menor noção do que fazer em seguida, de como continuar.

De repente o religioso adotou uma postura mais firme e um olhar duro.

— Pensou em suas necessidades quando se casou com Beatrice. Agora é hora de considerar as necessidades dela. Acredito que é um bom homem, meu lorde. Examine seu coração e certamente encontrará meios de aproximar-se de sua esposa.

Gabriel considerou silencioso as palavras de censura velada.

Seria possível?

Poderia conquistar o distante coração de Beatrice?

Ele encheu os pulmões de ar buscando fortificar-se. Havia esperado que o tempo curasse as feridas de Beatrice. No final, com alguma paciência, ela acabaria deixando para trás um passado que a desagradava e passaria a aceitar seu papel de esposa e condessa.

Mas talvez Humbly estivesse correto. Era possível que, sob a natureza prática da mulher que desposa, houvesse um coração romântico. Talvez ela desejasse ser envolvida e seduzida, em vez de ser deixada a sós com suas mágoas e seus rancores.

Uma coisa era certa, ele reconheceu sério. Não podia arruinar ainda mais o casamento do que já o fizera.

Gabriel acordou cedo, percorreu as terras e conversou com os colonos antes de voltar para casa e tomar a direção da conturbada cozinha. Menos de quinze minutos mais tarde, ele levava nas mãos uma enorme bandeja que pretendia depositar no quarto de Beatrice.

Ao longo do caminho pelos largos corredores, o conde hesitou mais de uma vez. Estava longe de ter certeza de que não faria papel de tolo. Beatrice nunca manifestara o desejo de ser seduzida pelo marido. De fato, ela havia deixado bem claro que preferia ser deixada em paz.

E mesmo assim, ele continuava caminhando para os aposentos afastados do centro da mansão.

Precisava ao menos ter certeza de que fizera o possível para fazê-la feliz. Ela merecia esse esforço.

Além do mais, o que podia acontecer de pior?

Um prato de ovos jogado sobre sua cabeça?

Um olho roxo?

Sobrevivera a indignidades piores antes.

Mais confiante, Gabriel parou na frente da porta do quarto de Beatrice e, com um misto

de sorte e habilidade, conseguiu abri-la sem derrubar a bandeja no chão.

Aliviado por ter passado pela primeira barreira, ele seguiu devagar para a enorme cama que dominava o dormitório.

Sentou-se na beirada do colchão, observando a esposa mover-se sob as cobertas.

Um sorriso distendeu seus lábios diante da imagem delicada dos traços corados emoldurados pelos cachos cor de mel. Ela parecia muito feminina em seu sono. Quase vulnerável sem a energia propulsora que parecia emanar de seus poros quando estava acordada.

A vontade de inclinar-se e beijar a pele suave acetinada de seus lábios foi contida diante do olhar confuso e espantado de Beatrice.

— Bom dia, minha querida — ele a cumprimentou com doçura. Com movimentos rápidos e desajeitados, ela se sentou segurando as cobertas contra o peito.

— Gabriel, o que está fazendo?

— Como não se sentia bem ontem à noite, pensei que seria adequado vir trazer seu café na cama.

Ele depositou a bandeja sobre os joelhos de Beatrice. Olhando para os numerosos pratos, ela teve a graça de corar.

— Oh, eu... já estou bem melhor.

— Fico feliz por saber disso, mas não há razão alguma para desperdiçar um café tão saboroso e variado. Trouxe seus favoritos. Morangos frescos, ovos, presunto e torradas com muita manteiga.

Pega de surpresa e bastante mobilizada pelo gesto inesperado, ela tentou esconder o desconforto.

— Obrigada.

— Aqui. — Movendo-se de forma a sentar-se mais perto dela,

Gabriel pegou o guardanapo na bandeja e o estendeu sobre suas pernas.

Ela umedeceu os lábios com a língua. Gabriel manteve a calma, apesar da onda de calor que o tomou de assalto.

— Não devia estar nos campos? — ela perguntou distraída.

— Já estive. Sei que o feno está sendo colhido e armazenado de acordo com minhas instruções. Os colonos podem sobreviver a algumas horas sem mim. — Ele sorriu atencioso. — Não vai comer?

— É claro. — Com movimentos nervosos, Beatrice pegou um morando e levou-o à boca.

Gabriel conteve um sorriso. Pelo menos ela não havia jogado a bandeja sobre sua cabeça nem o atirara para fora da cama. Já era um começo.

— Presumo que tenha conseguido impedir Chalfrey de promover um motim no nosso jardim.

— Não foi fácil. — Beatrice brincava distraída com um pedaço de torrada. — Ele insiste em afirmar que as mudanças beiram o sacrilégio.

Gabriel a encarava com firmeza.

— Ele pode ser substituído facilmente, se julgar necessário.

Como já esperava, Beatrice balançou a cabeça numa negativa eloqüente. Com toda a competência que demonstrava nas questões envolvendo autoridade e respeito, ela tinha um coração de ternura surpreendente.

Uma ternura que dedicava a todos, menos ele.

— Não. Chalfrey é encrenqueiro e teimoso, mas é um bom jardineiro, e duvido que

alguém possa demonstrar maior devoção por Falcon Park.

— É verdade. E não duvido de que em breve ele terá por você a mesma lealdade que teve por minha mãe. Você é muito parecida com ela, sabe?

— Com sua mãe? Impossível.

— Impossível por quê?

— Vi o retrato dela na galeria. Ela era linda e muito elegante. Diferente de mim.

Gabriel sorriu ao reconhecer a dureza em seu tom de voz. Os pais dela nunca haviam elogiado a beleza daqueles olhos cor de âmbar, forçando-a assim a reconhecê-la? Ninguém jamais mencionara como eram tentadoras suas curvas exuberantes?

— Você também é adorável — ele disse. — Mas eu me referia à preocupação que ela sempre teve com os criados e os colonos. Ao contrário de meu pai, mamãe se dedicou a melhorar as condições daqueles que dependiam de nossa família. Ainda me lembro de como as crianças do vilarejo se reuniam em torno dela no momento em que mamãe descia do coche. Eles simplesmente a adoravam. Sempre tive orgulho por ser seu filho.

Apesar de todo esforço, Beatrice não podia esconder o prazer e a satisfação provocados por suas palavras.

— Eu teria gostado de conhecê-la — ela murmurou finalmente.

Mais uma vez, o conde experimentou o conhecido sentimento de perda ao pensar na mãe. Também gostaria que ela estivesse viva para conhecer Beatrice. Não duvidava nem por um instante de que as duas teriam sido grandes amigas.

— Você a teria adorado. — Ele sorriu com saudades. — E ela a teria considerado uma excelente condessa.

Um rubor tingiu sua pele clara.

— Quantos anos você tinha quando ela morreu?

— Nove. — Era doloroso pensar em um tempo tão horrível. — Foi tudo muito inesperado. Ela havia saído para ajudar um colono, quando foi surpreendida por uma tempestade repentina. Dois dias depois ela estava morta.

Os olhos cor de âmbar ganharam um toque de suavidade emprestado pela compaixão.

— Deve ter sido muito difícil para você.

— Levei muito tempo para aceitar que ela nunca mais voltaria. Ia sorrateiro ao quarto dela no meio da noite e dormia em sua cama, esperando que ela voltasse para casa de repente. Queria ser o primeiro a recebê-la. Por fim, meu pai passou a trancar a porta para impedir-me de entrar aqui.

— Aqui? — Uma expressão estranha dominou seu rosto. — Este era o quarto dela?

— Exatamente. E a porta ainda permanece fechada. Não é irônico? — ele perguntou.

O conde lamentou imediatamente as palavras mal escolhidas ao vê-la enrijecer os ombros.

— Gabriel...

— Não, por favor... Desculpe-me. — Ele estendeu a mão para afastar de seu rosto uma mecha cor de mel. — Eu só estava brincando.

Por um momento teve medo de ter arruinado qualquer pequena medida de progresso que pudesse ter obtido, mas, depois, para seu alívio, a tensão desapareceu.

— Você se incomoda por eu ter mudado a mobília do quarto?

— Céus, não! — Ele olhou em volta e se deixou invadir pela alegria tão diferente da esqualidez sombria que dominara o ambiente por tanto tempo. — Amava minha mãe, não o quarto onde ela dormia. Além do mais, mesmo sendo apenas uma criança, considerava o

aposento escuro, triste e mal decorado. Agora sim, o ambiente é propício a uma condessa. Minha condessa.

Seus olhos encontraram os dela e Gabriel teve súbita consciência de que, além de estarem sozinhos, estavam conveniente instalados sobre uma confortável cama.

Queria inclinar-se e tomar posse dos lábios que atormentavam seus sonhos. Queria cobrir aquele corpo com o seu e perder-se na paixão que, sabia, poderia despertar nela. Queria ouvi-la gritar de prazer enquanto a possuísse.

Seu corpo ganhou vida de forma intensa e dolorosa, mas, como se sentisse o calor que pairava no ar, Beatrice mudou de posição contra os travesseiros que a sustentavam.

— Agora devo me levantar. Tenho um compromisso dentro de pouco tempo — ela anunciou bruscamente.

Relutante, Gabriel conteve o desejo que o incendiava.

Pelo menos ela falava com ele novamente, disse a si mesmo, tentando amenizar a frustração. E haviam conseguido conversar sem trocar farpas e as habituais acusações.

Era um progresso, mesmo que seu corpo protestasse com a frustração do pleno prazer que seria conseqüência do encontro físico com a esposa.

Talvez essa sugestão de seduzir a mulher com quem se casara não fosse tão ruim, afinal.

— É claro. — Levantando-se, ele a fitou com um sorriso gentil. — Voltarei a vê-la mais tarde, minha querida.

Capítulo VI

Havia pelo menos uma dúzia de tarefas esperando por sua atenção. Tinha de examinar os catálogos de padrões. Um artista esperava ouvir sua opinião sobre a pintura que ele restaurava. A cozinheira solicitara uma revisão do cardápio do dia. Várias cartas esperavam por ela sobre a escrivaninha. E ainda teria de examinar com cuidado todas as contas da casa. Mas, embora uma parte dela a censurasse por não estar cumprindo em tempo todos os seus deveres, outra parte, essa ainda maior, encontrava-se em rara confusão.

Era absurdo.

Por semanas conseguira viver em Falcon Park sem ser perturbada por Gabriel. Sim, enfrentara confrontos ocasionais que terminaram em palavras ríspidas. E, honestamente, não podia negar que tinha o sono perturbado por pensamentos e imagens relacionados ao marido.

Mas, com grande força de vontade, conseguira estabelecer uma existência como lady Faulconer que era tão confortável quanto podia esperar naquelas circunstâncias.

Tinha seus deveres com os colonos, a paixão envolvente pela restauração de Falcon Park, e suas invenções. Não era a vida que ela havia imaginado. Mas era preferível à súbita imprevisibilidade dos últimos dias.

Andando pelo pequeno aposento onde havia instalado seu estúdio, Beatrice tentou acalmar-se. Talvez estivesse apenas exagerando em suas preocupações. Afinal, o que havia realmente acontecido para deixá-la tão perturbada?

Sim, Gabriel se comportava de maneira peculiar. Passara a procurá-la com regularidade enervante, e discutia prontamente suas mais íntimas emoções. E havia uma nova determinação em sua atitude que despertava desconfiança. Mas ele não procurara forçá-la a nada. Em vez

disso, mostrava-se absolutamente encantador e surpreendentemente vulnerável.

E era exatamente esse o problema, ela reconheceu relutante.

Desde que chegara a Derbyshire, Gabriel poucas vezes havia tentando ultrapassar a barreira de frieza e desdém com que ela se protegia. Em vez disso, permitira que ela estabelecesse seu ritmo de vida com uma generosa medida de independência. Só em raras ocasiões revelara alguma impaciência e a frustração que borbulhavam sob a superfície pacata, sentimentos provocados pelo lamentável estado de seu relacionamento com a esposa.

Esse súbito retorno ao persistente e envolvente cavalheiro que lhe havia roubado o coração era, para dizer o mínimo, desconcertante.

Como poderia permanecer indiferente quando ele compartilhava a solidão de sua infância? Ou o profundo pesar por não ter sido capaz de ajudar aos que dele dependiam? Ou quando ele a abraçava e beijava como se realmente a desejasse?

Lembrando o pungente e agudo calor que a invadira quando Gabriel se sentara em sua cama naquela manhã, Beatrice levou uma das mãos ao peito, pousando-a sobre o coração.

No dia anterior escapara de seu beijo com toda a intenção de nunca mais repetir tal fraqueza.

Apesar de ter dedicado boa parte da noite ao sermão com que se preparara para enfrentar novas investidas, em nenhum momento antecipara a aparição de Gabriel em seus aposentos.

E era isso que a levava a andar de um lado para o outro no interior do estúdio, em vez de concentrar-se nas tarefas que tinha para cumprir.

Dizendo a si mesma que estava se comportando como uma tola, Beatrice respirou fundo e preparou-se para voltar à escrivaninha. Não perderia o dia inteiro.

Infelizmente, havia acabado de tomar tal decisão, quando o objeto de sua perturbação surgiu repentinamente na soleira da saleta.

Beatrice parou, seus olhos registrando cada detalhe da silhueta esguia revelada pelo casaco azul e pela calça de montaria. O estilo simples, quase severo, combinava perfeitamente com sua elegância inata que não necessitava de atavios ou retoques. Ele era um homem belo demais para se deixar cobrir por babados e outras futilidades adotadas pelos cavalheiros da sociedade.

Não era de espantar que sempre sentisse um tremor em sua presença, ela reconheceu contrariada, dolorosamente consciente de que seu vestido já estava sujo de poeira e os cabelos escapavam do coque no alto da cabeça.

Se Gabriel considerava sua aparência menos do que aceitável, no entanto, ele não demonstrou o sentimento enquanto se aproximava sorridente.

— Tem um momento para mim, Beatrice? — ele indagou em voz baixa.

Ignorando o prazer que a invadia, reação provocada pela inesperada visita em seu estúdio, ela ofereceu uma expressão composta e séria.

— Qual é o problema? Mais uma batalha no jardim, imagino?

Ele riu.

— Não que eu tenha conhecimento.

— Então...

— Tenho algo que gostaria que visse.

Ela o estudou com um misto de curiosidade e desconfiança. O que o conde poderia estar tramando agora?

— Muito bem — Beatrice concordou hesitante.

Deixando que ele tomasse sua mão e a colocasse sobre um braço, caminhou para fora do

estúdio e desceu a escada guiada pelo marido. Não podia negar uma poderosa curiosidade com relação ao que estava prestes a ver.

Mal haviam entrado no saguão quando foram interceptados por uma mulher corpulenta de cabelos grisalhos e expressão perturbada.

— Oh, lady Faulconer! — a governanta gritou aliviada. Beatrice parou e olhou para a criada com as sobrancelhas erguidas, expectante.

— Sim, sra. Greene?

— O vigário Dunder enviou uma mensagem informando que a sra. Litton caiu e foi posta na cama. Ele quer que a senhora tome providências para que a mulher tenha um jantar apropriado.

A um passo de garantir à criada que a pobre e idosa viúva receberia toda a atenção necessária, Beatrice foi silenciada pelo gesto autoritário de Gabriel que, sério, deu um passo à frente.

— Pode dizer ao vigário que enviaremos um cesto com comida à casa da sra. Litton, e que por hoje ele pode cuidar de seus deveres em vez de entregar-se à cerveja da hospedaria local. Diga também ao nosso bom religioso que lorde Faulconer não está nada satisfeito com seus esforços entre o rebanho. Talvez ele tenha a bondade de vir encontrar-me para que possamos discutir a natureza de suas responsabilidades.

Beatrice estranhou a ameaça nada sutil, mas, estranhamente, a sra. Greene parecia muito satisfeita com a mensagem que deveria transmitir.

— Muito bem, meu lorde.

A mulher retornou pelo corredor de onde havia surgido, e Beatrice foi conduzida para fora da casa e para os estábulos distantes.

— Aquilo era mesmo necessário? — ela perguntou depois de algum tempo, sem saber o que ainda devia esperar do marido.

Os traços tingidos de dourado pelo sol se tornaram rígidos e contrariados.

— Estou absolutamente farto desse tolo empurrando para você todas as obrigações que, por direito, cabem a ele, minha querida.

Beatrice encarou-o surpresa.

— Gosto de ajudar os colonos.

— Sim, mas está mais do que ocupada com os operários, sem mencionar seus inventores. Devia organizar as visitas que faz aos colonos de acordo com sua conveniência, não com a do vigário. Não trabalha para ele. Não vou mais admitir que ele explore sua generosidade.

Pega de surpresa tanto pela evidente preocupação no tom de voz dele quanto pela descoberta de que o marido tinha plena consciência de seus inúmeros deveres, Beatrice limitou-se a assentir discretamente.

— Como quiser — respondeu.

Ao ver um dos empregados caminhando para a casa levando um cesto cheio de flores retiradas da estufa, Gabriel chamou-o. Depois, com concentração exagerada, ele estudou os diversos botões.

— Vejamos. Não quero uma rosa. — Por fim ele pegou uma margarida e autorizou o criado a seguir seu caminho. — Você, minha querida, é uma margarida. Discreta, com uma fragrância delicada que não busca sufocar, mas que proporciona uma sutil doçura.

Colocando a flor na mão dela, Gabriel retomou a caminhada para os estábulos sem dizer mais nada. Beatrice mal conseguia decidir para onde se dirigiam enquanto, confusa, o estudava com desconfiança crescente.

— O que é isso, Gabriel? — ela perguntou finalmente, incapaz de conter-se.

O conde a fitou com ar confuso.

— Do que está falando?

— Tem se comportado de maneira muito estranha.

— Eu? Realmente?

— Sim.

Ele encolheu os ombros, enquanto um sorriso misterioso distendia seus lábios.

— Só quero desfrutar de alguns dias de tranqüilidade depois de uma difícil temporada de plantio. Considera minha atitude surpreendente?

— Bem, não, mas... — A verdade era que não acreditava nem por um momento que esse comportamento tão peculiar estivesse relacionado ao término da época de semeadura.

Pressentindo sua desconfiança, Gabriel tomou bruscamente a direção oposta à dos estábulos e levou-a para um grande galpão.

— Por aqui.

— Aonde vamos? — ela quis saber.

— Já vai descobrir. — Atravessando o galpão com passos seguros, o conde a levou ao centro da espaçosa estrutura vazia. — O que acha?

Beatrice olhou em volta com ar intrigado, estudando o ambiente úmido e fresco.

— Acho que é um celeiro.

— Sim, o lugar precisa de atenção e trabalho, mas tem estrutura sólida e muito espaço.

— É um excelente celeiro. Mas...

— Ainda não entendeu minha intenção?

— Francamente, não.

— Acho que este é um excelente lugar para você estudar seus inventos.

Atônita, Beatrice sentiu o queixo cair.

— Oh...

— Mandarei construir uma lareira, e acho que vai precisar de uma mesa e de algumas cadeiras. Não será perfeito, é claro, mas pelo menos não vai ter de ficar na chuva, e será muito mais quente e confortável durante o inverno.

Beatrice virou-se de repente, consciente de que não poderia esconder sua reação ao gesto de generosidade. Ninguém jamais a encorajara a cultivar o interesse pelos inventos. Pelo contrário, todos o julgavam impróprio e indigno de uma mulher. De fato, sofrera ataques contínuos da família para que fosse procurar um passatempo mais convencional.

Saber que Gabriel estava disposto a apoiá-la de maneira tão direta e tangível provocava um calor que envolvia seu coração de forma perigosa.

— Sim — sussurrou depois de alguns instantes. — Acha que o galpão vai servir?

Ela foi forçada a pigarrear, um gesto nada elegante, especialmente para uma condessa, mas temia que o nó que se instalara em sua garganta a impedisse de falar.

— Acho que será excelente.

— Nesse caso, vou convocar alguns operários para o trabalho de reforma. Eles deverão começar imediatamente.

Beatrice virou-se devagar para encarar o marido.

— Gabriel.

— Sim?

— Obrigada.

Ele se moveu lentamente para segurar suas mãos, tomando cuidado para não esmagar a delicada margarida.

— Tudo que desejo é que seja feliz aqui, Beatrice. Esse sempre foi o meu desejo.

Ela assentiu. Esse homem a abordara sem nenhum escrúpulo com a única intenção de apoderar-se de sua fortuna. Conquistara seu afeto de maneira deliberada escondendo seus propósitos diabólicos. Havia jurado para si mesma que jamais perdoaria tal traição. Mas, um olhar para aquele rosto e para os olhos cor de mel, e já começava a se perguntar se seria possível que ele tivesse algum sentimento verdadeiro.

— Não é fácil — ela respondeu com tom calmo e controlado.

Gabriel sorriu esperançoso.

— Não. Sei que vai precisar de tempo.

Ele deu mais um passo, quase como se pretendesse beijá-la. Beatrice respirava ofegante por conta da antecipação. Não passava por sua cabeça a possibilidade de escapar. Não quando tremia com a força da própria urgência. Queria sentir aqueles lábios sobre os seus. Queria experimentar o desejo mágico que só Gabriel podia inspirar.

Mas, quando os olhos dele pousaram sobre seus lábios entreabertos e úmidos, um súbito estrondo de passos anunciou a aproximação de alguém. Segundos depois a figura encorpada do sr. Humbly surgiu na porta do galpão.

Por um momento, o homem ficou parado como se recuperasse a capacidade de respirar com alguma normalidade. Depois, quando seus olhos se ajustaram à escuridão, ele notou Beatrice e Gabriel observando-o com evidente espanto.

— Oh... desculpem-me — ele murmurou agitado.

— Sr. Humbly — Beatrice adiantou-se apreensiva. — Precisa de alguma coisa?

— Não, não. Estava apenas respirando um pouco de ar fresco.

Seu sorriso continha uma doce inocência, mas o subterfúgio foi desmascarado quando a voz estridente de dia Sarah cortou o ar.

— Sr. Humbly.

Beatrice conjurou uma debochada expressão de espanto.

— Ora, sr. Humbly, está evitando tia Sarah deliberadamente?

— Ah... — O vigário endireitou o chapéu que estava quase caindo de sua cabeça e tossiu constrangido. — Bem...

Gabriel riu expressando simpatia.

— Não tema, Humbly. Não revelaremos seu paradeiro.

O religioso inclinou-se.

— Serei eternamente grato por isso, meu lorde.

— Agora devo ir ao encontro de meu lacaio. Me dão licença? — Ele se virou para segurar a mão de Beatrice e beijar-lhe os dedos. Depois, notando o espanto em seus olhos, sorriu e acenou para Humbly antes de sair do celeiro.

Beatrice o viu afastar-se com uma ruga entre os olhos e a margarida ainda em sua mão.

Não confiava em Gabriel nessa estranha disposição, disse a si mesma. A atitude atenciosa deixava seu estômago atado em nós e seus pensamentos no mais completo caos. Não, não era precisamente em Gabriel que não confiava. Era em sua própria reação à repentina oferta de amizade.

Havia sido simples manter-se agarrada à dor causada pela traição quando só o encontrara em raras ocasiões. Mas era diferente ter e sustentar tal sentimento enquanto ele a cobria de atenção.

— Beatrice.

Percebendo subitamente que o vigário falava com ela, Beatrice fez um esforço para concentrar-se nas palavras de seu gentil hóspede.

— Perdoe-me, creio que me distraí — ela confessou. — O que estava dizendo?

— Perguntei se estava perturbada com alguma coisa.

Ela sorriu com algum constrangimento.

— Por que pergunta?

— Notei que tem um ar muito estranho hoje...

— Não. Nada me perturba. Apenas...

— Prossiga. Qual é o problema? — O cavalheiro incentivou-a enquanto se aproximava para melhor estudá-la.

Beatrice encolheu os ombros.

— Lorde Faulconer sugeriu que eu use este celeiro para examinar os inventos que são trazidos à minha inspeção.

— Mas essa é uma idéia maravilhosa! — Havia satisfação na voz do vigário. — É muito mais confortável do que ficar em pé enfrentando o vento e a chuva.

— Sim — ela concordou em dúvida.

— Então, por que está preocupada?

— É estranho.

— O quê?

— Nunca outra pessoa compreendeu meu interesse pelas invenções. Isto é, ninguém além de meu bom amigo vigário — ela corrigiu apressada. — Como sabe, meus pais reagiam a esse interesse com grande decepção. Não só porque jovens damas devem concentrar-se em tarefas mais delicadas, como pintar e bordar mas porque eles diziam que não precisavam ser lembrados de que a fortuna de meu avô era proveniente de suas inúmeras patentes. Até meus amigos mais próximos consideram meu passatempo vulgar e impróprio.

Humbly assentiu com ar sábio.

— Poucos entre a sociedade consideram adequado possuir pensamentos ou interesses originais. Como carneiros, eles se esforçam para permanecerem juntos e seguir um líder com cega devoção. Fico feliz por lorde Faulconer possuir o bom senso de admirar suas qualidades únicas.

Beatrice mordeu o lábio inferior.

— Ou ele está apenas tentando me agradar?

Sem pensar, Humbly gargalhou.

— Ele agora é seu marido. Por lei, é também seu senhor. Não há nenhuma necessidade de lorde Faulconer tentar agradá-la, como diz. Ele só quer encorajar a atividade que mais a agrada, e esse é um sentimento admirável.

Beatrice olhou para o vigário com desconfiança crescente. De repente se dava conta de que o comportamento peculiar de Gabriel havia começado depois da chegada do sr. Humbly. E certamente não deixaria de considerar a possibilidade de o cavalheiro estar interferindo em seu casamento. Ele possuía o antigo hábito de imiscuir-se na vida de outras pessoas.

— Pediu a ele para fazer isso? — ela perguntou sem rodeios.

Humbly reagiu chocado à acusação.

— De jeito nenhum. Admito que lorde Faulconer confessou estar triste com sua evidente infelicidade, mas não pude oferecer nenhum conselho ao bom conde além de bom senso e paciência.

Beatrice não estava inteiramente convencida. Humbly podia ser astuto como uma raposa, quando queria enganar alguém.

— Não vou esquecer a traição de que fui vítima. Nunca — ela afirmou com tom neutro.

Humbly afagou sua mão.

— É claro que não.

— Já fui enganada antes. Não suportaria passar por isso outra vez.

— Não creio que lorde Faulconer esteja pensando em enganá-la, Beatrice.

Como era fácil para ele ter certeza, Beatrice pensou desconfiada. Havia confiado nos próprios instintos antes, e no final acabara sendo enganada. Não voltaria a acreditar na intuição com tanta presteza.

— Devo voltar para casa. Com licença, vigário.

Com uma expressão distraída, Beatrice virou-se para sair do celeiro. Podia dedicar o dia inteiro à reflexão sobre a súbita bondade de Gabriel, e não encontraria as respostas que procurava. Sabia que não havia respostas a serem encontradas em seus pensamentos caóticos.

Felizmente, tinha muito trabalho exigindo sua atenção.

Atravessando o pátio do estábulo, ela não prestava muita atenção ao ambiente que a cercava. Em vez disso, considerava se devia ir ao encontro dos operários ou se tranqüilizava a aflita cozinheira quanto ao cardápio para o jantar daquela noite.

Tais dilemas eram muito mais fáceis de resolver do que os mistérios de seu coração.

Seus passos foram perdendo o ritmo e, tarde demais, ela notou a mulher agitada correndo em sua direção.

Maldição.

Por que não lembrara que tia Sarah estava percorrendo a área em busca de sua vítima?

Era tarde demais para buscar refúgio no estábulo próximo, e Beatrice deteve-se relutante enquanto a viúva continuava correndo ao seu encontro.

— Oh, Beatrice, é uma alegria encontrá-la. Estou procurando Pelo querido sr. Humbly.

Beatrice sorriu com um ar vago.

— De fato?

— Sim, e ele é um cavalheiro adorável! — Tia Sarah deixou escapar um suspiro romântico.

— Sim, ele é realmente encantador.

— E possui casa própria. Um chalé.

— Sim.

Um brilho curioso iluminou os olhos da mulher mais velha.

— Suponho que ele tenha um rendimento... confortável?

Beatrice pensou no pobre vigário ainda escondido no celeiro.

Embora houvesse um inegável humor em assistir à tentativa desesperada do pobre religioso para escapar das garras de tia Sarah, não podia em são consciência permitir que essa situação se prolongasse. Humbly era doce e bondoso demais para ser castigado dessa maneira.

— Não creio que ele tenha algum rendimento — respondeu, esmagando deliberadamente as esperanças da viúva. — Sua família sempre viveu em circunstâncias muito difíceis, e um vigário raramente recebe mais do que uma modesta quantia por seus serviços. Um valor quase simbólico.

Tia Sarah não se deixava desencorajar com facilidade.

— Sim, mas um vigário vive com simplicidade. Ele deve ter reunido algumas economias.

Beatrice balançou a cabeça.

— Não o sr. Humbly. É comum que ele tire do próprio bolso o dinheiro necessário para ajudar alguém em dificuldades. 0 próprio conforto nunca fez parte de suas preocupações.

— Entendo — tia Sarah murmurou. Uma ruga começava a se formar em sua testa. Era evidente que ela não estava muito ansiosa para desposar um vigário que não podia oferecer nada além de um chalé úmido e algumas poucas amenidades.

— Não tema. Como disse, o sr. Humbly prefere viver com simplicidade. Estou certa de que ele ficará satisfeito em seu pequeno chalé e cercado apenas do que é realmente indispensável.

— Entendo — tia Sarah repetiu relutante. Então, sem aviso prévio, um sorriso iluminou seu rosto. — A menos que...

Beatrice não gostava nada do brilho nos olhos dela.

— A menos que...

Tia Sarah sorriu com grande satisfação.

— Bem, é certo que aqueles que o apreciam farão o que for necessário para assegurar seu conforto nos anos da velhice. Não é esse o dever dos verdadeiros amigos? Propiciar um rendimento adequado?

Beatrice teve de admirar a astúcia da viúva. Ela havia acabado de determinar que, como amiga do vigário, deveria fazer tudo que estivesse ao seu alcance para garantir o bem-estar do sr. Humbly. E isso incluía doar uma parte de sua fortuna para mantê-lo no mais absoluto luxo em companhia de sua ambiciosa esposa.

— Duvido de que o sr. Humbly aceite caridade — ela respondeu séria.

— Caridade? Ah! — Tia Sarah desprezou a idéia. Não tinha escrúpulos quando a questão envolvia seu bem-estar. — Ele merece mais do que isso.

— Certamente — Beatrice admitiu contrariada, percebendo que havia caído em uma armadilha. O pobre Humbly teria de enfrentar essa batalha sozinho. — Bem, agora devo me desculpar e voltar para casa. Inúmeros deveres esperam por mim.

Beatrice seguiu seu caminho, dessa vez com passos mais rápidos a fim de evitar novas interrupções.

Na cozinha, ela parou para conversar rapidamente com a cozinheira antes de ir procurar pelos operários, com quem discutiu detalhes da reforma. Depois, finalmente, foi falar com o artista que se negava a tocar na tela do século dezessete sem antes ser autorizado a viajar a Londres levando a obra para ser examinada pela Real Academia de Arte.

No geral, quase quatros horas transcorreram antes que ela pudesse buscar a paz de seus aposentos. Sentia uma enorme necessidade de relaxar em um bom banho quente e repousar antes de descer para o jantar.

Abrindo a porta do quarto, ela entrou e deu alguns passos antes de parar bruscamente.

— Pelos céus — murmurou assustada, deixando os olhos vagarem pelos vastos buquês de margaridas que haviam sido espalhados pelo dormitório.

Em pé ao lado da cama, sua criada pessoal sorria.

— São realmente lindas, não são, senhora? Beatrice estava aturdida.

— De onde elas vieram?

— Lorde Faulconer mandou buscá-las em todas as estufas da região — a criada contou com tom entusiasmado. — E ele também enviou uma nota.

Aproximando-se da cômoda apontada pela serva, Beatrice pegou o cartão escrito com a caligrafia precisa de Gabriel.

Beatrice,

Espero que as flores proporcionem prazer e talvez afaçam sorrir. Só desejo sua felicidade. Ao seu dispor, Gabriel

Ela deixou o cartão sobre a cômoda e levou as mãos ao peito.

Céus!

Como poderia resistir a investidas tão envolventes e sedutoras?

E, mais importante, queria realmente resistir?

Que situação...

Capítulo VII

O chalé era pequeno, porém limpo, com telhado de sapé novo e alguns móveis feitos à mão. Também havia o aroma doce das flores frescas que Beatrice levara com uma cesta de comida.

Depois de colocar nas mãos da sra. Litton uma tigela de sopa quente e uma fatia de pão fresco, ela se sentou em uma cadeira próxima da cama e viu a viúva consumir seu modesto banquete.

Não havia mentido para Gabriel. Gostava realmente dos momentos que passava em companhia dos colonos. Diferente de muitas pessoas sofisticadas da sociedade, o povo de Falcon Park era honesto e franco. Não se escondiam atrás de seus leques para rir da simplicidade de alguém nem recitavam palavras doces enquanto vertiam seu veneno letal. Não julgavam o próximo pela beleza aparente ou pela elegância de suas maneiras.

Ao contrário, eles trabalhavam duro e esperavam o mesmo daqueles com quem conviviam. Também ofereciam uma amizade genuína que era baseada em lealdade e respeito.

Não era de estranhar que se sentisse mais confortável na companhia dos colonos do que na presença de aristocratas.

Depois de sorver a última porção da nutritiva sopa, a mulher se reclinou com um suspiro.

— Deliciosa — murmurou, o olhar atento contrastando com o corpo frágil coberto por uma colcha de lã.

A sra. Litton podia ter mais de setenta anos, mas ainda era lúcida e franca. Tão franca que, em alguns momentos, chegava a ser constrangedora.

— É muita bondade sua, minha senhora.

— De maneira nenhuma. — Beatrice deixou a bandeja vazia sobre uma mesa de cabeceira e sorriu para a mulher. — É um prazer ter uma boa desculpa para vir visitá-la.

Uma expressão misteriosa surgiu no rosto envelhecido da sra. Litton que, alerta, estudou-a por alguns segundos em silêncio.

— É muito parecida com a última condessa — ela disse satisfeita. — Ela era capaz de fazer qualquer pobre alma sentir-se confortável em sua presença, qualquer que fosse sua situação na vida. Fico feliz por descobrir que a bênção Falcon não se perdeu com a morte do filho mais velho.

Beatrice piscou algumas vezes numa reação confusa.

— Bênção?

A sra. Litton inclinou a cabeça para o lado como uma ave curiosa.

— Já deve ter ouvido a história do primeiro conde Faulconer, que salvou um falcão ferido da morte iminente.

— Não, não conheço essa história.

— Ah! — Os olhos claros ganharam a luz do humor diante da evidente confusão da condessa. — O falcão era uma criatura mágica, sabe? E depois de ter sido resgatado, ele deu a lorde Faulconer a bênção que só se pode obter de alguém de coração puro e verdadeiro. Desde esse dia, cada lorde Faulconer se casou com uma mulher de coragem e lealdade. Mulheres como minha senhora.

Beatrice sentiu o rosto inundado por um rubor quente. Céus, não era o bastante ter sido colocada na posição de condessa? Também teria de corresponder a expectativas criadas por uma lenda absurda?

Qualquer mulher de bom senso já estaria fugindo aterrorizada de toda essa pressão.

Percebendo que a sra. Litton esperava por uma resposta, Beatrice forçou um sorriso calmo.

— É uma história encantadora.

— Concordo. Só lamento que nem todos os lordes Faulconer tenham sido igualmente leais e corajosos. Não sou pessoa de falar mal dos mortos, mas o conde anterior era terrível. Não foram muitos os que choraram sua morte.

Beatrice conhecia a mulher há tempo suficiente para não se sentir chocada por suas palavras rudes. Ela nunca fizera segredo da antipatia que nutria pelo antigo lorde Faulconer.

— Estou certa de que esse foi um período difícil para os colonos. — comentou, tentando expressar sua simpatia.

A mulher riu com amargura.

— Foi um tempo de pesar. Muitos homens bons foram forçados a caçar ilegalmente e até a roubar para garantir o sustento das famílias. Orgulho não põe comida na mesa, sabe?

Beatrice assentiu. O desespero podia levar até o mais valoroso dos homens a adotar comportamentos alheios a sua natureza.

Por exemplo, um cavalheiro honrado podia se sentir forçado a enganar uma jovem donzela, sussurrou aquela voz traiçoeira que habitava o fundo de sua mente.

Ela esmagou prontamente o pensamento inadequado.

Essa era uma situação diferente, respondeu para si mesma.

Absolutamente diferente.

— Posso assegurar que as coisas serão muito melhores de agora em diante — disse.

— Sim. O novo conde é um homem admirável. — A sra. Litton riu. — E claro, no início os colonos não sabiam o que esperar dele. Afinal, ele havia deixado Falcon Park ainda muito jovem, e alguns acreditavam que ele sangraria a propriedade até esgotá-la, como fez o pai dele. Quando ele passou a aparecer diariamente nos campos para trabalhar com os criados e os colonos, como se tosse um deles, o espanto foi geral.

Beatrice não duvidava de que o conde houvesse sido motivo de surpresa depois da indiferença egoísta de seu pai.

— Lorde Faulconer quer garantir a solidez da propriedade e o bem-estar daqueles que dele dependem.

— Um bom homem. Não posso dizer que diferença ele já fez por aqui. O conde nos

deu esperança, o que é muito mais do que tivemos em muitos anos.

— Entendo.

— E ainda é bonito — ela comentou com um sorriso ingênuo. — Agora, só lhe resta começar a encher a casa de herdeiros.

Beatrice levantou-se apressada. Bom Deus. Até esse momento não havia pensado que todos os habitantes da propriedade deviam estar atentos esperando por algum sinal de gravidez.

Produzir um herdeiro, afinal, era o mais importante dever de uma condessa. Mais importante que a caridade ou os afazeres domésticos. E muito mais importante do que descobrir uma nova invenção.

Era enervante perceber que até os aspectos mais íntimos de sua vida seriam abertamente especulados por tantas pessoas. Enervante e embaraçoso.

— Agora tenho de ir — disse, sabendo que tinha as faces rosadas. — Mandará me avisar se precisar de alguma coisa?

— Minha filha estará aqui amanhã. Não precisa mais se preocupar comigo.

— Obtenho grande prazer com minhas visitas, como deve saber. Voltarei em um ou dois dias.

Deixando os utensílios usados para serem recolhidos por um criado, Beatrice saiu do abafado chalé. Embora gostasse muito da sra. Litton, não podia negar que era um alívio estar longe de seu olhar penetrante. A mulher era astuta demais para não ter percebido que havia atingido um ponto fraco.

Combinada ao conhecimento de que Gabriel e Beatrice levavam vidas separadas, a observação atenta em breve a levaria à conclusão de que não haveria herdeiros.

Pelo menos não no futuro próximo.

Percorrendo o caminho de volta para casa, Beatrice estreitou os olhos ao ver uma margarida caída sobre a terra. Ela se abaixou para recolher a flor, imaginando de onde ela poderia ter vindo. Aquele era um lugar peculiar para encontrar uma margarida. Mas não havia muito em que pensar. A flor devia ter sido carregada pelo vento desde alguma estufa próxima, ou talvez tivesse caído de mãos desatentas.

Seguindo em frente, Beatrice parou novamente ao encontrar outra margarida no chão.

— Mas o que... — Intrigada, continuou caminhando e encontrou outra margarida logo depois de uma curva.

Era evidente que alguém deixara as flores ali de propósito.

Mas... por quê?

Curiosa, ela apressou os passos, seguindo a trilha de flores mesmo quando ela a conduziu para o lago além da casa. Estava quase chegando à margem, quando virou a cabeça e viu um cavalheiro familiar apoiado de maneira negligente contra um barco a remo que havia sido levado para a terra.

— Gabriel. — Não podia afirmar que era uma surpresa descobrir que o marido era o responsável pela trilha de margaridas. Quem mais a havia comparado àquela adorável flor?

Sorrindo, ele se afastou do barco. A luz dourada do sol emprestava a sua aparência uma vibração máscula que acentuava ainda mais sua beleza. Beatrice foi sacudida por um tremor, resultado da energia contida que o cercava e que parecia envolvê-la de forma irresistível.

— Esperava que as margaridas a trouxessem até mim — ele murmurou.

Era difícil ignorar o charme que pairava no ar.

— O que significa isso?

— O dia está tão lindo! Pensei em convidá-la para um piquenique na ilha.

Beatrice olhou para a pequena ilha no meio do lago. Havia até uma gruta para completar o cenário de sonhos. Embora sempre houvesse admirado a beleza cênica da ilha, nunca havia considerado a idéia de ir visitá-la. O que não era surpreendente, levando em conta que tinha pavor de água!

— Na ilha?

— Sim. Meu avô construiu a gruta para minha avó, de forma que eles tivessem um local absolutamente privado. É o único ponto de Falcon Park que você ainda não visitou.

Beatrice não podia negar o desejo de ir conhecer a gruta. Especialmente agora que sabia que ela havia sido construída por um cavalheiro obviamente devotado a sua dama.

No entanto, havia uma vasta extensão de água a ser percorrida.

— Mas o sr. Humbly... — começou hesitante, só para ser interrompida pela determinação de Gabriel.

— O vigário já partiu para ir visitar o amigo. Ele não retornará se não em algumas horas.

— Oh...

— Qual é o problema? Não gostou da minha sugestão, minha querida?

Ela levantou as mãos.

— Nunca estive em um piquenique.

Um sorriso lento e poderoso distendeu os lábios do conde.

— Garanto que vai gostar da experiência.

Beatrice mordeu o lábio inferior. Não podia negar que uma grande parte dela desejava ceder à tentação. Que mal poderia haver em compartilhar uma refeição ao ar livre com o marido? Um inocente piquenique? Nem por isso havia esquecido a dor que ele a fizera suportar.

Sem dar a si mesma o tempo necessário para ponderar a lógica peculiar, ela moveu a cabeça em sentido afirmativo.

— Muito bem.

Satisfeito com sua capitulação, Gabriel adiantou-se para segurar seu braço. Sorridente, ele a conduziu ao bote e, com grande cuidado, colocou-a sentada no estreito banco de madeira. Depois, com vigor surpreendente, empurrou a embarcação para a água e pulou dentro dela.

Beatrice prendeu o fôlego ao sentir que estavam balançando de forma precária. Mesmo depois de Gabriel ter se sentado e empunhado os remos para movimentar o bote, ela continuava antecipando o desastre.

A água estava muito, muito próxima. E a distância até a ilha era enorme. Como poderia chegar lá sem naufragarem?

Sem se dar conta de que a preocupação estava estampada em seu rosto e nos ombros tensos, Beatrice surpreendeu-se com a risada do marido.

— Não precisa se agarrar ao barco dessa maneira, minha que rida. Prometo que não vou jogá-la na água.

Ela tentou sorrir, mas os dedos permanecerem colados nas laterais da embarcação.

— Nunca me senti confortável em um barco. Deve ser porque não sei nadar.

— Não sabe...? Meu Deus! Nunca imaginei que ainda poderia descobrir uma habilidade que não dominasse!

— Sabe muito bem que existem inúmeras habilidades que não domino, para desespero de minha mãe — ela respondeu com tom debochado.

— Não me refiro aos ridículos dons que fazem parte das expectativas criadas pela sociedade, mas aos verdadeiros talentos que são adquiridos através da inteligência e do estudo

aplicado.

Ela baixou o olhar. As palavras a tocavam mais profundamente do que gostaria de admitir.

— Meus estudos nunca incluíram sobrevivência na água.

— Isso pode ser corrigido com grande facilidade. Se quiser aprender a nadar, posso ser seu instrutor.

Beatrice estremeceu. O pavor que sentia da água era tão inabalável quanto irracional.

— Obrigada, mas prefiro me manter em terra firme.

— Como sabe, se nunca experimentou?

Ela o encarou e ofereceu um sorriso.

— Nunca pulei de um precipício, mas sei que não quero experimentar essa sensação.

Gabriel gargalhou relaxado e satisfeito.

— Muito bem, não vou mais insistir nesse assunto. Como encontrou a sra. Litton?

Aliviada por ter alguma coisa para distraí-la do ruído da água batendo no barco, Beatrice voltou os pensamentos para a recente visita que fizera à viúva.

— Ela está se recuperando bem, felizmente. A filha chegará amanhã para cuidar dela.

Como se nunca se cansasse do esforço de remar, o conde balançou a cabeça com evidente desânimo.

— Ela é uma velha rabugenta e chocante.

— Ela apenas fala o que pensa.

— Qualquer que seja o assunto.

— Sim, é verdade. — Ainda lembrava nitidamente a conversa que tivera com a mulher. — De fato, ela me falou sobre a bênção do falcão.

— Bênção? Ah, sim! Por Deus, havia esquecido esse velho conto!

— Devia agradecer ao céu por ser um homem de sorte. Pelo que sei, famílias como a sua, com uma longa história, costumam carregar fardos de maldições, não bênçãos.

— Não duvido que exista uma infinidade de maldições ligadas ao nome Faulconer, mas com nossa costumeira arrogância, preferimos lembrar apenas a bênção.

— Reconheço que a escolha é bastante conveniente.

— Realmente. — Os olhos cor de mel descansaram por alguns instantes no rosto pálido e assustado da nova condessa. — E não podemos afirmar que não haja alguma verdade nesse conto. Afinal, ainda não houve uma única condessa de Faulconer que não tenha honrado o nome da família e trazido orgulho para o clã.

Mais uma vez, Beatrice foi forçada a lutar contra um rubor infantil. Não era de forma nenhuma uma criatura extraordinária, disse a si mesma. Na verdade, possuía poucos dos talentos esperados para uma condessa. O sangue de seu avô, um mercador, corria forte em suas veias.

— Não acha que está desafiando o destino? — perguntou com ousadia. — Posso ser o ponto final para essa bênção.

Ele recebeu suas palavras com uma expressão aborrecida.

— Sabe muito bem que é amada e respeitada pelos colonos e pelos criados.

E por você?

A pergunta foi duramente censurada por ela. Como também mereceu críticas a dor que insistia em atingir a região de seu coração.

— Bobagem — disse embaraçada.

— É você quem está dizendo tolices — ele respondeu. — Não está querendo ouvir

elogios, está, minha querida?

Ela arregalou os olhos com um misto de espanto e constrangimento.

— É claro que não!

— Nesse caso, vamos simplesmente aceitar que eu não poderia ter feito melhor escolha quando selecionei minha condessa. Quer tenha sido apenas sorte, quer tenha sido uma antiga bênção, o resultado é o mesmo. — Ele parou e deixou que um toque de humor suavizasse seus traços. — Voltando à velha sra. Litton, duvido que ela tenha sido tão lisonjeira ao citar os antigos condes de Faulconer.

Beatrice moveu-se no assento tomada por uma súbita inquietação, esquecendo por um momento a horrível água que a cercava.

— Talvez com relação a seu pai... — começou. Sabia que Gabriel nunca acreditaria que a sra. Litton havia elogiado o antigo conde. Ela havia sido sua maior e mais severa crítica durante anos. — Mas ela não poupou elogios ao falar sobre você. Disse que devolveu a esperança aos colonos.

De forma surpreendente, Gabriel corou e sorriu ao tomar conhecimento do elogio.

— Preciso dar a eles mais do que esperança. Eles precisam de uma colheita próspera e de meios para viverem com dignidade e conforto.

— Você já fez tudo que podia. Agora a situação está nas mãos de Deus.

— Sim, eu sei, e isso me deixa aflito. Nunca pensei que ser conde implicasse em ter tão grande número de preocupações. Garanto que ser um simples soldado era muito mais favorável aos meus nervos.

Beatrice não duvidava de sua sinceridade. Diferente de muitos outros condes, Gabriel assumia completamente suas responsabilidades. Não ia se divertir em Londres enquanto outros trabalhavam duro para assegurar seus luxos, mas entregava-se inteiramente às tarefas da propriedade e aos deveres que acompanhavam o título de nobreza. O que quer que fosse exigido de seus colonos, ele exigia muito mais de si mesmo.

— Lamenta ter sido forçado a abandonar o Exército? — ela indagou com interesse genuíno.

Gabriel pensou um pouco antes de responder.

— Nunca possuí um amor especial pela vida de militar. Na verdade, aquela era uma rotina que podia ser bastante tediosa, além de muito desconfortável. Mas havia nessa escolha uma ampla medida de independência que me interessava muito.

— Sim. — Beatrice moveu a cabeça em sentido afirmativo, reconhecendo o anseio por liberdade. — Como mulher, nunca tive uma oportunidade para assegurar real independência.

— Está dizendo que se sente oprimida?

Era surpreendente, mas não desejava continuar com aquela antiga batalha. Estava farta dela.

— Não, é claro que não. Só considero frustrante perceber que não existem opções além de ser um fardo para a própria família ou submeter-se a um marido.

Parte da tensão que havia enrijecido seus ombros desapareceu, mas ele ainda se mantinha em estado de alerta.

— Compreendo o que está dizendo e reconheço que tem razão. Você teria sido uma excelente mulher de negócios. Formidável, para ser mais preciso.

Ela foi surpreendida pela sinceridade do tom de voz do conde.

— Não devia ter dito aquilo.

— Devia. E é precisamente por isso que quero vê-la usar suas habilidades e tirar

pleno proveito delas. Não há nada que a impeça de ser uma brilhante mulher de negócios e honrar o título de condessa de Faulconer. — Gabriel não esperou que ela respondesse ao inesperado comentário. Em silêncio, manobrou o barco para a pequena doca, amarrou a corda em uma estaca e desceu da embarcação com agilidade impressionante, estendendo a mão para ajudá-la a desembarcar. — Tome cuidado.

Assustada por perceber que haviam concluído a jornada sem nenhum contratempo, Beatrice alisou o vestido e respirou fundo. Era quase um milagre que não houvesse entrado em pânico e provocado um acidente.

Gabriel abaixou-se para retirar um grande cesto do bote enquanto, curiosa, ela olhava para a encantadora gruta esculpida em estilo clássico. Até mesmo o desejo de um jardim formal ainda podia ser visto sob a vegetação que crescera livre, e também havia diversas fontes cercando a construção.

— Oh, é lindo! — ela exclamou fascinada.

— Este é meu local preferido dentro da propriedade.

Um sentimento muito próximo da inveja ameaçou dominar seu coração.

— Seu avô deve ter amado muito a esposa.

— Sim, ele era um marido bastante dedicado. Infelizmente, ela não pôde conceber mais do que um filho, e os dois mimaram meu pai de forma a torná-lo imprestável e egoísta. Essa educação sem dúvida o levou a desenvolver hábitos irresponsáveis e a crença de que ele merecia todo e qualquer prazer que desejasse; As mesmas tendências foram passadas por meu pai a meu irmão mais velho.

Ela se virou para encará-lo.

— Mas você nunca as desenvolveu.

— Não? — Gabriel sorriu com tristeza. — Já demonstrei ser egoísta e mentiroso. Agi de forma a alcançar um objetivo pessoal sem me importar com os sentimentos de outras pessoas.

Há poucos dias Beatrice teria concordado prontamente com as palavras críticas, mas naquele momento ela se sentia relutante em permitir que o conde condenasse a si mesmo por uma atitude causada pelo desespero.

Ao contrário do pai e do irmão, ele nunca havia buscado o próprio prazer.

— Agiu assim pensando em seus colonos e criados — ela resmungou irritada.

Os olhos cor de mel tornaram-se mais escuros e um sorriso enigmático distendeu seus lábios.

— Foi o que disse a mim mesmo. — Ele segurou sua mão e a levou pela trilha estreita. — Faremos nosso piquenique na gruta, embora não possa prometer que esteja em suas melhores condições. Duvido que alguém tenha visitado a ilha desde que deixei Derbyshire.

— Posso assegurar que não me importo com um pouco de poeira — ela respondeu com sinceridade. Juntos, caminharam na direção da gruta, mas, ao olhar por cima de um ombro, Beatrice parou repentinamente. — Oh!

— O que foi? — Gabriel estranhou.

Virando-se completamente, ela olhou para a orgulhosa silhueta de Falcon Park do outro lado do lago. Banhada pela luz do sol vespertino, a construção possuía grande majestade. Até mesmo o terreno que cercava a mansão possuía uma beleza arrebatadora, apesar de todos os anos de negligência.

— É espantoso.

Gabriel parou ao lado dela.

— Sim, tem razão. Houve um tempo em que eu lamentava não saber pintar. Essa

paisagem teria dado uma bela tela.

— Talvez devamos considerar a idéia de contratar um artista.

— Uma sugestão maravilhosa.

Um sorriso inesperado iluminou o rosto de Beatrice.

— É uma pena que Addy não esteja aqui. Ela apreciaria tal visão, certamente. Addy estava sempre pintando as casas e as ruínas de nossa vizinhança.

— Addy? — Gabriel perguntou erguendo as sobrancelhas.

O sorriso de Beatrice tornou-se ainda mais largo quando ela pensou na grande amiga, uma criatura vibrante e livre.

— Suponho que agora deva chamá-la de sra. Drake. Ela e Victoria foram minhas duas melhores amigas desde a infância.

A expressão do conde ganhou um toque de indulgência.

— Imagino que tenha sido uma criança precoce.

— Eu? De jeito nenhum! Fui muito quieta e estudiosa.

Ele inclinou a cabeça para rir com muito humor.

— Ah! É muito voluntariosa e ágil para não ter sido precoce.

Ela sorriu, apesar de si mesma. Era verdade que, com a colaboração das amigas, havia criado sua cota de problemas.

— Bem, talvez um pouco, mas posso garantir que não fui nada comparada a Addy ou Victoria. Elas eram muito ousadas que eu.

— Por que não as convida para uma visita?

— Oh... — Beatrice torceu as mãos, um sinal claro de nervosismo. Não sabia se queria que as amigas tomassem conhecimento da terrível confusão reinante em seu casamento. — Não sei...

— Não gostaria de desfrutar de tão querida companhia?

— Talvez no final do verão.

— Como preferir — ele murmurou, sentindo sua relutância em reunir-se com as antigas amigas. Com um suspiro desanimado, Gabriel ofereceu o braço. — Podemos ir?

Capítulo VIII

Gabriel sorriu com tristeza ao penetrar no ambiente sombrio e fresco da gruta. Apesar de ser um local seco, felizmente, boa parte da mobília havia sido removida. Poeira e teias de aranha cobriam as peças que restavam.

Talvez a idéia de ir até ali não houvesse sido tão boa, afinal.

Quando tentara encontrar um lugar onde pudesse ter a esposa só para si, a ilha surgira em sua mente como a solução perfeita. Não só garantiriam a mais completa privacidade, como havia ali um sentimento perpétuo de amor e intimidade, uma atmosfera que havia sido criada por seus avós.

A escolha havia sido tão infeliz, que ele deixou escapar um suspiro. Estavam sozinhos, sim, mas não havia nada de romântico em sentar-se no chão duro e tentar não esbarrar nas

centenas de teias de aranha ali existentes.

Havia prevenido Humbly sobre sua falta de jeito nesses jogos de sedução e conquista.

De qualquer maneira, não havia nada a fazer se não tentar tirar o melhor proveito possível da situação.

— Meu Deus, está pior do que eu temia — ele admitiu com um olhar preocupado para sua silenciosa companheira. — Quer ficar, ou prefere voltar para casa?

Beatrice encolheu os ombros.

— Já viemos até aqui. Não creio que seja oportuno desistir agora, a menos que você insista em voltar.

— Boa menina — ele a elogiou com um sorriso.

Com movimentos rápidos e precisos, o conde estendeu um cobertor no chão e, acenando para convidá-la a sentar-se, acomodou-se a seu lado e começou a encher os pratos com a enorme quantidade de comida providenciada pela cozinheira.

— Ah, um verdadeiro banquete — disse, oferecendo um dos pratos a Beatrice. — Aqui está.

— Obrigada. — Com gestos contidos e uma atitude quase constrangida, ela começou a saborear o salmão ao molho de lagosta. Havia também carne de caça, azeitonas, batatas e laranjas frescas.

Gabriel serviu champanhe em duas taças antes de reclinar-se para observá-la com uma expressão curiosa.

— Conte-me mais sobre sua infância — pediu.

Ela parecia espantada com a solicitação.

— Não há muito a ser dito. Na verdade, tudo sempre foi bastante aborrecido.

— Mesmo assim, gostaria de saber mais sobre você — ele insistiu, desejando conhecer melhor aquela mulher que agora era sua condessa. Ainda eram praticamente estranhos em muitos aspectos. Se esperava construir com ela um relacionamento mais íntimo, teria de conhecer mais sobre seus pensamentos secretos e sentimentos mais profundos.

Ela parou por um instante antes de erguer as duas mãos.

— Tive sorte por ser filha de pais dedicados.

— Está dizendo que eles foram bons pais?

— Como deve saber, eles são lindos, encantadores, envolventes e muito queridos pela sociedade. Pode imaginar como ficaram confusos quando tiveram uma filha como eu. Mesmo assim, eles sempre fizeram o possível para esconder o desânimo.

Gabriel não estava inteiramente convencido. Conhecera os sogros apenas rapidamente, mas tivera a impressão de serem pessoas superficiais e fúteis, sem nenhuma compreensão das qualidades únicas de sua filha.

— Mas não obtiveram êxito, pelo que está dizendo.

— O que quer dizer?

— Ter beleza, charme e a admiração da sociedade é bom, mas é mais recomendável e satisfatório possuir uma alma boa e generosa — Gabriel opinou com firmeza. — O fato de terem permitido que você crescesse julgando não possuir as mais importantes qualidades é repreensível.

— Oh, não! — Ela deixou de lado os talheres. O prato já repousava a seu lado sobre o cobertor. — Eles nunca tiveram a intenção de me fazer sentir como se me faltasse alguma coisa. De fato, ficariam horrorizados se pensassem que eu poderia me sentir inadequada em algum momento. Tudo era apenas uma questão de diferença de gostos. Eles sempre apreciaram o

brilho de Londres, enquanto eu preferia permanecer em Surrey com meu avô.

— Eles deviam ter se interessado mais por você.

— Meus pais fizeram o melhor que puderam.

Era óbvio que Beatrice não podia aceitar que os pais haviam fracassado na missão de dar a ela a aprovação irrestrita de que era merecedora. Astuto, Gabriel mudou de assunto e deu à conversa um tom mais alegre.

— Bem, pelo menos podia contar com seu avô.

Como previa, a expressão da condessa tornou-se mais suave.

— É verdade. Não creio ter sido mais feliz do que naqueles momentos em que estávamos juntos em sua oficina. Mamãe o considerava excêntrico e até um pouco embaraçoso, porque ele estava sempre vestido com roupas manchadas e com o rosto sujo. Ela dizia que vovô parecia mais um colono cansado do que um rico homem de negócios.

Gabriel riu.

— Depois de ter passado semanas na lavoura, plantando nosso sustento, e trabalhado duro com esse propósito, não considero ofensivo estar diante de alguém que tenha as roupas manchadas e o rosto sujo. Já estive pior do que isso.

Beatrice olhou para o próprio vestido e torceu o nariz.

— Bem, já deve ter notado que também me aborreço com esses detalhes.

Gabriel aproximou-se um pouco da esposa e deixou os olhos passearem pelas curvas exuberantes que ameaçavam seu equilíbrio mental.

— Tenho a impressão de que combinamos em tudo.

Podia ver que ela lutava contra a súbita tensão que se instalava entre eles.

— Sim, bem... Infelizmente, meu avô faleceu e eu alcancei uma idade na qual já não podia mais ignorar as persistentes solicitações de meus pais para que me apresentasse em Londres.

— Um horrendo destino, não? — ele provocou, descobrindo que era muito difícil concentrar-se na conversa. A necessidade de possuí-la crescia e ia assumindo o efeito devastador de uma febre em seu sangue. Não se lembrava de ter desejado outra mulher com tanta intensidade.

— Sim, horrendo — ela respondeu ofegante.

— Não vivia sozinha essa infelicidade, sabe? — o conde sussurrou. — Não consigo entender que atração pode existir em passar semanas após semanas suportando aquele ar pesado e sufocante, as ruas congestionadas e as pessoas afetadas com suas roupas elegantes. Pior ainda eram os atribulados salões de baile nos quais um cavalheiro não conseguia dar um passo sem ser laçado por uma mãe casamenteira. Ainda tenho pesadelos focalizando minha breve estadia.

Ela não parecia muito solidária com seu sofrimento.

— Você só esteve em Londres por algumas poucas semanas, eu fui forçada a permanecer por lá durante três temporadas.

— Confesso que admiro sua força — Gabriel admitiu de forma a consolá-la, notando a súbita ruga entre suas sobrancelhas. — O que foi?

— Nada. — Beatrice tentou disfarçar a apreensão.

— Nada?

Ela encolheu os ombros.

— Estava apenas pensando que, se houvesse feito as coisas do meu jeito, teria ficado em Surrey em vez de ir para Londres, e nós nunca teríamos nos conhecido.

Gabriel também ficou sério.

Nunca ter conhecido Beatrice?

Era inimaginável.

Em sua opinião, aquela mulher nascera com o destino de tornar-se condessa de Faulconer. E ser sua esposa.

Considerar o casamento com outra mulher era insuportável.

Gabriel se sentiu abalado com a intensidade da reação provocada pelas palavras de Beatrice. E pela constatação de que ela não compartilhava de seu sentimento de predestinação.

— Bem, parece que tem mais uma razão para detestar Londres, minha querida — ele respondeu com tom ríspido, apesar de não ser essa sua intenção.

Um suave rubor tingiu suas faces.

— Para você também, certamente. Não fosse por minha oportuna presença, teria encontrado outra herdeira, alguém mais doce e cordata que eu.

Não duvidava de que muitas mulheres teriam sido mais doces e amenas. Sim, teria sido forçado a encontrar outra herdeira, e essa jovem poderia ser mais delicada, mais requintada e mais bela.

Infelizmente, todas que havia conhecido o levaram ao mais completo tédio em poucos instantes de conversa.

— Ao contrário de você, não lamento nosso casamento. Sinceramente, a cada dia estou mais convencido de que não poderia ter feito escolha melhor.

Ela baixou as pestanas sobre os olhos, como se procurasse ocultar seus pensamentos mais íntimos.

— Nunca desejou se casar por amor?

Gabriel considerou a pergunta. Raramente pensava em casamento. Sem esperança de receber alguma herança e destinado a seguir a carreira militar, nunca tivera muito a oferecer a uma mulher. E, para ser franco, depois da infância que tivera, uma família parecia ser mais um fardo do que uma bênção.

Só depois da chegada de Beatrice em Falcon Park ele havia descoberto em si mesmo uma implacável urgência de construir e viver mais do que uma fria sociedade. Queria os elos de uma amizade verdadeira. E talvez um dia, se Deus assim permitisse, queria ter filhos alegrando a casa.

— É difícil desejar aquilo que nunca conhecemos — ele respondeu cauteloso. — De certo, meus pais nunca nutriram fortes sentimentos um pelo outro. Mesmo os conhecidos e amigos que se casaram por amor, como diziam, acabaram desiludidos e perceberam, tarde demais, que uma emoção tão fugaz é uma base traiçoeira para um casamento. É melhor procurar por uma parceira que mereça respeito e com quem apreciemos realmente passar o tempo.

Distraída, ela ajeitou um laço do vestido.

— Meus pais sempre se amaram, e esse amor só ganhou força e brilho com o passar do tempo.

Beatrice conteve um sorriso. Sob aquela aparência competente e dura havia um coração clamando por amor e romance. Um amor que ela devia ter esperado encontrar nele.

Maldição.

Nunca deixaria de lembrar sua horrível traição?

— Suponho que cada casamento seja tão diferente quanto as pessoas que proferem os votos — disse. — O que há entre nós é mais do que suficiente para construirmos um relacionamento forte e sólido.

Ela o encarou surpresa.

— Eu diria que existe muito pouco entre nós.

— Nós dois nos importamos com o destino de Falcon Park — ele apontou com tom razoável.

— Sim, é verdade...

— E preferimos o campo a Londres. Nenhum de nós suporta a futilidade com alegria ou paciência, e nós dois temos nossos interesses, de forma que não passamos todo o tempo tropeçando um no outro.

Ela sorriu diante da lógica irrefutável dos argumentos.

— Preferir ocupar o tempo com coisas úteis e irritar-se com futilidade não é precisamente o sentimento de que falam os poetas.

Gabriel não se deixaria demover do propósito de fazê-la enxergar a razão. Não quando estava convencido de que eram perfeitos um para o outro.

— Talvez não, mas tem de admitir que seria miserável com um marido autoritário e sufocante que exigisse sua atenção o tempo todo e se recusasse a permitir que perseguisse seus interesses.

Ela mordeu o lábio, como se tentasse decidir se devia mentir ou se admitia a realidade de suas palavras. Depois, percebendo que não poderia enganá-lo, ela encolheu os ombros.

— E verdade.

A concessão contrariada o aborreceu. Maldição. Por que ela não podia ceder um pouco? Afinal, para o melhor ou para o pior, estavam casados.

Certamente, Beatrice era capaz de perceber que era melhor tentar encontrar alguma felicidade nessa união?

Buscar todo o prazer que pudessem obter da situação?

Necessitando provar a verdade através dos únicos meios que tinha disponíveis, Gabriel inclinou-se para frente com grande determinação. Beatrice podia negar com suas palavras a conveniência do elo que os unia, mas poderia ela resistir ao poder da necessidade que crescia entre eles?

Precisava encontrar essa resposta.

Com um movimento lento, ele ergueu uma das mãos para remover o chapéu que cobria sua cabeça, jogando-o para o lado.

Sua reação foi de surpresa.

— Gabriel...

— Sim, Beatrice? — ele murmurou enquanto se movia, repousando as mãos nas laterais de seu corpo e olhando para aquela boca entreaberta e tentadora.

— O que está fazendo?

— Deixando-a mais à vontade.

— Estou perfeitamente confortável, obrigada.

— Que bom. — Ele roçou os lábios nos dela. — Eu também.

— Gabriel...

O conde beijou-a delicadamente mais uma vez.

— Só estou tentando provar que temos mais em comum do que você quer admitir.

Ela se moveu perturbada, mas, para satisfação de Gabriel, não tentou empurrá-lo ou escapar.

— Não penso que isso seja sensato — protestou.

— Não pense, minha querida. Apenas sinta — ele a incentivou, inclinando a cabeça

para apoderar-se de sua boca num beijo mais ousado.

Uma doçura inebriante o invadiu quando os lábios se tornaram mais suaves sob os dele. Sonhara com isso noite após noite. Sentir os lábios acetinados, experimentar a pungente excitação da resposta hesitante... Até o suave aroma de madressilva que se desprendia dela havia invadido seus sonhos.

Uma urgência intensa ameaçou dominá-lo quando, trêmulo, ele ergueu uma das mãos para segurar sua nuca. A sensação de tê-la nos braços era da mais absoluta perfeição. Tão quente, tão suave... tão tentadora!

Beatrice tremeu, e Gabriel obrigou-se a ignorar a urgência de deitá-la sobre o cobertor e deixar-se consumir pela paixão.

Ela podia ser sua esposa, mas ainda era uma inocente. Não a assustaria nem roubaria seu prazer pressionando-a.

Sua pele era delicada como a mais fina seda, e ele a explorou com um prazer fascinado. Devagar, foi depositando beijos que traçavam uma trilha desde o queixo feminino até o colo onde podia sentir a pulsação acelerada.

Sorrindo, registrou o significado da reação que ela jamais poderia ocultar. Beatrice já não podia mais fingir aquela indiferença gelada. Por maior que fosse a raiva, por mais intensa que fosse a decepção, ela ainda desejava seu toque. Não era o bastante, mas podia usar esse desejo como base para a construção de algo maior e mais sólido.

Tomando cuidado para não assustá-la, Gabriel deixou as mãos deslizarem por suas costas, puxando-a para mais perto de seu corpo dolorido. Ela sufocou um gemido ao sentir suas curvas pressionadas contra os músculos sólidos, mas suas mãos agarravam os ombros dele de forma quase convulsiva. Gabriel beijou novamente a boca de Beatrice, aprofundando o beijo por não poder mais conter a incrível urgência. Não queria assustá-la, mas as necessidades de seu próprio corpo iam assumindo o controle da situação com rapidez espantosa.

Queria essa mulher.

Doía, tremia e ardia por essa mulher.

E essa teria sido uma descoberta assustadora, se naquele momento fosse capaz de algum pensamento racional.

Nunca antes havia permitido que seus desejos o consumissem. Nunca antes uma mulher havia conseguido abalar tão intensamente seu autocontrole. Agora, no entanto, não havia nada de racional em seus pensamentos. Havia apenas aquele delicioso calor da mulher em seus braços.

Tocando a curva do lábio inferior com a ponta da língua, Gabriel teve vaga consciência de um som abafado sobre sua cabeça. O conde não deu atenção ao ruído enquanto continuava se deliciando com o beijo. Mas quando voltou a ouvi-lo mais intenso que antes, Beatrice já o empurrava determinada e o encarava com olhos brilhantes.

— O que foi isso? — ela sussurrou.

O conde não estava especialmente preocupado com o estranho ruído, mas, tomando consciência da inquietação da esposa, certo de que ela não relaxaria enquanto não descobrisse a causa do tal barulho, ele se levantou e caminhou até a entrada da gruta.

O que viu o fez franzir a testa.

Maldição!

Enquanto ficara ali tentando seduzir Beatrice, não notara as nuvens que se reuniam rapidamente e que, agora, já encobriam o sol. Um relâmpago cortou o céu, e uma brisa mais forte balançou os galhos das árvores próximas, empurrando-os contra o telhado que cobria a gruta.

Bem, havia descoberto a causa do barulho, e agora também sabia que ele e Beatrice estavam presos na ilha. E ali ficariam, pelo menos até o final da tempestade.

Teriam de suportar as goteiras, o vento penetraria pelo vão entre as tábuas, e acabariam molhados e com frio antes que a chuva passasse.

Ele suspirou frustrado. Duvidava de que a esposa, ou qualquer outra pessoa, para ser mais preciso, ficasse feliz com a repentina mudança nos planos.

Não tinha mesmo nenhum talento para o romance.

Quando ele se virou, encontrou Beatrice em pé com aquela conhecida expressão de alerta.

Ele suspirou novamente. Agora tinha certeza de que não podia ter esperanças de alcançar um desfecho favorável para sua tentativa de sedução.

— O vento parece ter adquirido força — explicou, movendo-se para o centro da gruta.

— Talvez devamos voltar para casa.

O conde balançou a cabeça.

— Acho melhor ficarmos aqui até a tempestade passar.

— Oh, mas...

— Beatrice... — Gabriel segurou-a pelos ombros. — Escute, se não gostou de atravessar o lado em tempos de calmaria, vai gostar ainda menos da experiência agora.

Beatrice olhou para o lago, cuja superfície cinzenta era agitada Por ondas impressionantes, e empalideceu.

— Tem razão.

— Não há nada a fazer se não esperar — Gabriel resumiu sem rodeios.

A condessa engoliu em seco.

— Suponho que esteja certo.

Rápido, Gabriel guardou a comida no cesto e recuperou o cobertor que estava no chão.

— Vamos nos mudar para o fundo da gruta, ou acabaremos ensopados nos primeiros minutos de chuva. — Ele a conduziu para o fundo e instalou-a sobre um banco de pedra. Depois, com todo cuidado, estendeu o cobertor sobre suas pernas antes de sentar-se a seu lado. — Bem, acho que vamos ter de ocupar nosso tempo enquanto esperamos. Tem alguma sugestão, minha querida?

Um rubor tingiu seu rosto, uma reação provocada pelo tom sugestivo, mas sua expressão era de desaprovação.

— Podemos discutir as renovações em Falcon Park.

— Ah, esse assunto é tedioso demais!

— Prefere falar sobre a semeadura dos campos?

Ele tocou seu rosto e afagou-o com ternura.

— Prefiro falar sobre como sua pele é macia sob meus dedos. E em como esses lábios estão me levando à loucura.

— Gabriel...

Não havia como negar a rápida mudança no ritmo de sua respiração. Ela estava arfante.

— Eu quero você, Beatrice.

Os olhos cor de âmbar estavam mais escuros, magníficos.

— Por que precisa de um herdeiro?

De repente ele parou. Não podia acreditar em acusação tão sem propósito e injusta!

— O que foi que disse?

Ela passou a língua pelos lábios subitamente secos.

— Entendo que deve pensar no futuro. Como conde de Faulconer, precisa ter um filho.

— Maldição! — O conde levantou-se para encará-la de cima. — Deve julgar-me quase um deus, ou não estaria insinuando que posso comandar meu corpo a fim de obter as respostas de que necessito. E um deus imoral, totalmente desprovido de escrúpulos!

As palavras duras a atingiram em cheio, mas a incredulidade ainda podia vista nítida em seus olhos.

— Não pensa em produzir um herdeiro quando está me beijando? — desafiou.

Gabriel passou as mãos na cabeça. Era isso ou agarrá-la pelo pescoço e sacudi-la até enfiar um pouco de bom senso em sua cabeça.

Talvez fosse melhor revelar em que exatamente pensava quando a beijava. Podia confessar que em seus sonhos mais secretos ela não era uma mulher de língua ferina e vontade inabalável, mas a menina tímida e insegura que havia cortejado. Em vez de congelar quando ele se aproximava, ela abria os braços para recebê-lo sobre seu corpo curvilíneo e exuberante. Nesses sonhos, ela gemia provocante quando era acariciada e gritava de prazer ao ser finalmente possuída.

Com determinação de ferro, ele freou as fantasias que ameaçavam submetê-lo a mais uma sessão de tortura física.

— É claro que não — disse.

— Não tenho beleza — Beatrice argumentou com perversidade.

Ele a encarou furioso.

— Não sabe nada sobre os cavalheiros, ou não estaria afirmando que a aparência é tudo que torna uma mulher desejável. Conheci dezenas de donzelas de porte insuperável, e nenhuma delas jamais despertou meu interesse.

Ela mantinha o olhar fixo em seu rosto.

— Então, por que os cavalheiros as perseguem com tanto empenho? — perguntou.

A condessa era mesmo inocente.

— Para serem invejados pela sociedade. Um cavalheiro que busca a verdadeira paixão prefere aproximar-se de mulheres quentes e generosas. Um homem que quer viver encontros intensos não se envolve com belezas frias cuja maior preocupação é com a própria aparência, não com a descoberta da completa intimidade. Houve um tempo em que me envolveu com esse calor, Beatrice. E ele ainda emana de seu corpo.

De repente ela baixou os olhos, como se quisesse esconder os sentimentos que sabia estarem estampados em seu rosto.

— Não posso negar que é capaz de me fazer responder ao seu toque.

Seus lábios se encurvaram diante do tom relutante.

— E isso é algo tão terrível assim? Muitas mulheres ficariam satisfeitas se pudessem sentir esse mesmo desejo em seus maridos. Posso lhe assegurar que nem sempre é assim, minha querida.

Gabriel notou que um tremor sacudiu seu corpo.

— Já não confio mais em tais emoções.

— Sim, e é isso que nos mantém afastados, não é? O que devo fazer para recuperar sua confiança, Beatrice?

— Não sei — ela sussurrou devagar.

— Então, estamos destinados a uma vida de distanciamento e frieza.

— Gabriel... — Ela parou de falar e, bruscamente, levantou a cabeça. — O que foi

isso?

Gabriel também escutara o ruído assustador de madeira se rompendo. Foi necessário um momento para que ele percebesse que o som era proveniente do alto, de cima da gruta. Um terror súbito e gelado o invadiu, e numa fração de segundo ele estava correndo, lançando-se no ar como uma criatura mítica.

— Beatrice! — gritou, jogando-se sobre ela no mesmo instante em que o teto desabou.

Capítulo IX

A confusão reinava absoluta. Beatrice ouviu o grito de Gabriel, e de repente ele estava em cima dela e todo o mundo parecia desabar sobre os dois.

Com o ar arrancado de seu corpo pela força do golpe, foi necessário um tempo considerável para que ela se desembaralhasse dos galhos pontiagudos e dos destroços que a cobriam. Tentando respirar e removendo a sujeira dos olhos feridos, ela olhou em volta tomada por um intenso horror.

Era óbvio que o vento havia arrancado um enorme galho de uma árvore próxima, arremessando-o contra o telhado. Um buraco na cobertura da gruta permitia que a chuva torrencial os ensopasse, enquanto relâmpagos cortavam o céu. Mas ela não dava atenção ao temporal que se abatia sobre a ilha. Em vez disso, Beatrice caiu de joelhos para examinar o homem que permanecia preso sob o pesado galho de árvore.

— Gabriel — gritou, sentindo que o coração batia muito de pressa diante do corte aberto na testa do marido. O sangue jorrava abundante do ferimento, lavando seus traços exageradamente pálidos. — Gabriel! Meu Deus!

Quando ele abriu os olhos com imensa dificuldade, ela quase desmaiou de alívio.

— Beatrice?

— Graças a Deus! — Por um momento chegara a temer que ele estivesse morto. — Está muito machucado?

Gabriel não respondeu de imediato, porque tentava sentir todas as partes do corpo preso sob fragmentos de um galho e pedaços de viga do teto.

— Não creio ter quebrado nada, mas minha cabeça parece estar girando — queixou-se depois de um instante.

Beatrice não se sentia reconfortada pelo tom fraco. Apesar da tentativa de parecer forte, era evidente que ele estava ferido. E não podia nem começar a avaliar a extensão dos ferimentos.

— Você tem um corte enorme na testa — disse.

Ele tentou rir, mas o esforço resultou em uma careta de dor.

— Era o que eu temia.

— Acha que pode se mover?

Fechando os olhos por alguns segundos, o conde concentrou-se em tentar escapar dos escombros que o mantinham preso. Infelizmente, em pouco tempo ele foi forçado a admitir que estava fraco demais para concluir a empreitada.

— Maldição! Acho que estou preso.

Beatrice continuou ajoelhada no chão. Precisava pensar.

Com dificuldade, lutou contra o pânico que ameaçava dominá-la. Gabriel não tinha condições de decidir o que devia ser feito. Estava em suas mãos salvá-lo de tão terrível e trágico destino.

Olhando em volta, ela logo concluiu que não podiam permanecer por muito mais tempo na gruta semidestruída. Não só ficariam expostos à chuva intensa que caía do céu, como ainda corriam o risco de serem esmagados por outro galho ou mesmo por uma árvore inteira.

Por infelicidade, o galho era pesado demais para que pudesse movê-lo. E não havia como remover Gabriel de sob os escombros.

— Preciso ir buscar ajuda — concluiu ela em voz alta.

Gabriel ainda fez um esforço desesperado tentando libertar-se, mas foi inútil.

— Beatrice, não.

Ela o encarou intrigada, tomada por um medo doentio que oprimia seu peito e ganhava força diante do sangue que jorrava dá testa do conde.

— Não pode continuar nessas roupas molhadas. Vai acabar adoecendo. E precisa ser examinado por um médico.

— Não tema — ela disse ofegante. — Assim que perceberem nossa ausência, alguém virá nos resgatar.

— Mas isso pode levar horas!

— Então, estaremos aqui esperando.

— Isso é absurdo. Vai acabar congelado!

Com grande esforço, ele a encarou como se quisesse demonstrar quem estava no comando.

— Beatrice, não vou permitir que entre naquele barco sozinha. É muito, muito perigoso.

Recusava-se a contemplar a viagem através do lago sacudido pela tempestade. Não podia permitir que um medo ridículo a paralisasse. Não quando a vida de Gabriel estava em jogo.

Não o deixaria morrer. Nem mesmo que tivesse de conduzir aquele maldito barco até o inferno e voltar remando.

De alguma forma, ela conseguiu colocar um sorriso tenso nos lábios.

— Não está em posição de deter-me.

— Não. — O conde piscou como se lutasse para permanecer consciente. Beatrice sentiu o coração apertado por garras geladas. — Eu a proíbo.

A condessa estendeu a mão e afastou os cabelos que caíam sobre a testa ensangüentada. Havia imensa ternura no gesto.

— Por favor, fique quieto. Vai acabar causando enorme prejuízo a si mesmo.

— Prometa-me que não vai tentar voltar para casa — ele murmurou e, em seguida, fechou os olhos ao ser dominado por uma onda de fraqueza.

Deus, por favor, não o deixe morrer, ela rezava em silêncio, sentindo as lágrimas que corriam por seu rosto e se misturavam à chuva fria.

— Gabriel.

Ele gemeu baixinho.

— Beatrice?

— Estou aqui.

— Fique comigo. — O pedido soou débil.

— Tudo vai acabar bem — ela respondeu, levantando-se com firmeza e determinação.

Não podia demorar.

Gabriel já estava tremendo de frio, e o sangue continuava jorrando do ferimento.

Era como se a vida escoasse rapidamente por aquele corte.

Ela conteve um soluço.

Não.

Não podia pensar em tais coisas.

Tinha de concentrar-se no que precisava ser feito.

Controlando os nervos destroçados, Beatrice foi buscar o cobertor. Com cuidado, arranjou-o em torno do corpo inconsciente de Gabriel, esperando poder protegê-lo contra o pior da chuva.

Então, sem dar a si mesma a oportunidade de ponderar o que estava prestes a fazer, deixou a gruta e caminhou apressada para o barco.

Corajosa, ia colocando um pé adiante do outro, dizendo a mesma que o vento perdera força de maneira considerável e que os relâmpagos iam se afastando a cada minuto que passava. Só quando alcançou a embarcação, ela parou hesitante.

— Você é capaz disso, Beatrice — disse em voz alta. — Só alguns momentos e estará em terra firme. — Um tremor sacudiu seu corpo. — Precisa ser valente e forte. Isso tem de ser feito. Gabriel pode morrer, se não fizer o que tem de ser feito.

O pensamento de deixar Gabriel morrer a fez saltar para o barco e debruçar-se para soltar a corda. Gabriel não morreria. Essa era uma idéia insuportável. Não podia acontecer. Ela mesma acabaria morrendo.

Recusando-se a refletir sobre a certeza de sua desgraça sem Gabriel, Beatrice agarrou os remos e começou a movimentá-los. O terror a invadiu quando a água se chocou contra as laterais do bote, sacudindo-se precariamente.

Pense em Gabriel, ela dizia a si mesma. Precisava chegar em casa. Tinha de pedir ajuda.

Repetindo as palavras como um mantra, ela ia cumprindo a jornada de pesadelo.

Com o tempo, esqueceu as ondas que tentavam tragá-la, a chuva que a castigava inclemente, e até o fato de estar mordendo o lábio com tanta força que já o fazia sangrar. Tudo em que conseguia pensar era no ardor e na exaustão que iam se apoderando de seus braços e ombros.

Mais de uma vez, teve medo de que os membros perdessem completamente a força. Apesar de ser uma mulher forte e fisicamente ativa, a batalha contra o vento e as ondas era feroz.

Quando finalmente se chocou contra a margem, a constatação foi quase um choque. Por um momento ficou sentada no barco, tremendo de exaustão. Não tinha certeza de que poderia mover os músculos.

Então, a lembrança de Gabriel sozinho e inconsciente, com o sangue cobrindo seu rosto, provocou uma nova onda de desespero que a impeliu a mover-se. Havia ido longe demais para desistir agora.

Tremendo da cabeça aos pés, Beatrice arrastou-se para fora do bote e caminhou com dificuldade e esforço pelo terreno lamacento. Caiu mais de uma vez, mas com determinação e vontade, conseguiu chegar a casa e empurrou a porta para o saguão com as poucas forças que lhe restavam.

— Alguém... — gritou, ouvindo a voz soar estranhamente rouca.

Seu grito atraiu a governanta, o mordomo e vários lacaios.

— Minha senhora, estávamos todos preocupados — disse a sra. Greene.

— Por favor, houve um acidente — ela começou ofegante, agarrando-se à porta em

busca de apoio.

A serviçal deixou escapar um grito de terror.

— Oh, Deus, misericórdia! Foi lorde Faulconer?

— Sim, eu...

Beatrice parou de falar ao reconhecer a figura roliça do vigário Humbly a seu lado.

— Beatrice, minha criança, o que aconteceu?

— Lorde Faulconer está na ilha. Um galho caiu sobre a gruta e fez desabar o teto. Ele está preso sob os escombros.

O rosto do vigário empalideceu.

— Ele não está...

— Não. Está ferido, porém vivo. Não consegui movê-lo. Preciso de ajuda.

— É claro que sim. — Com eficiência surpreendente, Humbly virou-se para os criados reunidos no saguão da casa. — Você — começou, apontando para um lacaio. — Reúna dois empregados dos estábulos e siga no barco até a gruta. Certifique-se de não sacudir seu senhor mais do que o necessário. Oh, e leve alguns cobertores para mantê-lo aquecido. — O religioso apontou para outro lacaio. — Você, vá buscar o médico mais próximo. Depressa! Não se deixe deter com desculpas sobre as estradas lamacentas e a violência da chuva. Diga ao médico que o lorde está ferido e que, caso ele não o trate com toda a competência recomendada aos de seu ofício, todos serão informados. A Inglaterra saberá de seu fracasso profissional.

— Sim, senhor.

Os criados correram para cumprir as tarefas que haviam recebido, ansiosos para serem de alguma utilidade ao querido conde. A sra. Greene ergueu os ombros numa reação inesperada e súbita.

— Devi ir à cozinha preparar chá e um bom caldo quente. O pobre homem deve estar gelado até os ossos.

Ela desapareceu pelo corredor escuro, seguida de perto pelo ansioso mordomo que resmungava alguma coisa sobre uma garrafa de conhaque escondida na adega.

Beatrice teria ficado surpresa com o súbito ar de autoridade do plácido vigário, mas estava cansada demais para fazer qualquer coisa que não fosse lutar contra a absurda necessidade de deitar-se no chão.

Como se sentisse sua aflição, Humbly a encarou sério.

— Temo que lorde Faulconer não seja o único gelado até os ossos. Venha, minha querida, precisa subir e tomar um bom banho quente.

Batendo os dentes, ela balançou a cabeça com firmeza.

— Não. Preciso voltar à ilha com os criados.

— Que absurdo! Vai acabar contraindo uma doença fatal se não tirar essas roupas molhadas.

— Gabriel precisa de mim.

— Estou certo disso, minha criança, e por essa mesma razão você deve cuidar de sua saúde. Não poderá ajudá-lo se estiver acamada por semanas com uma inflamação nos pulmões.

Ela continuava agarrada à porta, incapaz de suportar a idéia de não estar ao lado de Gabriel.

— Mas...

— Beatrice, os criados são mais indicados para trazerem Gabriel de volta para casa — o vigário anunciou com tom firme, segurando-a pelo braço e levando-a para a escada. — Além do mais, você só atrapalharia ocupando espaço no barco.

— Não posso ficar aqui esperando — ela protestou, descobrindo que o velho amigo a arrastava através do saguão.

— Não vai ficar simplesmente esperando. Vai tomar um banho quente, e depois tomará uma generosa doce de conhaque. Então se vestirá com seu vestido mais quente e ficará pronta para receber o médico.

Beatrice queria discutir. Era seu dever estar ao lado de Gabriel. Mais do que isso, precisava estar com ele. Mas um lampejo de bom senso conseguiu iluminar a escuridão promovida pelo terror.

Estava tão esgotada, que não poderia atravessar novamente o lago, a menos que um criado a carregasse. Em tal condição, não seria de nenhuma utilidade para Gabriel. E como Humbly havia apontado, certamente estaria no caminho quando os homens conseguissem colocá-lo no barco.

Era melhor recuperar as forças e preparar-se para o retorno de Gabriel.

— Suponho que esteja sendo razoável — suspirou resignada.

O vigário afagou sua mão.

— É certo que estou. Agora vá. Ficarei aqui esperando pelo médico.

Gabriel olhou para o cavalheiro pequenino e calvo com expressão confusa. Não havia gostado do ar daquele homem desde o momento em que ele entrara no quarto. Gostava dele menos ainda agora, depois de quinze minutos sendo cutucado, pressionado e estudado como se fosse um bolo de massa, não um cavalheiro de origem nobre.

Para sorte do homem careca e baixinho, tinha a sensação de ter percorrido o mundo a pé e correndo. Caso contrário, já o teria agarrado pelas orelhas protuberantes e arremessado pela janela mais próxima.

Como se pudesse ler seus pensamentos sombrios, o demoníaco doutor encontrou o ponto mais dolorido de suas costelas e enterrou ali seus dedos com força cruel.

— Maldição! — Gabriel gritou tomado pela dor. — Por quanto tempo ainda pretende me cutucar dessa maneira desagradável?

O homem ergueu o corpo e encarou-o sério.

— Devo certificar-me de que não tem outros ferimentos além do corte na testa.

Movendo-se na cama até estar fora do alcance das mãos de seu atormentador, Gabriel puxou o cobertor até o queixo. Após ter perdido a consciência sob os escombros na tarde anterior, não tinha conhecimento do que havia acontecido até despertar naquela manhã com uma horrível dor de cabeça e aquele insuportável médico debruçado sobre ele como um anjo da morte.

Tudo que queria era um banho quente, uma generosa dose de conhaque e, acima de tudo, ver Beatrice e assegurar-se de que ela não havia contraído uma doença enquanto esperavam pelo resgate.

— Já disse que estou bem — ele resmungou irritado.

O homem comprimiu os lábios finos.

— Bem, talvez queira me contar precisamente quando freqüentou a Real Academia de Médicos?

— Não seja tolo. Eu saberia, se fosse vítima de alguma lesão mortal. Afinal de contas, estamos falando sobre o meu corpo!

— Quer saber quantos pacientes teimosos e arrogantes foram ao encontro de seu

criador enquanto juravam estar bem?

Teimosos e arrogantes?

O sujeito era mesmo um idiota!

— Deve ter sido esse seu exame — ele disse, encolhendo-se ao sentir os dedos apertando uma de suas pernas. — Ei, agora está fazendo de propósito!

Um sorriso suavizou o rosto redondo do médico.

— Nunca discuta com o doutor.

— Atormentador seria um termo mais adequado.

O homem endireitou-se e pôs as mãos na cintura.

— Prefere que eu deixe um elixir? Gabriel estremeceu horrorizado.

— Você não faria tal coisa!

— Oh, sim, faria, e sem nenhum remorso. Tenho um particularmente horrível que costumo receitar para pacientes como você.

— Demônio! Saia daqui!

— Gabriel?

A voz suave e incerta o fez virar a cabeça para a porta. Beatrice estava parada na entrada do quarto, e ele se sentiu aliviado ao notar o vestido amarelo ainda limpo, livre das manchas provocadas por seu hobby, e os cabelos presos no alto da cabeça. Ao sol da manhã, ela parecia fresca e absolutamente saudável. Por sorte, a condessa não sofrerá os efeitos do horrível acidente.

— Oh, por Deus, felizmente está aqui! — ele suspirou aliviado enquanto estendia as mãos para chamá-la para perto.

Com a testa franzida, Beatrice adiantou-se apressada, surpreendendo-o ao apertar entre suas mãos aquela que ele oferecia.

— Sente alguma coisa? Acha que há algo de errado?

— Nada. Quero dizer, esse demônio está tentando me deixar marcado e dolorido da cabeça aos pés, mas é só isso.

O médico respirou fundo, sinal de que estava bem perto de perder a paciência.

— Lady Faulconer, quero que saiba que nunca tive a honra de servir um cavalheiro tão mal-humorado e cabeça-dura.

Beatrice olhou para o marido com as sobrancelhas erguidas.

— Presumo que ele esteja se recusando a permitir que o examine? — quis saber.

— Ele não está cooperando.

— Francamente, Gabriel.

— Estou bem.

— Você tem um ferimento grave e profundo na testa e diversos hematomas bem escuros. Eles vão desaparecer com o tempo, é verdade, mas só se permanecer na cama e tiver um comportamento sensato e ajuizado.

Beatrice soltou a mão do conde e lançou um olhar eloqüente em sua direção.

— Não precisa se preocupar, doutor. Eu mesma tomarei providências para que o conde se comporte com um mínimo de bom senso.

— Sim, faça isso. — O médico fechou sua maleta e recolheu o chapéu e as luvas. Se for obrigado a retornar, não só prescreverei um elixir, como o sangrarei até que esteja fraco demais para comportar-se como uma criança teimosa. Bom dia.

Anunciado o aviso sombrio, o médico se retirou com passos triunfais.

Gabriel olhou para a porta como se quisesse matá-lo com os olhos.

— Até parece... — resmungou.

Beatrice balançou a cabeça ao ouvir o tom petulante.

— Realmente, Gabriel, está se comportando como uma criança. E como ela se sentiria se tivesse de suportar tantos apertos e cutucões? Não duvidava que teria agredido o médico atrevido e desagradável.

— Não quero ficar confinado à cama como um velho inválido.

— Serão apenas alguns dias. Imagino que não queira piorar seu estado de saúde.

Gabriel balançou a cabeça num gesto impaciente, e o movimento o fez fechar os olhos para suportar a onda de dor. Maldição.

— Tenho muito que fazer para ficar aqui deitado.

Notando como ele se contorcera com a dor, Beatrice decidiu ser dura.

— Não há nada que os colonos e seus criados não possam fazer.

— Mas eu queria começar a trabalhar na reforma do galpão que será seu novo escritório — ele reclamou.

A expressão de Beatrice permanecia dura.

— O trabalho pode esperar uma ou duas semanas.

— E quanto ao nosso hóspede?

— Cuidarei pessoalmente do conforto do vigário.

Por que ela tinha de ser sempre tão prática?

— E o meu conforto? Quem vai cuidar dele?

Um sorriso relutante distendeu os lábios da condessa.

— Você é um inválido muito petulante, Gabriel.

Era verdade. Estava se comportando como um menino mimado e ingrato. A constatação o fez emitir um suspiro frustrado.

Não tinha o direito de extravasar seu mau humor em Beatrice. Ela só estava tentando convencê-lo do que era melhor para sua saúde.

— Perdoe-me, minha querida. É que não gosto de me sentir imprestável.

Ela assentiu, e seus olhos ganharam uma tonalidade mais escura e intensa.

— Fico profundamente aliviada por saber que seus ferimentos vão cicatrizar. Quando o deixei na ilha, não sabia ao certo...

— Você me deixou na ilha? — Gabriel sentiu um arrepio gelado percorrer seu corpo enquanto olhava para o rosto corado da esposa. — Não me diga que tomou aquele barco no meio de uma tempestade?

— Sim, bem, a tempestade já estava passando, e não podia deixá-lo preso sob aquele galho.

Nunca estivera tão furioso antes. Jamais em toda sua vida. Nem quando descobrira que o pai havia arruinado a propriedade. Nem quando os colonos o ameaçaram como se fosse um ser desprezível, uma criatura detestável que se preparava para tomar as últimas de suas minguadas posses. Nem mesmo quando Beatrice passara a tratá-lo com aquele desprezo gelado.

Pensar nela sozinha naquele estúpido barco, enfrentando ondas que poderiam tê-la mandado para a morte... Deus, era de enlouquecer. Tinha o coração apertado simplesmente por considerar tal idéia.

— Eu a havia proibido de ir — disse por entre os dentes. — Podia ter se afogado!

— Eu tomei muito cuidado. Garanto. Mais cuidado do que você tomou quando me

jogou para o lado e expôs-se ao perigo.

O conde apertou o cobertor entre os dedos. Era isso ou agarrar aquela mulher teimosa e sempre tão segura de si.

— Se não me sentisse fraco como um filhote de gato, eu a poria sobre os joelhos e a faria entender o significado da palavra obediência. Como ousou fazer algo tão estúpido? Terei pesadelos durante os próximos dez anos envolvendo você e o lago.

Ela balançou a cabeça, e algumas mechas soltas dançaram em torno de seu rosto.

— Como pode ver, estou muito bem.

Os olhos de Gabriel traçaram um caminho que ia desde o rosto perturbado até os dedos crispados sobre os laços do vestido. A raiva desapareceu de repente, substituída por uma incrível ternura.

— Maldição. Por quê? — ele perguntou com expressão ansiosa. — Por que fez isso?

Beatrice virou-se e caminhou até a janela, obtendo êxito em esconder sua expressão do olhar penetrante do marido.

— Porque tive muito medo de que estivesse seriamente ferido. E, igualmente importante, não podia permitir que você permanecesse com aquelas roupas molhadas. Os criados levariam horas para notar nossa ausência. Talvez nem pensassem em ir procurar-nos na ilha. Eu precisava fazer alguma coisa.

— E por isso arriscou a vida.

— E o que acha que fez?

— Bobagem...

Ela se virou lentamente para encará-lo.

— Se não me houvesse empurrado para o lado, eu teria sido atingida por aquele galho. Eu teria ficado presa sob os escombros.

Gabriel sorriu, recusando o rótulo de herói.

— Se eu não a houvesse levado àquela maldita ilha, nenhum de nós teria corrido perigo.

Sem aviso prévio, um sorriso radiante iluminou a expressão de Beatrice. Havia sido aquele sorriso que o atraíra para o outro lado de um lotado salão de bailes em Londres buscando uma apresentação, ele recordou. Era um sorriso doce, repleto de sugestões positivas. Uma enorme pureza de espírito. Aquele sorriso havia seduzido sua alma cínica e castigada pelas decepções e atraído seu espírito como um canto de sereia.

Ainda sentia todo o corpo responder ao calor daquele sorriso.

— Quer dizer que não é capaz de prever o futuro? — provocou a condessa com as sobrancelhas levantadas. — Um fracasso mais do que chocante, meu lorde. Absolutamente chocante.

Ele correspondeu ao sorriso, mas havia uma sombria resolução em sua expressão.

Nunca mais permitiria que Beatrice corresse perigo.

Arriscaria a própria vida sem nenhuma hesitação para impedir que ela sofresse qualquer prejuízo.

— Prometo que vou cuidar melhor de você no futuro, minha querida.

Um rubor tingiu o rosto delicado.

Gabriel lembrou-se repentinamente do caloroso abraço que havia sido interrompido. Por um momento, ela estivera tão consumida quanto ele pela paixão. Estiveram muito próximos do paraíso. Agora, quando ela voltaria a permitir outro momento como aquele?

— Não fará nada nos próximos dias — ela disse com seriedade e confiança.

Gabriel deixou o cobertor escorregar por seu corpo, revelando uma porção de peito nu.

Um prazer luminoso substituiu a confusão mental e o torpor que o dominavam quando, atento, ele a viu prender o fôlego.

— Ora, mas isso nos traz um interessante dilema.

Beatrice engoliu em seco.

— Que dilema?

Ele levou os braços à nuca, usando-os como apoio para a cabeça.

— Você prometeu àquele horrível médico que me manteria na cama. Adoraria descobrir como pretende realizar tal façanha.

Um rubor delicioso invadiu seu rosto, mas ela ergueu o queixo.

— Talvez deva amarrá-lo aos postes da cama.

Ele riu, um som baixo e sedutor.

— Tenho uma proposta muito mais interessante, minha doce Beatrice.

— E que proposta é essa?

— Chegue mais perto e eu lhe direi.

Seus olhos se arregalaram e as gargalhadas do conde ecoaram pelo quarto.

Capítulo X

Beatrice sabia que Gabriel a estava provocando. Mesmo do outro lado do quarto, podia ver o brilho malicioso em seus olhos cor de mel. Mas, depois do pânico desesperado do dia anterior e do alívio de descobrir que o marido logo estaria recuperado, descobria que sua compostura gelada já não podia mais ser mantida com a mesma facilidade.

Em vez disso, sentia ondas de calor invadindo seu rosto.

— Francamente, Gabriel.

Ele ergueu as sobrancelhas. Apoiado contra os travesseiros com as mãos sob a nuca e porção indecente de peito nu exposta, o homem parecia estar completamente à vontade. Diferente dela. Sentia-se tensa e agitada, tomada por uma inquietação que ia ganhando força com o passar dos minutos.

— O que é, Beatrice? — Gabriel indagou em voz baixa.

Ela passou a língua pelos lábios, lamentando tardiamente não ter fingido que não entendia as palavras. Não possuía talento para esse perigoso confronto.

— Está ferido — disse, pronunciando as primeiras palavras que passaram por sua cabeça.

Riso baixo era como uma carícia sobre sua pele.

— A pancada na cabeça não afetou minha memória. Ainda posso lembrar com nitidez como é tê-la em meus braços. E também me lembro de ter pensado que nada havia sido tão maravilhoso antes.

Era difícil manter a aparência de austeridade. Temia parecer mais uma colegial constrangida.

— Tenho certeza de que tais pensamentos não contribuem para melhorar sua condição.

— Admito que minha condição é dolorosa — ele concordou, deixando os olhos desenharem um caminho de fogo por suas curvas. — Mas é você a causa desse desconforto, não

um estúpido galho de árvore.

Era difícil respirar. Gabriel não era o único a guardar lembranças de um abraço caloroso. Podia recordar com grande nitidez o beijo, cada carícia de suas mãos. Também recordava como se sentira derreter sob uma premente e desconhecida necessidade. A dor inominável ainda residia em seu peito.

— Está tentando me deixar encabulada.

— De jeito nenhum. Por que ficaria encabulada com uma emoção perfeitamente natural? Somos marido e mulher.

— Sim, mas...

— Mas você acredita que estou apenas lançando mão de artifícios para produzir meus herdeiros sem recorrer à força física?

Beatrice moveu-se perturbada.

Pelos santos! Por que havia confessado suas mais secretas dúvidas? Era óbvio que agora ele reagia à demonstração de desconfiança. Nunca o julgara um monstro.

— É claro que não!

— Mas você me fez essas acusações ainda ontem.

Não podia negar as palavras que de fato haviam saído de sua boca. Por isso, Beatrice encolheu os ombros.

— Tenho tido bons motivos para desconfiar de seus motivos com relação a mim.

Devagar, o conde baixou os braços e a observou com expressão sombria.

— Beatrice, escute, posso ter ocultado minha necessidade por dinheiro, mas nunca fingi a verdadeira afeição que sinto por você. Ela é tão genuína quanto o desejo de fazer de Falcon Park uma propriedade que merecerá seu orgulho e sua admiração. Também não fingi quando prometi ser um bom marido. Tudo que mais quero é vê-la feliz novamente.

Era grande a tentação de aceitar suas palavras. Na verdade, estava farta de viver zangada. E desde a chegada do vigário Humbly, passara a questionar se não estava mesmo se entregando ao desejo de retaliação, como a acusara o religioso.

Afinal, Gabriel se esforçava ao máximo para ser um bom marido desde que chegaram em Derbyshire. Diferente de muitos cavalheiros, ele se mostrava extraordinariamente paciente com a nova esposa. Não só jamais havia insistido em obter seus direitos no leito conjugal, como colocava em suas mãos o controle absoluto da reforma e da administração da casa. Como se não bastasse, ele ainda a encorajava a perseguir o interesse pelos inventos. Que outro homem teria sido tão generoso?

Mesmo assim, ainda não conseguia superar a desconfiança.

Seu coração era frágil demais para arriscar-se ao risco de sofrer um novo golpe. Não suportaria a dor.

— Eu quero ser feliz — confessou ela.

Os traços de Gabriel ganharam uma súbita suavidade.

— Então, permita que eu seja seu marido, Beatrice.

— Refere-se a eu recebê-lo em minha cama? — ela indagou assustada.

O conde sorriu com um misto de fascínio e tristeza.

— Não vou mentir, minha doce esposa, porque certamente desejo estar em sua cama. Mas essa é apenas uma pequena porção de ser um marido adequado. Quero ter uma fatia de sua vida e participar dela intensamente.

— Uma fatia...

— Quero saber sobre suas invenções, sobre as frustrações de reformar uma casa tão

grande e antiga, sobre as visitas que faz aos colonos... Enfim, quero saber o que a fez rir durante o dia e se algo a deixou triste ou zangada. Quero que recorra a mim em caso de necessidade.

As palavras tocavam um ponto vulnerável dentro dela, um lugar que sempre ansiara por essa proximidade com outro ser humano. Instintivamente, ela se descobriu recuando.

— Eu o aborreceria com meus relatos — disse, tentando adotar um tom bem-humorado.

— Não faça isso, Beatrice. Essa nossa conversa é importante demais para ser tratada como piada ou brincadeira.

Seu marido tinha razão. Essa era uma questão importante. O futuro de ambos estava em jogo ali.

— Não sei se estou preparada para tudo isso, Gabriel.

Ele sorriu e estendeu a mão.

— Venha cá, minha querida.

A condessa hesitou por um instante antes de atravessar o quarto e colocar sua mão sobre os dedos quentes.

— Sim?

Ele a afagou com ternura, mas, ouvindo seu gemido abafado, virou sua mão para ver nas palmas brancas as horríveis feridas quase escondidas.

— Bom Deus, o que fez com suas mãos? — indagou assustado.

— Eu... nada.

Ele a encarou sério.

— Isto aqui não é nada.

— Suponho que tenha sido resultado do esforço com os remos — Beatrice admitiu relutante.

— É claro. Tem mais algum ferimento que tenha tentado esconder de mim?

— Meus ombros estão doendo muito, mas é só isso.

— Minha pobre Beatrice. — Carinhoso, ele levou as duas mãos aos lábios para beijá-las. — Agi movido pelo desejo de envolvê-la, e quase acabou pondo fim a sua vida.

— Não pode se responsabilizar pela tempestade ou pelo galho que caiu sobre a gruta. Tudo foi apenas uma questão de falta de sorte.

— Desculpe-me — ele murmurou, beijando mais uma vez os dedos da esposa antes de acariciá-los e traçar um caminho até o pulso estreito.

Certa de que acabaria caindo sobre a cama em virtude da onda de calor que invadia seu corpo, Beatrice tentou dar um foco mais concreto aos pensamentos.

— Está sendo absurdo, Gabriel. Não há nada de que tenha de desculpar-se.

— No mínimo, espero conseguir seu perdão por ter feito do nosso piquenique um grande fracasso.

— Teremos outros piqueniques.

— Espero que sim. — Os lábios úmidos deslizavam pelo pulso de Beatrice, alimentando a excitação que aos poucos ia tomando conta dela. — Existem alguns momentos de que me lembro com carinho.

— Gabriel...

Ele mordeu a ponta de seus dedos.

— Sim, minha querida?

— Precisa tomar cuidado.

— Estou tentando ser muito cuidadoso. — Ele ergueu a cabeça para revelar um brilho de malícia no olhar. — Não aprova minha atitude?

Oh, sim, aprovava! E como poderia ser diferente? As carícias suaves haviam despertado todo seu corpo e inundado cada recanto com um prazer que era tão doce quanto intenso.

Mas esse não era o melhor momento para avanços íntimos, ela se censurou com imensa relutância. Não só Gabriel estava ferido, como não podia antecipar a entrada de um criado nos aposentos de seu marido.

Não queria ser surpreendida fazendo amor com o conde no meio da manhã. Seria indecente.

Com uma determinação sustentada a custa de muito esforço, Beatrice libertou-se dos dedos que a afagavam.

— Agora devo ir encontrar os operários.

Gabriel estudou seu rosto discreto.

— Isso não pode esperar?

— Não... Eu... Ainda existem muitas dúvidas quanto ao projeto do jardim.

Houve uma pausa breve antes de Gabriel acomodar-se sobre os travesseiros com um sorriso tranqüilo.

— Bem, não quero que nossos canteiros de rosas fiquem tortos. Vai voltar para almoçar comigo?

O primeiro instinto quase a fez recusar o convite. Sempre havia evitado a presença do conde, talvez por sentir que nunca seria capaz de resistir ao seu poderoso charme.

Depois, sustentando o olhar penetrante, ela assentiu quase sem perceber.

Não seria próprio abandoná-lo em um momento em que estava ferido e confinado à cama, ela garantiu a si mesma.

Seu dever era estar ao lado do marido.

— Se quiser...

— Eu quero muito. — Gabriel sorriu novamente, dessa vez com uma nova luminosidade e um novo brilho nos olhos. — Não provoque a ira dos operários, minha querida.

Ela pôs as mãos na cintura.

— Eu nunca... Está dizendo que sou severa e exigente demais com aqueles que estão sob minhas ordens?

Ele riu.

— É exatamente o que estou dizendo. E também é briguenta e teimosa. Mas, graças aos seus esforços, Falcon Park será um sucesso espetacular. Um dia nossos filhos terão motivos para agradecer tudo que fez pela propriedade.

Nossos filhos.

Um calor perigoso ameaçou preencher o vazio em seu coração.

Filhos de Gabriel.

— Eu volto mais tarde — ela murmurou.

Depois deixou o quarto com mais pressa do que elegância.

Gabriel assistiu à partida desajeitada da esposa com uma combinação de humor e pesar.

Não acreditava que pudesse um dia se cansar de sua confusão agitada sempre que a tocava ou murmurava palavras de desejo e paixão.

Por outro lado, estava começando a sofrer os efeitos da longa espera por uma mulher que se recusava a ser sua por inteiro.

Seu corpo doía por conta da frustração. Uma frustração que só crescia com o conhecimento de que era capaz de provocar a paixão de Beatrice, desde que ela superasse o passado e se entregasse ao presente.

Antes do casamento, podia fazer uma rápida viagem ao vicariato local para encontrar uma criada em um dos bares, alguém que o recebesse em sua cama. Ou ainda, podia buscar a adorável companhia da viúva Alton, que sempre oferecera suas atenções com imensa generosidade. Mas, agora, a simples idéia de deitar-se com outra mulher despertava repulsa.

Havia assumido um compromisso quando se casara com Beatrice. Prometera ser fiel ao colocar a aliança em seu dedo. Não a desapontaria mais uma vez.

E, para ser bem sincero, não tinha desejo de experimentar um sexo rápido e sem significado. Queria a esposa. A mulher que poderia ter em seus braços durante toda a noite. A mulher que um dia teria seus filhos.

Respirando fundo, tentou fazer o corpo relaxar.

Tudo indicava que estava na desagradável posição de desejar a única mulher que não podia ter.

Uma posição desconfortável, sem dúvida.

Pensativo, Gabriel levou os dedos ao curativo em sua testa. E agora, para contribuir com sua falta de sorte, estava condenado a permanecer na cama por um médico demente que só queria torturá-lo além do suportável.

— Bem, meu lorde, é certo que nos pregou um grande susto.

Gabriel virou-se para a porta e viu o vigário parado, sem saber se devia ou não entrar. Sorrindo, ele recebeu com alegria aquele que havia interrompido pensamentos tão sombrios.

— Ah, Humbly, entre.

O homem adiantou-se com passos rápidos, seus cabelos apontando em dezenas de diferentes direções.

— Como está se sentindo?

— Como um perfeito idiota — o conde admitiu rindo. — Eu o preveni sobre minha incompetência nesses assuntos. Em vez de conquistar os favores de minha dama, quase a matei e morri.

Puxando uma cadeira para perto da cama, o vigário sorriu demonstrando complacência.

— Talvez nem tudo tenha acontecido de acordo com seu plano, mas posso garantir que Beatrice estava muito perturbada quando chegou em casa. Ela estava verdadeiramente apreensiva com seu bem-estar.

A lembrança de como exatamente Beatrice retornara renovou a ira de Gabriel.

Pensar que ela havia arriscado a própria vida despertava nele o desejo de esmurrar algo bem duro.

— Ela devia ter sido esganada!

Humbly reagiu com espanto à inesperada exclamação.

— Como disse?

— Minha esposa pegou um barco e atravessou um lago varrido por uma violenta tempestade que nem eu teria mesmo enfrentado, e sem saber nadar. Uma onda mais forte e agora ela estaria... Não. — Gabriel estremeceu. — Não suporto pensar nisso.

O vigário apenas encolheu os ombros.

— Beatrice é uma mulher de tremenda coragem e muitos re cursos. Não pode ter imaginado que ela ficaria contente agindo como uma fraca, esperando socorro depois de você ter sido ferido com grande gravidade.

Sim, certamente sabia que sua esposa era uma mulher de coragem e talentos variados. Ela também era mais inteligente do que qualquer outra pessoa que já houvesse conhecido. Infelizmente, não usara o bom senso que Deus lhe havia dado quando subira naquele barco.

— Julguei que ela tivesse juízo suficiente para não arriscar a própria vida de maneira tão absurda — ele resmungou.

— Ela estava desesperada.

— Mesmo assim, não tinha o direito de expor-se a tão grande perigo. Por maior que fosse seu desespero, ela não podia ter se atirado nos braços da morte como praticamente fez ao atravessar o lago sozinha.

Um sorriso vagamente inquietante tocou o rosto redondo do vigário.

— Sim, mas... Bem, está feito e tudo acabou bem — ele disse.

Gabriel obrigou-se a deixar de lado a horrível imagem de Beatrice sendo tragada pelo lago revolto. Não tinha dúvida de que tal cena assombraria seu sono por muitos anos.

— Certamente.

— E não pode negar que o incidente revelou que Beatrice ainda é muito ligada a você.

— Talvez — o conde concordou sem muita confiança.

— Agora temos um bom prognóstico.

Gabriel não conseguia ser tão otimista.

— Mas ela não confia mais em mim. E sem confiança, nenhum casamento pode sobreviver, muito menos ser bem-sucedido.

— Precisa ter paciência, meu filho.

Paciência? O conde rangeu os dentes. Estava começando a detestar essa palavra.

— E fácil falar...

Humbly riu.

— Sim, é sempre mais fácil dar conselhos do que agir.

Percebendo que estava agindo de um jeito antipático e rude, Gabriel forçou um sorriso.

— Desculpe-me. Já me disseram que sou um inválido muito petulante.

Um brilho acentuado iluminou os olhos do vigário.

— Sim, eu ouvi o mesmo do bom doutor.

— Sabe de uma coisa? O homem teve muita sorte por eu estar fraco demais para jogá-lo pela janela. O idiota me cutucou da cabeça aos pés e ainda ameaçou mandar submeter-me a uma sangria, caso eu reclamasse!

— Ninguém gosta de ser alvo das atenções de um médico, especialmente quando elas resultam em um lamentável confinamento ao leito.

— Tenho certeza de que acabarei enlouquecendo — Gabriel concordou prontamente.

— O que acha de jogarmos algumas partidas de xadrez? Posso tentar encontrar um tabuleiro...

Apesar da relutância em ficar sozinho no quarto. Gabriel sabia que devia protestar; O pobre cavalheiro não viajara até Derbyshire para passar horas entretendo um inválido.

— Não prefere explorar a região ou ir visitar seu amigo?

— De jeito nenhum — garantiu o hóspede. — Não há nada que eu aprecie mais do que um bom jogo de xadrez.

— Bem, não posso prometer uma partida muito excitante ou um grande desafio. Há anos não ponho à prova minha habilidade com as peças, mas saberei apreciar a companhia.

Humbly levantou-se animado.

— Ótimo! — exclamou. — Estarei de volta em breve com o tabuleiro.

O vigário deixou o quarto com passos ágeis.

As coisas estavam acontecendo de acordo com o esperado, ele decidiu sorridente. Talvez Gabriel e Beatrice ainda não houvessem compreendido inteiramente a profundidade dos sentimentos que nutriam um pelo outro, mas o progresso da relação era inegável e animador.

Beatrice arriscara a própria vida para salvar o marido. E Gabriel se vira repentinamente forçado a pensar em um mundo sem a presença de sua esposa.

Com um pouco mais de incentivo, certamente poderia aproximá-los de uma forma mais definitiva.

Ocupado com os elogios que tecia a si mesmo, Humbly desceu a escada a caminho da cozinha, um aposento afastado de todos os outros na mansão. Perguntaria à cozinheira onde poderia encontrar um tabuleiro de xadrez, e talvez ainda encontrasse por lá algum saboroso petisco que o mantivesse satisfeito até a hora do almoço.

Uma adorável torta de limão silenciaria os protestos persistentes de seu estômago. Talvez um bolo recém-saído do forno...

Perdido em meio aos pensamentos apetitosos, Humbly nem se deu conta do desastre próximo. De fato, só percebeu o perigo iminente ao ouvir aquela voz estridente cortando o silêncio.

— Sr. Humbly!

Resmungando uma praga totalmente imprópria a sua condição, ele parou e viu a sra. Quarry correndo em sua direção.

— Oh, sr. Humbly — ela gritou. — Até que enfim o encontro!

A mesura pareceu rígida, incompleta.

— Sra. Quarry.

— Homem mau. — Ela brandia um indicador magro e deformado bem na frente de seu rosto. — Esteve se escondendo de mim?

Numa atitude infantil, Humbly levou as duas mãos às costas e cruzou os dedos.

— É claro que não.

— Mas não o tenho visto em lugar algum — ela reclamou.

Sabia que devia sentir uma certa medida de culpa por ter evitado a viúva com tanta determinação. Mas não conseguira permanecer feliz e solteiro por quase sessenta anos sendo um alvo fácil para mulheres desesperadas. Um cavalheiro precisava ser ágil com os pés a fim de evitar as numerosas armadilhas em que podia cair.

— Bem, estive muito ocupado com as visitas que fiz a meu amigo e, é claro, conhecendo melhor lorde Faulconer.

— Entendo. — Os lábios finos fingiram um tremor afetado.

— Suponho que seja demais esperar que tenha tempo para urna tola e velha viúva.

Humbly pigarreou nervoso.

— Eu... isto é... Eu...

— Não, não, por favor, não se constranja por mim. Eu entendo. — A mulher pegou um lenço com o qual limpou o nariz fino. A aparição lembrava um passe de mágica. — Não deve mudar seus planos para ocupar-se comigo. Asseguro que estou bastante habituada a ser ignorada. Esse é o quinhão do parente pobre, como deve saber. E eu nunca ousaria impor-me onde não sou desejada ou bem-vinda.

Apesar de saber que a sra. Quarry estava tentando despertar sua piedade com aquele

comportamento humilde, Humbly sentiu que sua determinação ia enfraquecendo.

Quaisquer que fossem suas tendências, mesmo as mais aborrecidas e indesejadas, ela ainda era uma criatura de Deus, o homem lembrou-se relutante. Era seu dever oferecer todo conforto que pudesse proporcionar.

— Talvez possamos tomar chá mais tarde — sugeriu sem o menor entusiasmo.

Ela limpou o nariz mais uma vez.

— Não quero ser um transtorno.

— Não será transtorno algum.

— Tem certeza?

— Sim.

— Absoluta?

Humbly engoliu um suspiro frustrado.

— Absoluta.

Num piscar de olhos, a mártir solitária e compreensiva desapareceu para dar lugar a uma mulher confiante e até ousada. O lenço sumiu e um brilho predador iluminou seus olhos claros.

— Nesse caso, devo ir falar com a cozinheira — ela comentou enquanto batia no queixo com a ponta de um dedo. — Não pense que não notei o quanto aprecia aquelas deliciosas tortas de limão. E sanduíches de pepino, é claro. Muitos sanduíches.

Humbly estremeceu. A sra. Quarry e sanduíches de pepino? Céus! Que pecado havia cometido para merecer um destino tão devastador?

— Sanduíches de pepino? — repetiu com voz fraca.

A viúva sorriu coquete.

— Um cavalheiro de sua idade precisa pensar na saúde.

— Não é parente da sra. Stalwart, é?

Ela piscou várias vezes com evidente confusão.

— Sra. Stalwart? Não, creio que não. Ela é sua conhecida?

— Esqueça. — Humbly despediu-se com uma mesura ensaiada. — Até mais tarde, senhora.

— Não se esqueça de mim!

— Não creio que exista essa possibilidade — ele resmungou.

A mulher riu.

— Oh, vigário, não seja tão sedutor!

Girando sobre os calcanhares, Humbly seguiu para os aposentos de Gabriel. Pediria a um dos inúmeros lacaios para providenciar um tabuleiro de xadrez.

E numa próxima ocasião, não permitiria que os roncos de seu estômago o distraíssem, prometeu a si mesmo.

A tentação representada pelas tortas de limão não compensava a tortura de uma tarde em companhia da sra. Quarry.

Não mesmo. A menos que a cozinheira servisse também um daqueles maravilhosos muffins ou um saboroso bolo esponja.

Capítulo XI

Depois de dois dias sendo mantido como prisioneiro em sua própria cama, Gabriel considerava estar mais do que pronto para um sanatório.

Era um cavalheiro acostumado a interminável atividade. O trabalho na propriedade o mantinha agitado e ativo desde o momento em que acordava até a hora em que caía na cama tarde da noite. Quando não estava nos campos ou em reunião com seu secretário, ficava no estúdio tentando entender e organizar anos seguidos de livros contábeis negligenciados.

Ver-se repentinamente preso no quarto sem nada com que se ocupar se não uma ou outra visita ocasional era muito pior do que qualquer tortura. Não tinha dúvida disso.

Para sua grande surpresa, ele encontrou um inesperado benefício na condição de inválido.

Virando a cabeça sobre o travesseiro, Gabriel observou a esposa sentada ao lado de sua cama, estudando atentamente um punhado de retalhos de tecido.

Todos os dias Beatrice passava boa parte de seu tempo ali, sentada a seu lado. Fosse lendo para ele o jornal matinal, ou simplesmente relatando os progressos que conseguira na reforma, ela ia revelando mais sobre si mesma.

Agora sabia, por exemplo, que Beatrice lia muito e era bem informada sobre política. Ela tinha visões bem fundamentadas a respeito das dificuldades relacionadas às crianças e dos problemas enfrentados pelos soldados que voltavam da guerra, homens que retornavam as suas casas e não tinham emprego nem muitas oportunidades. Também descobrira que ela acompanhava de perto as flutuações do Câmbio e sabia exatamente o valor das ações que o pai possuía. Mais surpreendente que tudo, também descobrira que ela se interessava pelos escândalos que cobriam as páginas sociais do jornal.

As encantadoras porções de seu caráter só a tornavam mais preciosa para Gabriel.

De alguma maneira, sempre havia suspeitado que uma grande dose de familiaridade só poderia levar ao desgosto. Muitos amigos casados o preveniram sobre esse desastre inevitável. Mas, à medida que ia conhecendo novas facetas da esposa, mergulhando mais fundo em seus pensamentos e sentimentos, percebia que estava ansioso para saber mais.

Beatrice era uma mistura fascinante de bom senso e liberalismo. Podia ser uma defensora ferrenha dos fracos e divertida ao lembrar e comentar o período em que passara entre os membros da sociedade.

Ela também era profundamente solitária. Tanto quanto ele. Saber disso aumentava sua determinação de aproximar-se e forjar um laço entre eles.

Era evidente que precisavam um do outro.

Se ao menos pudesse provar a Beatrice que era digno de sua confiança... Era mais fácil falar do que fazer, ele reconheceu com um suspiro contido.

Seus olhos estudaram os traços pálidos que haviam se tornado familiares e queridos. Depois, um sorriso fraco distendeu seus lábios quando ele notou a ruga em sua testa, como se os retalhos contivessem soluções para os mais graves problemas da humanidade.

— Está muito séria, minha querida — ele disse, interrompendo os pensamentos sombrios.

Erguendo a cabeça, Beatrice ofereceu os retalhos para avaliação dele.

— Não consigo determinar qual cor é mais parecida com as cortinas da biblioteca. Qual é sua opinião?

Gabriel olhou para os tecidos com as sobrancelhas levantadas.

— Para mim todas parecem idênticas.

— É claro que não são — ela protestou. — Tenho aqui um tom muito mais escuro, enquanto este possui um toque de chumbo.

Gabriel riu e balançou a cabeça.

— Vou ter de aceitar sua palavra sobre esse assunto.

Suspirando profundamente, a condessa deslizou um dedo pela amostra de tecido.

— É uma pena que o original esteja tão desbotado. Não se pode determinar a cor exata.

Gabriel acomodou-se de maneira mais confortável sobre os travesseiros, fascinado, como sempre, pela evidente dedicação de Beatrice a Falcon Park.

— A cor das cortinas da biblioteca não pode ser tão importante.

— Gostaria de chegar o mais perto possível do tom original.

— Você assumiu uma tarefa realmente grandiosa, minha querida — ele comentou admirado.

Como de costume, as palavras de elogio tingiram o rosto da condessa de vermelho. Gabriel já havia constatado que ela não estava acostumada a ser apreciada por seus talentos.

— Eu não me importo.

— Mesmo assim, é muita generosidade sua — ele persistiu.

— Agora essa casa é tão minha quanto sua.

O coração do lorde foi tomado por um intenso calor provocado por essas palavras. Falcon Park voltava a ser um lar de verdade. E tudo graças aos inesgotáveis esforços da mulher com quem se casara.

— Sim, mas muitas noivas preferem redecorar adotando um estilo mais moderno — ele opinou com um sorriso vago. — Seria muito mais simples do que dedicar tanta energia à restauração da casa em sua antiga glória.

Beatrice encolheu os ombros, diminuindo a importância da carga que assumira voluntariamente.

— Espero que o esforço promova bons resultados.

Gabriel segurou a mão dela.

— Já manifestei minha gratidão por tudo que tem feito por Falcon Park?

Surpreendentemente, ela conseguiu tingir-se de um tom ainda mais escuro de vermelho.

— Não é necessário — disse. — Sou sua esposa.

— Minha esposa. — Ele saboreou as palavras como se fossem um fino vinho. — Gosto muito do som disso.

Um súbito tremor a sacudiu, apesar do esforço que fazia para manter aquele ar de compostura distante.

— Está sendo absurdo.

— Não, não estou. — Seus olhos buscaram os dela. — Como disse, nunca pensei que um dia teria uma família. Estou descobrindo que gosto dessa sensação de estar construindo um lar com você. É muito reconfortante saber que estará aqui quando eu acordar de manhã, pensar em você caminhando pelo jardim, ou sentir o perfume de madressilva quando entro em um aposento onde você está ou esteve pouco antes. Todas essas coisas despertam em mim um sentimento de pertinência que não sentia desde a morte de minha mãe. E como se a casa voltasse a ser minha depois de anos de ausência.

Os olhos cor de âmbar estavam mais escuros do que de costume.

— Oh...

Gabriel olhou para baixo, para sua mão forte cobrindo os dedos delicados.

— Só desejo que se sinta mais confortável aqui.

— Eu... só cheguei a Falcon Park há poucos meses. E com os operários...

— Não, minha querida, não foi isso que eu quis dizer. Creio que não soube me expressar. Queria dizer que desejo torná-la mais confortável comigo — ele explicou. — Lembra-se da noite em que nos conhecemos?

Houve uma pausa breve antes de ela mover a cabeça em sentido afirmativo.

— Sim, é claro.

— Eu havia sido apresentado a uma centena de donzelas desde minha chegada em Londres, mas no momento em que me vi em sua companhia, percebi que você era a única mulher que eu sentia conhecer desde sempre. Era como se houvesse feito parte de toda minha vida.

Ela o encarou sem tentar disfarçar a incredulidade.

— É difícil acreditar em suas palavras. Estava tão nervosa, que falei como uma menina sem noção de boas maneiras.

Gabriel riu ao lembrar aquele breve encontro. Não sabia nada sobre ela além de que era herdeira de uma grande fortuna e, de acordo com os rumores, absolutamente excêntrica.

Preparara-se para suportar mais uma senhorita superficial e tola que, com muito esforço, fora treinada para comportar-se em sociedade com a elegância e o refinamento de uma debutante. Quaisquer que fossem os rumores sobre as atitudes excêntricas de Beatrice, recusara-se a esperar que ela tivesse a ousadia de ir além da propriedade tediosa.

Havia sido uma deliciosa surpresa quando, com ousadia encantadora, ela manifestara suas opiniões sem pedir desculpas por ela e sem nenhuma afetação. Beatrice era livre de artifícios. Aquela jovem tão diferente das outras o intrigara.

— Você foi encantadora — ele disse com tom firme. Sabia que um sorriso distendia seus lábios e dava um toque sonhador ao seu rosto, mas não se incomodava com isso. — E não falou demais.

— Sim, eu falei. Revelei minha repulsa por Londres, falei sobre meu avô, sobre minhas invenções... Acho que contei até que os sapatos estavam apertando meus dedos.

Ele encolheu os ombros, os dedos acariciando suavemente a palma da mão dela e deslizando até o pulso.

— Foi muito mais interessante do que todas as conversas que tive de suportar sobre as condições do tempo e os últimos ditames da moda. Conheci até mesmo algumas donzelas que não iam além de um punhado de risadinhas irritantes. Não tem idéia do alívio que senti quando descobri uma mulher capaz de sustentar uma conversa interessante. Lembro-me de que usava um vestido verde com rosas de cetim branco.

De repente ela baixou a cabeça, embora não tentasse libertar-se da mão que a afagava.

— Lamentável — disse. — Aquela era a idéia de minha mãe sobre um vestido adequado para uma debutante. Tentei preveni-la sobre como eu estava parecida com uma maçã verde, mas ela não me ouvia.

Com um estalar de língua que expressava desaprovação, Gabriel segurou seu queixo para forçá-la a encará-lo.

— Por que diz essas coisas sobre você mesma? — perguntou sério.

Ela reagiu assustada com o tom crítico.

— Deve ser o hábito.

— Não vou tolerar tais comentários em minha presença — o conde a informou com autoridade. — A única pessoa que a considera inadequada ou imprópria em algum aspecto é você mesma.

Houve um silêncio tenso antes de Beatrice emitir um suspiro profundo e cansado.

— Ser considerada diferente e excêntrica nem sempre é muito confortável.

O conde não se deixaria envolver ou enganar. Podia compreender o desejo de aprovação de todo ser humano. Enfrentara batalha semelhante com o próprio pai. Mas não permitiria que ela reduzisse o próprio valor.

— Aposto que seu avô não pedia desculpas por ser diferente.

Beatrice entreabriu um sorriso relutante.

— Meu Deus, não! Ele não se importava em nada com a opinião dos outros.

— Um homem sábio. Devia seguir o exemplo que ele deixou. Você é Beatrice, condessa de Faulconer. Mantenha a cabeça erguida e saiba que aqueles que realmente gostam de você desejam que permaneça exatamente como é. Orgulhe-se do que é e de quem é.

Os olhos se encontraram por um longo instante. Gabriel tentava convencer a esposa a perceber como era maravilhosa.

— Vou tentar — ela prometeu por fim. — Agora devo ir. Você precisa descansar.

Gabriel agarrou-a pela mão, sentindo um forte alívio por descobrir que os ferimentos haviam cicatrizado por completo nos últimos dois dias. Não desejava que o encontro chegasse ao fim.

— Por Deus, tudo que tenho feito é descansar. Estou aborrecido e irritado.

— Sei que o vigário passou a manhã toda aqui, jogando xadrez com você — ela o censurou com expressão severa. — Sem mencionar o fato de que os criados transferiram boa parte da biblioteca para seu quarto, bem como os jornais e os livros contábeis da propriedade. Como pode estar aborrecido?

Ele torceu o nariz numa demonstração de desgosto.

— Não quero ler.

— Prefere que eu mande tia Sarah para lhe fazer companhia?

A sugestão foi recebida por uma expressão aborrecida.

— Está tentando ser engraçada? Tia Sarah! Francamente! Prefiro ser examinado novamente por aquele horrendo médico.

— Posso mandar um coche ir buscá-lo.

De repente ele levou a mão dela aos lábios.

— O que realmente desejo é que você fique.

Beatrice estremeceu ao receber o delicado beijo, mas, com determinação irritante, levantou-se e removeu a mão que era mantida cativa entre as dele.

— Não posso.

— Não pode ou não vai?

— Gabriel...

Ele suspirou ao interpretar a teimosia no ângulo de seu queixo. Conhecia bem aquela expressão.

— Promete ao menos voltar mais tarde?

— Sim, prometo. — Com um sorriso incerto, ela recolheu as amostras de tecido e saiu.

Sozinho, Gabriel balançou a cabeça devagar.

Sentia-se muito perto de realmente alcançar Beatrice. Como se a qualquer momento ela pudesse sorrir e recebê-lo de volta em seu coração.

E então, sem aviso prévio, ela recuava para trás da muralha erguida com tijolos de desconfiança.

Poderia ter a esposa que desejava com tanto ardor? Ou esse era um sonho impossível?

Apesar de ter saído do quarto do marido com toda a intenção de dedicar a tarde a vários colonos, alguns com problemas sérios e negligenciados há bastante tempo, ela se descobriu parada diante da janela de seu escritório.

Não que estivesse particularmente fascinada pelos protestos agudos de Chalfrey contra os operários que construíam novas alamedas para o jardim de rosas, ou com o glorioso sol poente que banhava todo o campo com sua luminosidade rosada.

Não. Estava ali parada ponderando as estranhas e complexas emoções que travavam uma dura batalha em seu coração.

Como uma mulher podia saber com certeza o que estava sentindo? Conjecturou.

Por um lado, fora forçada a conceder que ainda gostava de Gabriel e se importava com ele. A dor e o desespero que sentira quando ele fora ferido na ilha não podiam ser negados. E também, durante os dois últimos dias, haviam compartilhado momentos que foram tão maravilhosos e preciosos quanto os dias da breve amizade anterior ao casamento. Mesmo assim, ele ainda era o mesmo cavalheiro que a desposara por sua fortuna.

Poderia simplesmente perdoar e esquecer o que ele havia feito?

Queria perdoar e esquecer?

Era essa questão que a mantinha em pé diante da janela. O tempo passava. Os operários já se haviam retirado, encerrando mais um dia de trabalho, e o jantar estava sendo servido.

Esperava que, através de uma sincera e diligente busca em seu coração, pudesse finalmente descobrir a verdade que parecia fugir dela há tanto tempo.

— Pensativa, Beatrice?

Assustada com a repentina interrupção, ela se virou e viu o vigário Humbly entrando no aposento. A presença do religioso provocou uma onda de culpa, porque a fez perceber que condenara o pobre cavalheiro a tolerar os ataques de tia Sarah. Que falta de compaixão!

— Sr. Humbly — cumprimentou-o com um sorriso distraído. — Não o ouvi entrando.

Ele inclinou a cabeça para um lado.

— Não. Estava olhando para fora, além da janela. Que pensa mentos sombrios podem ter desenhado essa ruga tão funda entre seus olhos, minha querida?

Desconcertada pela pergunta direta e precisa do religioso, ela moveu os pés para disfarçar a inquietação.

— Nenhum pensamento sombrio. Estava apenas contemplando uma das invenções que pude analisar recentemente.

— Oh, é mesmo! Que invenção?

— O quê?

— Perguntei que invenção ocupava seus pensamentos.

— Eu...

Humbly sorriu enquanto, encabulada, Beatrice tentava pensar em uma mentira razoável.

— Estava pensando em Gabriel, não é mesmo?

Percebendo que era inútil tentar mentir, ela suspirou resignada.

— Sim.

O vigário aproximou-se para segurar suas mãos.

— O estado do conde piorou?

— Não — Beatrice respondeu depressa a fim de tranqüilizá-lo. — O médico disse que ele poderá sair da cama amanhã.

— Ah, mas essa é uma notícia maravilhosa!

— Sim, esplêndida.

O homem estudou seu rosto tenso.

— Então, por que a ruga?

Incapaz de disseminar sob aquele olhar atento e tão preocupado, ela ofereceu um sorriso triste.

— O casamento é um assunto muito complicado.

O vigário acariciou suas mãos.

— Todos os relacionamentos são complicados, minha querida. Por favor, sente-se comigo por um instante, sim?

— Muito bem — ela concordou, deixando-se levar até o pequeno sofá colocado perto da lareira.

Depois de se acomodarem no estofado de damasco vermelho, Humbly sorriu com bondade e ternura.

— Sabe de uma coisa? Quando eu era apenas um garoto, adorava ir pescar.

Beatrice piscou assustada ao ouvir as palavras tão inesperadas.

— Bem, suponho que todos os meninos gostem de pescar.

— É verdade. — Uma expressão nostálgica dominou o rosto redondo. — Havia um pequeno rio bem perto de nossa casa, e durante a tarde eu passava horas espantando os peixes para longe dali. Infelizmente, também terminava todas as tardes no leito do rio.

Presumindo que o homem de coração generoso estava apenas tentando distraí-la de seus pensamentos sombrios, Beatrice forçou um sorriso.

— Foi uma criança desajeitada, então?

— Não. Os garotos da vizinhança adoravam rir de mim e sempre me empurravam para dentro da água.

Beatrice emitiu uma exclamação horrorizada. Era inimaginável que alguém pudesse tratar com tanta crueldade uma criatura doce como aquela.

— Isso é horrível.

O vigário riu.

— Também pensava o mesmo naquele tempo. Comecei a procurar esconderijos nas margens do rio, lugares onde eu não seria descoberto pelos outros meninos. Tornei-me muito bom nisso.

— Esses meninos devem ter sido horrorosos — ela opinou revoltada. Sabia como as agressões de uma criança podiam ferir. Por sorte tivera Addy e Victoria, que sempre haviam permanecido a seu lado.

— Não eram piores do que muitos garotos da mesma idade — Humbly respondeu encolhendo os ombros. — Eles só queriam aparecer mais do que os outros. Era uma competição, entende?

— Bem, pelo menos conseguia pescar em paz — Beatrice resumiu, tentando descobrir se também seria capaz de perdoar com a mesma facilidade.

— Sim, e tinha até um amigo que me acompanhava de vez em quando. Georgie Dicart. Ele era o filho mais novo de um médico da região e também estava sempre sofrendo os ataques dos outros garotos.

— Então, vocês dois se uniram.

Houve uma pausa rápida antes de Humbly deixar escapar um suspiro.

— Sim, ficamos juntos até o dia em que ele levou os outros meninos ao meu esconderijo. Ele esperava impressioná-los oferecendo-me em sacrifício.

Atendendo ao instinto, Beatrice segurou a mão dele. Tinha o coração profundamente tocado pela traição sofrida por seu bom e velho amigo.

— Oh, não...

— Fiquei devastado, é claro — ele admitiu com um toque de tristeza no olhar. — Não tanto por ter sido jogado na água mais uma vez. Eu já estava acostumado a voltar para casa ensopado. O pior foi me sentir traído por meu amigo, a única pessoa em quem eu confiava.

Devagar, Beatrice foi percebendo que o vigário não queria apenas distraí-la com suas lembranças de uma infância distante. Ele pretendia revelar que ela não era a única cuja confiança um dia fora traída.

— Sim... — murmurou. — No início chorei muito — o religioso continuou com sua voz melodiosa e hipnótica. — Depois, como muitos meninos de doze anos de idade, comecei a planejar uma vingança. Queria que ele experimentasse o mesmo constrangimento e a mesma dor que eu senti.

Mesmo depois de perceber que Humbly tinha um propósito específico por trás de sua história, Beatrice não resistiu à curiosidade. Queria saber até onde ele poderia chegar com seu conto.

— O que fez? — indagou.

— Esperei que todos estivessem reunidos na igreja para o serviço de domingo, e então, no meio do sermão, eu me levantei e acusei Georgie de ter roubado dinheiro da caixa de doações.

Beatrice arregalou os olhos numa reação chocada.

— Meu Deus!

— Foi muito eficiente. Toda a congregação ficou em silêncio, olhando para Georgie. O pai do menino o pôs em pé e bateu nele na presença de toda vizinhança. Jamais esquecerei a expressão no rosto de meu amigo.

Beatrice estava surpresa, apesar de tudo. Era impossível imaginar alguém tão gentil e generoso causando mal a outra pessoa, mesmo que em represália a um ataque anterior.

— Imagino que ele o tenha fitado com ódio? — arriscou.

Humbly balançou a cabeça.

— Não. Ele parecia aliviado. Havia se sentido tão culpado por ter me traído, que estava ansioso pela punição que, em sua opinião, poderia redimi-lo. Deixei a igreja com a impressão de ser a criatura mais odiosa sobre a face da terra.

Beatrice sentiu o coração apertado pela dor.

Era impossível evitar a conexão óbvia entre ela e Gabriel.

Como Humbly, fora traída e tomada pela fúria. Enquanto isso, Gabriel reagia como Georgie com sua prontidão para aceitar o castigo como justa recompensa.

E no final, tinha a impressão de ser a criatura mais odiosa sobre a face da terra.

Mordendo o lábio inferior, olhou para o vigário e respirou fundo.

— Sei que está se referindo a Gabriel e a mim.

— Queria apenas que olhasse para dentro do seu coração, Beatrice. Castigar Gabriel a está deixando mais feliz?

Ela balançou a cabeça, desejando que a questão fosse tão simples quanto Humbly fazia parecer.

— Não é apenas uma questão de castigo, mas de confiança. Alguma vez voltou a contar a Georgie onde ia se esconder para pescar?

Humbly sorriu complacente.

— É claro que sim. Ele era meu amigo. Cometeu um erro, é verdade, mas eu também errei. Os amigos sempre perdoam.

Seus olhos expressavam o medo que a atormentara desde o dia do casamento.

—E se ele voltar a me trair?

O vigário adotou um ar sério e firme.

— Minha querida, nenhum de nós é capaz de prever o futuro. Mas, durante esses últimos meses, ele certamente provou que quer sua felicidade acima de tudo.

— Sim, devo admitir que ele tem se esforçado para me ver feliz.

— Não é inteligente lamentar eventos passados ou se debruçar sobre antigas feridas. Com o tempo, elas acabam por envenenar sua alma. Agora você deve olhar para o futuro. Deve decidir se quer viver dominada pela mágoa tão amarga, ou se estará mais bem servida vivendo em paz com seu marido.

— Beatrice assentiu devagar.

— Vou considerar suas palavras.

— Isso é tudo que peço. — Ele se levantou. — Boa noite, minha querida.

— Boa noite.

O vigário saiu da sala, e Beatrice ficou sozinha com os próprios pensamentos.

Por algum tempo, refletiu sobre tudo que Humbly dissera, reconhecendo que ele só havia expressado com palavras o que ela já havia compreendido com o coração.

Gabriel era seu marido.

Havia prometido passar o resto da vida ao lado dele.

Queria mesmo continuar com aquela batalha inútil e vazia que os tornava tão miseráveis? Ou arriscava o coração mais uma vez e ia buscar a felicidade que um dia havia esperado conquistar?

Sem se dar conta de que estava se movendo, Beatrice levantou-se e caminhou para a porta.

Era hora de confrontar seus temores.

E só poderia fazer tal coisa com a ajuda de Gabriel.

Capítulo XII

Gabriel colocou de lado a farta bandeja de comida cujo conteúdo mal chegara a provar. Normalmente tinha um apetite voraz, mas perdera a vontade de comer, não só pelas longas horas que passava na cama, mas também pela ansiedade de ter passado a tarde inteira esperando por Beatrice.

Onde ela poderia estar?

Sabia pelos criados que a esposa não deixara a propriedade. Também não estava com os operários nem entretinha Humbly, o hóspede da casa. Os criados também haviam contado que ela não se apresentara para jantar.

Sem dúvida, algo a estava perturbando, ele decidiu. Beatrice sempre se retirava quando estava preocupada ou precisava refletir.

Mas o que poderia ser?

Com tenacidade obstinada, repassara mentalmente cada instante do encontro que tivera com ela naquele dia. Teria dito ou feito alguma coisa que a aborrecera? Talvez ela houvesse ficado assustada com o inocente beijo que depositara em sua mão.

Finalmente, Gabriel reconheceu a derrota.

Como um simples homem podia entender o misterioso funcionamento da mente feminina? Era como contemplar a antiga filosofia ou as estrelas distantes. As chances de decifrar seu significado eram as mesmas que entender sua esposa.

A desanimadora constatação provocara uma dor intensa e persistente dentro dele.

Queria deixar a cama e sair em busca de Beatrice. Queria confrontá-la e exigir respostas para o longo período de ausência e silêncio. Queria sacudi-la até fazê-la admitir que ainda se importava com ele. Queria tomá-la nos braços e se afogar no prazer.

Em vez disso, podia apenas ficar deitado, amaldiçoando o momento em que decidira desposá-la sem revelar que precisava de sua fortuna.

Como fora tolo. Trocara a esperança de um amor verdadeiro pela salvação de uma pilha de pedras e madeira e pelo bem-estar de colonos que nunca entenderiam o tamanho do sacrifício que fizera por eles.

Que confusão.

Estava tão imerso em auto-recriminação, que nem notou quando alguém empurrou e abriu a porta de seu quarto. Seu coração deu um salto vertiginoso quando, ao virar a cabeça, ele viu Beatrice entrando com passos cautelosos.

— Estou incomodando?

— É claro que não. — Gabriel esperou até que ela se acomodasse na cadeira próxima da cama. — Está pálida, minha querida. Algum problema?

— Eu... acho que devemos conversar sobre o nosso casamento — Beatrice falou em voz baixa.

Era o que o conde desejava fazer desde o momento em que sua esposa descobrira os verdadeiros motivos por trás do apressado matrimônio. Tudo que desejava era a oportunidade de convencê-la de que jamais tivera a intenção de magoá-la. Sempre pretendera ser um marido bom e fiel.

Agora, no entanto, descobria-se verdadeiramente cansado.

E se ela houvesse decidido deixar Falcon Park?

Talvez estivesse disposta até a pedir o divórcio!

Poderia abrir mão dela?

Suportaria desistir da esposa, se dessa atitude dependesse a felicidade de Beatrice?

Sem perceber, ele ergueu os ombros como se precisasse preparar-se para uma batalha.

Sim.

Por mais que o gesto pudesse causar dor e sofrimento. Por mais que a decisão o condenasse a uma vida de solidão e angústia, não hesitaria em libertá-la, se esse fosse o verdadeiro desejo de sua mulher.

Como poderia deixar de dar a ela a oportunidade de buscar a felicidade que não havia sido capaz de proporcionar?

Ela merecia muito mais do que uma vida repleta de pesar e amargura.

Era tudo muito nobre.

Então, por que se sentia como se a vida estivesse sendo cruelmente arrancada de sua alma?

— Muito bem, minha querida — ele disse, empurrando as palavras para fora da

boca.

— Eu... — Beatrice parou. Era como se também relutasse em prosseguir com aquela discussão.

— Sim? O que tem a dizer?

Ela olhou para as mãos que retorcia sobre o colo.

— Não é fácil.

Gabriel rangeu os dentes.

— Não está pensando em deixar Falcon Park, está? Seus olhos buscaram os dele num gesto brusco.

— Não!

— Ah... bom. — Devagar, ele deixou sair o ar que mantivera retido nos pulmões sem sequer perceber. Beatrice não estava de partida. Ainda havia uma chance, afinal. — Por mais que deseje sua felicidade, ficaria perdido sem você a meu lado. Talvez não saiba, mas sua presença tornou-se uma parte essencial da minha vida.

— Essencial? Não seja exagerado — ela protestou com tom ofegante, como se estivesse muito agitada.

— Absolutamente essencial — ele insistiu, encarando-a com a intenção de demonstrar o quanto estava determinado. — Você é a única pessoa, além de mim, que ama Falcon Park e todas as pessoas que dependem do trabalho na propriedade. O sentimento que tem por esse lugar é tão intenso quanto o meu. Mais do que isso, você é minha esposa. Minha parceira no sentido mais completo da palavra.

— Não tenho sido uma boa esposa.

— Não tem motivos para orgulhar-se dessa posição.

Mais uma vez, ela baixou a cabeça e olhou para as próprias mãos.

— Quando descobri que precisava de capital, fiquei muito magoada.

Gabriel fechou os olhos para superar a onda de arrependimento.

— Eu sinto muito, minha querida — disse ao abri-los, o tom sério expressando sinceridade.

— Senti que havia sido traída pela única pessoa em quem já havia confiado.

— Sim, eu entendo.

— E suponho que tenha cedido ao desejo de puni-lo por ter me enganado.

Gabriel sorriu com tristeza. Então, o desgosto e a frieza haviam sido apenas uma forma de castigá-lo. Teria sido melhor encarar um pelotão de fuzilamento.

— Posso garantir que alcançou seu objetivo — ele confessou. Beatrice encolheu-se, um gesto que o surpreendeu.

— Mas não encontrei nenhuma felicidade nessa realização.

— Imagino que não.

— O vigário Humbly me preveniu sobre os males de alimentarmos antigos ressentimentos e rancores. Esse tipo de mágoa acaba por envenenar a alma.

Gabriel formulou uma rápida e silenciosa prece de agradecimento pela intervenção do generoso cavalheiro. Era evidente que o vigário estivera trabalhando para acabar de vez com as dúvidas e as resistências de Beatrice com relação ao casamento.

— Ele é um homem muito sábio.

— Sim, mas...

— O quê?

Devagar, a condessa levantou a cabeça, revelando olhos escuros por conta da incerteza.

— Não sei como fazer isso.

Lorde Faulconer resistiu ao impulso de tomá-la nos braços e demonstrar como podia ser fácil enterrar definitivamente um passado de erros e amarguras. Sabia que era capaz de fazê-la responder ao seu toque, mas queria mais do que isso. Queria o coração da mulher com quem se casara.

— Sabe de uma coisa, Beatrice? Quando ingressei no regimento, estava sempre me esforçando para participar diretamente das batalhas — começou a contar, empurrando para o fundo da mente o desgosto por recordar o jovem confuso e inseguro que era quando saíra de Falcon Park. — Era um tolo descuidado que cortejava a morte, como se assim pudesse refutar a tese de meu pai sobre eu ser um covarde fraco. Estava disposto a tudo para provar que ele se enganara a meu respeito, mesmo que para isso tivesse de morrer.

— Gabriel... — Havia em seu rosto uma palidez de morte, como se o horror de imaginá-lo em tais circunstâncias fosse maior do que podia suportar.

Ele encolheu os ombros.

— Foi meu coronel quem, numa conversa séria, informou-me que era preciso menos coragem para morrer do que para continuar vivendo e encarando os problemas do cotidiano. Ele tinha razão, sem dúvida. Precisei realmente de mais coragem para seguir vi vendo. Especialmente mais tarde, quando voltei para casa e descobri o desastre que meu pai havia provocado na propriedade. E depois, quando você se afastou de mim e eu me dei conta de como a havia magoado profundamente. Perdi as contas de quantas vezes desejei partir, desaparecer e deixar para trás tudo isso.

Ela o estudou em silêncio por um instante. Depois assentiu lentamente.

— Sim.

Gabriel considerou cuidadosamente suas palavras, pois não queria pressioná-la ou apressá-la. O simples fato de mostrar-se disposta a discutir sua dor e seu desapontamento já era um bom sinal. Não podia arriscar esse progresso pressionando-a demais.

— Utilizando esses argumentos para esclarecer sua posição, seria mais fácil seguir me odiando do que correr o risco de per doar-me e sofrer novamente. Estou enganado?

Uma intensa surpresa estampou-se em seu rosto.

— Eu nunca o odiei!

O conde ergueu uma sobrancelha.

— Não?

— É claro que não!

— Oh, mas eu penso que sim. Mesmo que tenha sido só um pouco.

— Francamente, Gabriel! — protestou ela.

Rindo, ele estendeu a mão para apoderar-se dos punhos cerrados e pequenos.

— Ouso esperar, no entanto, que tal desgosto tenha se desgastado com o passar do tempo.

— Nunca senti ódio ou desgosto por você, Gabriel — Beatrice insistiu, inclinando-se para frente num gesto revelador e inconsciente. — Apenas perdi a confiança em você.

Mesmo preparado para a honestidade da esposa, ele se descobriu respirando fundo para superar a dor aguda provocada pela declaração objetiva.

— Escute, não posso prometer que nunca mais vou desapontá-la. Ninguém pode fazer tal promessa — ele começou com voz rouca. — Mas juro por tudo que é mais sagrado que nunca mentirei para você. Jamais voltarei a enganá-la. Aprendi uma amarga lição.

Ela ficou em silêncio por muito tempo antes de levantar o queixo.

— E eu vou tentar ser uma esposa melhor.

— Não. — O conde afagou seus dedos. — Quero que você seja feliz. É só isso que espero de minha esposa.

— Vou tentar.

Era impossível não rir do tom obediente.

— Está falando como uma criança que deseja agradar um adulto

Uma cor encantadora tingiu suas faces.

— Só estou querendo dizer que isso vai levar algum tempo.

— Sou um homem muito paciente — Gabriel respondeu, descrevendo de maneira conveniente as progressivas explosões temperamentais de que fora vítima nos últimos quinze dias.

— Sim, eu notei que tem essa qualidade.

— Por outro lado, sinto-me forçado a admitir que minha paciência tem sido posta à prova com freqüência espantosa nos últimos dias. E neste momento em especial... Bem, ter minha esposa em minha cama é um prazer pelo qual tenho esperado há semanas.

Sentiu que os dedos entrelaçados nos dele tremiam por causa dessas últimas palavras.

— Oh...

— Incomoda-se quando eu falo do desejo que sinto por você?

A condessa baixou os olhos revelando uma fascinante mistura de inocência e doçura.

— Considero estranho discutir esses assuntos.

— Conheço meios mais agradáveis de revelar meus desejos — ele sugeriu em voz baixa, deixando a mão deslizar pelo braço de Beatrice numa carícia provocante. — Esta cama é larga o bastante para acomodar-nos com conforto. Garanto que estará mais bem instalada do que nessa cadeira.

Ela o encarou assustada ao ouvir a proposta direta.

— Mas... você está ferido!

— Foi só um arranhão. Juro que já não me incomodo mais com isso.

— O médico disse que não deve ser submetido a excitações.

Gabriel pensou que era tarde demais para esse tipo de aviso.

Se ter o coração disparado de antecipação e o sangue fervendo de desejo representava um risco de morte, era melhor começar a cavar sua sepultura para não dar trabalho a ninguém.

— Esse médico é um velho tolo e exagerado — disse, fitando-a diretamente nos olhos. — Beatrice, posso abraçá-la?

Ela se manteve em silêncio por tanto tempo, que o conde começou a preparar-se para sofrer mais uma rejeição. Já devia estar acostumado a ser tratado como se fosse portador da praga, disse a si mesmo com certa irritação. Beatrice havia deixado dolorosamente claro que ainda não confiava nele. Havia sido uma decisão errada a de pressioná-la.

Mas, ao vê-la mover a cabeça em sentido afirmativo, ele teve a impressão de que todo o ar escapava repentinamente de seus pulmões.

— Muito bem.

Com movimentos deliciosamente desajeitados, ela se levantou da cadeira e subiu na cama. Gabriel nem se atrevia a mover-se enquanto, ajeitando as saias e os saiotes, ela se acomodava a seu lado. Não queria fazer nada que pudesse assustá-la e afugentá-la dali. Mas quando sua esposa quase os deixou inconscientes ao bater com a cabeça em seu queixo, o conde

decidiu que era hora de assumir o comando da inusitada situação.

Com uma risada baixa e rouca, empurrou-a mais para baixo e virou de lado de forma a poder encará-la sem grande esforço físico.

— Relaxe, Beatrice — aconselhou-a, a mão traçando um caminho hesitante por seu rosto sedoso e único. — Prometo que não vou fazer nada que não seja do seu agrado. — Com enorme paciência, esperou que a tensão se esvaísse de seu corpo, enquanto os dedos continuavam acariciando sua face. — Sua pele me fascina. É tão macia, tão perfeitamente lisa! — Devagar, foi remo vendo os grampos que prendiam os cabelos num coque austero, espalhando assim os cachos brilhantes sobre o travesseiro. — e os cabelos? Têm a cor do mel...

Seus lábios se entreabriram.

— Gosta deles?

Um arrepio percorreu o corpo de Gabriel. Se gostava? Pelos anjos!

Se gostasse um pouco mais, não poderia suportar a singular agonia.

— Tudo em você me agrada. Esses olhos magníficos, a curva dos lábios, os deliciosos...

— Gabriel! — a condessa protestou com uma risadinha chocada ao notar que ele olhava para seu decote.

— Sim, minha querida?

Os olhos cor de âmbar ganharam um tom mais escuro.

— Beije-me.

O coração dele disparou. Devagar ele inclinou a cabeça.

— Tudo que minha lady desejar — prometeu num sussurro.

Gabriel mantinha-se apoiado sobre um cotovelo e estudava sua esposa adormecida.

Esposa.

Ele sorriu.

Agora ela era realmente sua esposa. Em todos os sentidos da palavra.

Como havia sido adorável na noite anterior!

Tão doce e generosa como sempre sentira que seria. E apesar das respostas serem tímidas e inocentes, ela lhe havia proporcionado um prazer que até então não havia experimentado com outras mulheres.

Com gentileza, afastou um cacho que caía sobre seu rosto corado. Sim, certamente sentira prazer com Beatrice, ele reconheceu tomado por uma onda de ternura. Mas o que haviam compartilhado fora muito mais forte e importante do que mero alívio físico.

Cada toque, cada beijo, cada carícia... Tudo servira para aprofundar o inexplicável laço que se formara entre eles.

Aquela era sua mulher, ele percebeu na parte mais secreta do coração. Sua companheira, uma mulher que o completava de um jeito que o enchia de espanto e admiração.

Pensar nisso despertou nele o desejo de subir no telhado e gritar sua alegria para o mundo inteiro ouvir. Duvidava de que alguém houvesse sido mais feliz ou conhecido maior contentamento do que aquele que ele sentia.

Sentindo seu olhar intenso, talvez, Beatrice começou a se mover devagar. Depois de alguns segundos, abriu os olhos e se deparou com o rosto do marido.

Por um momento, Gabriel ficou tenso, apavorado com a idéia de ela se arrepender da

noite de paixão. Não suportaria pensar que ela se envergonhava de uma experiência tão gloriosa. Mas, enquanto ainda prendia o fôlego tomado pelo medo, um sorriso hesitante distendeu seus lábios.

— Bom dia — ela o cumprimentou com voz rouca.

O ar escapou de seu peito numa expressão de profundo alívio. O rosto da condessa estava corado, e havia uma nova luminosidade em seu olhar, como se ainda habitasse neles o resquício do prazer descoberto na noite anterior.

— Bom dia, minha querida. — Os dedos continuaram acariciando seu rosto. — Como se sente?

— Muito bem, obrigada.

Ele sorriu ao notar que o rubor tornava-se ainda mais intenso.

— Sinto-me glorioso esta manhã. É maravilhoso dormir com minha esposa nos braços, ao meu lado na cama.

— Sim, é... diferente compartilhar uma cama, não é?

— Certamente que sim. — Deliberadamente, Gabriel moveu-se até ter o corpo pressionado contra o dela de maneira íntima e sensual. Seu coração disparou ao senti-la estremecer em antecipação. — O calor de outro corpo compensa todos os roncos e os chutes. Nem me importei quando você roubou as cobertas.

Ultrajada, ela o encarou.

— Roncos? Eu não ronco, e certamente não dou chutes! E foi você, senhor, quem roubou as cobertas.

Satisfeito por ter conseguido afastar de vez os últimos resquícios de constrangimento com sua piada, Gabriel deslizou um dedo pela lateral do pescoço delicado. Acordou com a esposa nos braços era maravilhoso, o melhor presente que a vida poderia dar a um homem. Um presente do qual pretendia tirar pleno proveito.

— Ah, essa é uma mentira desprezível — respondeu. — Um cavalheiro nunca rouba as cobertas.

Beatrice torceu o nariz.

— Muito bem, uma dama jamais ronca.

— Talvez eu tenha me enganado — Gabriel admitiu, incrivelmente distraído enquanto os dedos exploravam a pele de cetim.

— Sim, você se enganou...

— Humm... — Com grande fascínio, vou os olhos cor de âmbar se dilatarem inundados pela paixão. — Não creio que possa convencê-la a ficar aqui por mais algum tempo?

— Quanto tempo?

As carícias tornaram-se mais afoitas quando o corpo se agitou em crescente necessidade.

— Vejamos... Um mês?

Beatrice gargalhou.

— Gabriel!

— Uma semana, então?

Ela balançou a cabeça, sentindo o corpo doer sob o toque atrevido do marido.

— Certamente não.

O conde abaixou a cabeça para depositar um beijo em sua testa.

— Você é uma mulher cruel.

— De maneira nenhuma. Sou apenas uma mulher ocupada — ela murmurou, deixando

escapar um gemido chocado quando, enlaçando-a pela cintura, ele a puxou de encontro ao corpo musculoso. — Pense em todos os operários esperando por minhas ordens, nos mercadores que procuram por meu patrocínio e nos colonos e criados e... oh...

Habilidoso, ele beijava lentamente o canto de sua boca.

— Não está tentando me dizer que escolher tecidos e analisar invenções são atividades mais atraentes do que ficar aqui comigo, está?

As mãos dela se ergueram como se possuíssem vida própria, explorando o peito musculoso. Gabriel estremeceu numa resposta deliciosa.

— Bem, não há nada mais excitante do que uma máquina bem construída...

— Ah, então está interessada em excitação, mulher? Pois bem, eu posso lhe dar toda a excitação que quiser experimentar.

Ela arregalou os olhos ao vê-lo rolar o corpo para deitar-se sobre o seu.

— Gabriel!

O conde riu, sentindo que era consumido por um fogo devastador. Céus, não podia ser natural um homem desejar a própria esposa com tanta força! Se fosse, nenhum marido na terra teria amantes.

— Gosto de compartilhar uma cama — murmurou, deslizando os dedos pelos cabelos cor de mel.

Ela o brindou com um sorriso de contentamento.

— Mesmo que eu ronque?

— Seu ronco é delicioso, minha querida — o lorde garantiu, movendo os lábios de forma a idolatrar os traços pálidos daquela com quem se casara. — Tão delicioso quanto o queixo, a testa, o nariz...

— Gabriel... — sua voz soou rouca.

— Sim, minha querida?

— Beije-me.

Seu sangue parecia ferver nas veias.

— Tudo que você quiser.

Com cuidado e sem nenhuma pressa, o conde cobriu os lábios de Beatrice com os dele, sorvendo toda sua doçura. Os beijos foram se tornando mais exigentes, resultado das mãos que o tocavam e afagavam como plumas delicadas. Naquele momento ele estava certo de que um mês na cama com sua esposa não seria suficiente.

Concentrado em despertar o desejo de Beatrice, Gabriel nem ouviu as batidas na porta. Só quando a indesejável voz de seu valete invadiu a atmosfera sensual através da espessa folha de madeira da porta, ele percebe que o mundo real se preparava para interferir em seu sonho.

— Com licença, meu lorde.

Rangendo os dentes para conter a irritação, ele ergueu a voz.

— Vá embora, Saunders.

— Mas, senhor, os operários insistem em falar com lady Faulconer — o criado explicou do outro lado.

Por um momento o conde pensou em demitir todos eles, um a um. Como poderia ter a esposa só para si enquanto uma centena de criados, artistas, arquitetos e operários estavam sempre exigindo sua atenção?

Aos poucos, a sanidade venceu o instinto. Era irreal desejar a mais completa solidão, por mais tentadora que fosse a idéia. Mesmo que todos os trabalhadores desaparecessem, ainda haveria tia Sarah e o vigário Humbly vagando pela casa.

— Lady Faulconer irá atender aos operários esta tarde — concedeu de mau humor.

— Receio, senhor, que eles estejam muito determinados — Saunders persistiu com tom de lamento. — Parece que eles descobriram uma porta oculta.

Gabriel conteve o desejo de responder com um palavrão. Pelos anjos! Por que se importaria com portas ocultas? Tudo que queria era um pouco de privacidade para fazer amor com a esposa.

— E daí? Eles acreditam que essa porta vai desaparecer a qualquer momento, Saunders?

— Não posso falar por eles, meu lorde.

Beatrice se moveu, e ele se virou para descobrir um brilho súbito em seus olhos.

—Temos de ir verificar o que os operários descobriram— ela sugeriu com suavidade espantosa.

Gabriel fechou os olhos, sentindo o corpo todo protestar contra a frustração.

— Eu já sabia que diria tal coisa. Por que será?

— Qual é o problema? — ela indagou acariciando seu peito. — Não está curioso?

— Sim, estou muito curioso — o conde afirmou, olhando para ela de maneira a revelar que os operários e portas ocultas não eram objetos dessa curiosidade. — Infelizmente, tudo indica que terei de ser paciente mais uma vez.

— Você não tem vergonha — ela o censurou, apesar de não poder esconder um sorriso satisfeito.

— Eu tento. — Gabriel olhou para a porta e ergueu a voz. — Diga aos operários que estaremos lá embaixo dentro de uma hora, Saunders.

— Sim, meu lorde. Obrigado.

Teria a vida inteira para estar com aquela mulher, ele pensou, tentando consolar seu corpo ardente. Noites intermináveis para revelar as profundezas de sua paixão, e dias infinitos para compartilhar o prazer de sua companhia. Se ela queria ir ver a maldita porta, então era exatamente isso que iam fazer.

— Bem, vamos nos arrumar para irmos ver essa tão curiosa porta — ele sugeriu com tom resignado.

Beatrice encarou-o com um sorriso encorajador.

— Talvez encontremos um tesouro escondido.

Gabriel parou por um instante. Depois riu e beijou-a nos lábios.

— Já encontrei meu tesouro — Gabriel disse, beijando-a mais uma vez.

Capítulo XIII

Tomada pela sensação de estar vivendo um sonho, Beatrice tomou banho e vestiu-se com um vestido amarelo-claro. As criadas comentavam sobre a beleza do dia ou sobre a excitação dos operários esperando por sua chegada, como costumava ocorrer todos os dias, mas ela nem as escutava.

Atordoada, deixava-se vestir e pentear tomada por um intenso contentamento.

Santos e anjos... Nunca havia imaginado experimentar aquele sentimento de satisfação

plena.

Não era apenas o prazer que Gabriel lhe havia proporcionado. Embora isso houvesse sido maravilhoso, realmente. Mais importante era a intimidade que se criara entre eles. De repente, todas as barreiras erigidas entre os dois haviam desmoronado. Eram apenas duas almas vulneráveis buscando alguém que as completasse, e agora haviam encontrado o que buscavam e muito mais.

Nunca se sentira tão próxima de outra pessoa, ela pensou com um sorriso involuntário. Houve ocasiões durante a noite quando fora impossível determinar onde terminava seu corpo e começava o de Gabriel. Tivera a sensação de que formavam um único ser. Duas metades compondo um todo.

Todas as mulheres sentiam essa mesma conexão com seus amantes? Sempre experimentavam esse sentimento de fascínio e completa satisfação?

A urgência de rir era enorme, mas ela a conteve.

Esse não era um assunto que pudesse discutir com outras pessoas. Bem, com Addy ou Victoria, talvez. Seria interessante descobrir o que as amigas pensavam sobre o casamento e o leito conjugal.

Um toque de cor tingiu suas faces.

Ainda não...

Suas emoções íntimas eram muito recentes, vulneráveis demais para serem discutidas com alguém.

Alguém além de Gabriel, ela corrigiu rapidamente. De repente compreendia que podia discutir qualquer coisa com o marido. Ele era a única pessoa que realmente a entendia. O único que jamais fazia com que se sentisse tola ou desajeitada. Pelo contrário, ele era paciente, bondoso e terno.

Ao se dar conta de que olhava para o espaço vazio, enquanto a criada a encarava com uma sobrancelha erguida, Beatrice sacudiu-se mentalmente.

Bom Deus, se continuasse agindo dessa maneira, logo os empregados começariam a dizer que era surda! Ou, pior, perceberiam que ainda estava em choque depois de ter passado a noite nos braços do marido.

O pensamento a fez levantar-se repentinamente. A última coisa que desejava era descobrir que suas noites eram motivo de comentários por parte da criadagem.

Esperando que suas faces não estivessem tão vermelhas quanto estavam quentes, Beatrice deixou o quarto e caminhou tranqüilamente pelo corredor para os aposentos do marido. Sem se importar em bater, ela entrou e o encontrou em pé diante do espelho, ajeitando a gravata.

Ao ser informada de que o valete já havia sido dispensado, ela entrou e colocou-se ao lado do conde. Os olhos encontraram os dele através do espelho, e Beatrice levantou uma sobrancelha.

— Por Deus, Gabriel, quanto tempo pode ser necessário para amarrar uma simples gravata?

Era bom descobri-la relaxada em sua companhia, mas o conde manteve o rosto sério.

— É bom que saiba, minha cara condessa impaciente, que um cavalheiro pode dedicar várias horas à elaboração do nó perfeito.

— Futilidades... — Ela torceu o nariz. Felizmente, Gabriel nunca havia sido um desses ridículos almofadinhas que desperdiçam dias inteiros cuidando de seus trajes. Não tinha nenhuma paciência para engomadinhos. — Só vamos descer ao salão de nossa casa. Não fomos convidados para um jantar com o príncipe. Acha que os operários vão se importar com o nó da sua gravata?

— Não estou interessado na opinião dos operários. Estou tentando impressionar minha esposa.

— Ah...

— Acha que ela vai aprovar?

Beatrice sorriu, deliciando-se com o jeito como ele a olhava. Nunca dera valor à própria beleza. Na verdade, julgara-a inexistente. Mas, ao longo da noite, o marido a fizera entender que era desejável.

— Creio que ela o aprovará de qualquer maneira, independente do nó da gravata.

— Ah, mas hoje espero encantá-la. Fasciná-la!

— De fato? E por que isso?

— Porque ele me fez muito, muito feliz.

— E como ela realizou tal façanha?

— Oferecendo-me um presente que não tem preço.

— Que presente?

— Sua confiança.

Beatrice sentiu o coração parar antes de voltar a bater com um sobressalto.

Por quê?

Por que havia esperado tanto tempo para abandonar a proteção do rancor?

Por que os castigara, se isso só servira para torná-los miseráveis?

— Sim — confirmou, virando-se para tocar o rosto de Gabriel.

Ele a abraçou.

— Quero que ela saiba que nada é mais importante para mim do que esse presente.

— Oh, sim? E como pretende demonstrar esse sentimento, meu lorde?

— Minha querida, tenho algumas idéias realmente deliciosas.

Beatrice riu, adivinhando a direção de seus pensamentos.

Na verdade, os dela não eram muito diferentes.

— E que idéia seria essa?

— Eu esqueço minha gravata, e você esquece a misteriosa porta escondida. Vamos nos concentrar em maneiras mais divertidas de passar o dia.

Era impossível negar a tentação. Não duvidava de que passar o dia todo sozinha com Gabriel seria muito mais agradável do que lidar com os operários. Infelizmente, a certeza de que todo o trabalho ficaria parado enquanto ela não fosse inspecionar a nova descoberta a impediria de relaxar.

Além do mais, estava mesmo curiosa quanto à porta.

— Os operários não podem continuar trabalhando sem minha aprovação — ela explicou relutante.

— Nesse caso, por que não deixamos os pobres-coitados descansarem? Eles precisam de férias.

— Pense bem, meu lorde. Quanto antes esses homens terminarem seu trabalho, mais cedo partirão de Falcon Park em caráter definitivo.

Ele a apertou entre os braços antes de soltá-la e recuar. Beatrice sentiu vontade de atirar-se em seus braços e esquecer de que os operários a estavam esperando.

Mais tarde, prometeu a si mesma.

Teriam muito tempo para estarem juntos.

Mal podia esperar...

— Muito bem, você me convenceu — ele anunciou com um sorriso pálido. — Na verdade, estou pensando em reformar a gruta com grande urgência. Preciso dispor de um lugar onde possa gozar de privacidade com minha esposa. Mas, antes disso, vai ter de aprender a nadar.

Era estranho, mas a idéia já não despertava o pânico de antes. A experiência de atravessar sozinha um lago batido pela tempestade servira para curá-la do trauma, possivelmente. Não que tivesse alguma intenção de testar sua teoria. Estava mais do que satisfeita em permanecer em terra seca como qualquer pessoa sensata.

— Temo que essa seja uma tarefa impossível — disse.

Gabriel passou um braço sobre seus ombros para levá-la para fora do quarto. Enquanto caminhavam, ele dizia:

— Descobri que nenhuma tarefa é impossível.

— Sim, mas...

— Não vamos discutir isso agora, minha querida — o conde sugeriu quando começaram a descer a escada. — Estive pensando...

— Ah, agora sim, está falando sobre uma tarefa impossível!

— Beatrice, seu senso de humor é admirável. No entanto, gostaria de poder concluir uma frase sem ser interrompido por suas piadas.

Ela riu.

— Certamente, meu lorde. Esteve pensando em quê?

— Vamos ter de fazer algumas mudanças em nossos aposentos. Uma reforma...

— Mas eu acabei de supervisionar a reforma dos dois quartos!

— Sim, e com grande sucesso, devo dizer. Mas não quero que fique longe de mim. Quero tê-la em minha cama todas as noites e ao alcance da mão mesmo quando estiver se vestindo.

Todas as noites.

Uma intensa alegria a invadiu.

— É muito exigente, senhor meu marido.

— Realmente. E tenho uma excelente idéia sobre como aproveitar seus atuais aposentos.

— Que idéia é essa?

— Vamos transformá-lo em quarto infantil.

Beatrice quase caiu da escada.

— Oh...

Como se nem notasse o choque provocado por sua declaração, Gabriel sorriu para a condessa.

— Aprendi a conhecê-la muito bem, minha pequena briguenta, e não creio que se disponha a permitir que seu filho seja instalado longe de você. Não seria mais razoável mantermos o bebê e a babá no mesmo corredor onde dormimos, perto de nós?

Aos poucos ela foi superando o choque, e um calor agradável penetrou em seu coração.

Não havia pensado na possibilidade de estar esperando um filho de Gabriel. Na verdade, jamais ousara imaginar que um dia seria mãe. A frustração representaria um imenso sofrimento. Mas agora... Agora a esperança desabrochava em seu peito.

Como seria extraordinário sentir um bebê crescendo em seu ventre. Sentir seus

movimentos e seu desenvolvimento enquanto ele se preparava para fazer sua entrada no mundo.

Podia estar realizando esse milagre agora mesmo!

Um sorriso distendeu seus lábios.

— Também podemos preparar uma cama em nossos aposentos. Há muito espaço e...

— Não, não. Absolutamente não — ele decretou com firmeza. Sabia que o conde seria tão dedicado aos filhos quanto ela, e por isso não protestou contra sua decisão.

— Veremos — disse.

— Confiante, não? — Rindo, ele a beijou na testa quando chegaram ao fim da escada. — Ouço vozes... Venha, deve ser por aqui.

Ainda segurando seu braço, Gabriel seguiu para a biblioteca, onde vários homens estavam reunidos em um círculo, todos falando ao mesmo tempo e manifestando em voz alta suas opiniões sobre o que poderia haver por trás da porta escondida. Um silêncio súbito caiu sobre a sala quando o casal entrou, e o apreensivo arquiteto adiantou-se.

— Minha lady, graças a Deus está aqui.

— O que aconteceu?

— Começamos a remover o revestimento há pouco, e foi então que descobrimos a passagem. Está selada, e não queríamos fazer nada sem sua aprovação.

— Agiram corretamente. Obrigada por terem esperado por mim.

O homem executou uma mesura elegante e grata.

— É um prazer servi-la, minha lady.

Curiosa, Beatrice aproximou-se da porta que, sem o revestimento, tornara-se claramente visível. Instalada na parede de pedra, era pequena, porém larga o bastante para permitir a passagem de um homem adulto. Ela deslizou as mãos pela madeira muito antiga, imaginando quem teria instalado aquela porta na biblioteca e por quê.

Gabriel juntou-se a ela.

— Sabe alguma coisa sobre esta porta, meu marido?

Ele balançou a cabeça, embora houvesse uma expressão divertida em seu rosto.

— Não precisamente, mas minha mãe sempre falava sobre uma passagem secreta que ela presumia levar ao refúgio de um sacerdote.

— E ela nunca revelou onde ficava essa passagem?

— Não. — O conde riu. — Acho que ela gostava de me ver procurando pela passagem secreta quando era criança. Era um dos nossos jogos. Nós nos ocupávamos com inúmeras brincadeiras quando meu pai e meu irmão saíam para caçar ou iam perder nosso dinheiro nas mesas de jogo. Mas... — ele hesitou. — É estranho.

— O que é estranho?

— Quando estava em seu leito de morte, minha mãe mandou um criado me chamar — ele contou, revendo lembranças há muito enterradas no fundo da mente. — Ela me incentivou a continuar procurando pelo refúgio do padre, como se referia à passagem secreta.

Uma onda de entusiasmo a invadiu. Lady Faulconer não teria se preocupado com algo sem importância. Não em seu leito de morte.

— Por que ela não disse onde poderia encontrá-lo?

O conde encolheu os ombros.

— Sempre imaginei que ela queria apenas me convencer a prosseguir com o jogo, embora já não estivesse mais a meu lado. Mas talvez...

— O quê?

— Talvez ela não tenha desejado revelar o segredo diante dos criados.

— Sim, pode ser... — Os olhos de Beatrice brilhavam. — Porque ela pode ter escondido lá algo de grande valor.

Gabriel balançou a cabeça ao identificar a esperança em sua voz.

— Uma idéia encantadora, mas pouco provável. Naquele tempo meu pai já havia destruído a própria herança e começava a dilapidar com incrível voracidade o pequeno tesouro composto pelas jóias de minha mãe e pelas obras de arte contidas na casa.

Sem se deixar desencorajar, Beatrice encarou-o desafiadora.

— Só há um meio de descobrirmos a verdade.

— Tem razão. Devemos orientar os operários para que a porta seja arrombada?

— Oh, não, não queremos que ela seja destruída. — O protesto soou horrorizado. — Vamos encontrar um jeito de abri-la.

— Está se divertindo com tudo isso, minha querida, ou estou enganado?

— Bem, confesso que é tudo muito excitante — ela admitiu. — Como um conto extraído de uma daquelas novelas góticas.

— Se isso fosse uma novela gótica, você certamente encontraria um esqueleto atrás da porta e eu seria acusado de assassinato.

— É verdade — ela concordou brincalhona, ignorando os operários que acompanhavam a conversa com crescente impaciência.

— Talvez nem seja lorde Faulconer. Pode ser um impostor que matou o verdadeiro conde e escondeu o corpo no refúgio do padre.

Ele riu.

— Infelizmente, sou muito parecido com meu pai para negar a relação de sangue.

— Oh... — Beatrice fingiu estar desapontada. — Que pena.

— Lamento. Receio que estejamos a um passo de descobrirmos teias de aranha e muita poeira.

— Bem, não vamos descobrir nada parados aqui. Podemos começar nossa busca?

— Como quiser, minha lady.

Os dois seguiram em direções distintas e, atentos, foram examinando as paredes, as prateleiras e até a mobília procurando por algum sinal de uma manivela secreta. Era excitante e, ao mesmo tempo, muito frustrante. Beatrice nem sabia exatamente o que estava procurando, e ainda havia a possibilidade de não notar a chave que abria a porta. Podia passar por ela dúzias de vezes sem identificá-la, talvez até sem vê-la.

Algum tempo depois, ela afastou com impaciência uma urna muito alta que ficava ao lado da lareira. O movimento levantou uma ponta do tapete, empurrando-o de forma a revelar uma pequena pedra redonda colocada bem no centro de uma laje.

— Aqui — ela anunciou ofegante.

Num piscar de olhos, Gabriel estava a seu lado.

— O que foi?

Ela apontou para a pedra.

— Acho que encontrei uma alavanca.

— Como você a descobriu, é justo que tenha a honra de testá-la — o conde decidiu sorrindo.

Cautelosa, Beatrice estendeu a mão para pressionar a pedra.

Ela deslizou com facilidade para baixo, o que fez seu coração disparar. Um gemido fraco

soou atrás dela, uma espécie de rugido. Quando virou a cabeça, Beatrice viu a porta se abrindo.

— Funcionou! — gritou entusiasmada.

— Sim. — Ajudando a esposa a levantar-se, Gabriel pediu para o operário que estava mais próximo deles. — Uma vela, por favor.

— Sim, senhor.

Com movimentos rápidos, o jovem foi cumprir a tarefa que seu mestre lhe havia designado. Depois de acender uma vela que encontrou bem perto dali, ele a entregou ao conde

— Obrigado. — Segurando o braço da esposa, Gabriel aproximou-se da porta, abaixando-se para passar pela estreita abertura. — Eu avisei que encontraríamos muitas teias de aranha — disse.

Indiferente aos fios pegajosos que iam se enrascando em seu vestido, Beatrice entrou na câmara e olhou em volta com grande interesse. O espaço era maior do que ela esperava, tão grande quanto seu quarto de vestir, mas, para grande decepção de todos, vazio. Depois de um instante, a chama da vela tremeu e ela notou um pesado cobertor escondendo alguma coisa em um canto distante.

Com esperança renovada, puxou a manga do casaco do marido

— Veja, há algo ali.

Ele sorriu com indulgência, embora olhasse para a poeira acumulada no chão com expressão de desgosto.

— Vai arruinar seu vestido.

— Não será a primeira vez que isso acontece — Beatrice retorquiu impaciente, caminhando para o canto que se tornara alvo de sua atenção e afastando o cobertor com um gesto dramático uma nuvem de poeira quase a cegou, e ela tossiu muito antes de conseguir emitir uma exclamação de espanto. — Oh!

— O que é? Encontrou alguma coisa? - Gabriel aproximou-se com passos apressados, mas parou no instante em que a luz da chama caiu sobre uma pilha de quadros, esculturas, prataria e estojos de Jóias. — Meu Deus!

Com mãos trêmulas, Beatrice abaixou-se e pegou um dos quadros com um cuidado que sugeria reverência.

— Eu disse que encontraríamos um tesouro!

— Sim, é verdade — concordou o conde com tom distante, estendendo a mão para uma das caixas entalhadas e erguendo a tampa de madeira muito antiga. Havia no estojo um magnífico colar de diamantes que formava conjunto com uma tiara e pesados braceletes. — As jóias de minha mãe...

Ainda examinando as diversas telas ali escondidas durante anos, Beatrice perguntou fascinada:

— Como elas vieram parar aqui? Teria sido seu pai?

A resposta foi uma gargalhada incrédula.

— É claro que não! Se meu pai soubesse da existência desse tesouro, há muito o teria transformado em dinheiro para custear seus prazeres.

— Então... Deve ter sido sua mãe.

— Sim, é o mais provável.

— Mas por quê?

Gabriel ainda olhava com espanto para os objetos que somavam um valor incomensurável.

— Suponho que ela tenha percebido que meu pai e meu irmão estavam determinados a

levar a propriedade à ruína, e assim decidiu fazer o que podia para preservar alguns objetos mais valiosos de sua herança.

— Notável, realmente.

Beatrice reconheceu, detectando sem nenhuma dificuldade o trabalho de um artista muito habilidoso.

— Estas telas são Rubens legítimos, e aqui há um Van Dyke. Isto vale uma fortuna!

— Sim, eu sei. — Gabriel balançou a cabeça lentamente, tomado pela incredulidade. — Durante todo esse tempo eu culpei meu pai por ter dilapidado os tesouros de Falcon Park, e agora descubro que eles sempre estiveram aqui.

Beatrice continuava abaixada, e de repente levou uma das mãos ao rosto para, distraída, remover uma teia de aranha que a incomodava.

— Seu pai deve ter ficado muito desconfiado quando esses objetos desapareceram.

Mesmo com a luz pálida de uma única vela, era possível detectar a repentina rigidez dos traços de seu marido.

— Sem dúvida ele presumiu que havia sido obra de meu irmão, ou até que, em um de seus torpores provocados pela bebida, ele mesmo havia vendido tudo. Certa vez ele se dirigiu ao magistrado para prestar queixa do roubo de seu coche e de tudo que havia dentro dele, e acabou descobrindo que havia perdido tudo no jogo ao longo da noite anterior.

Beatrice tocou a mão do conde em uma oferta silenciosa de conforto.

— Sua mãe foi muito astuta.

Ele segurou sua mão, os olhos iluminados por um brilho súbito.

— Ela me deixou a herança que eu julgava estar perdida para sempre. E admirável, realmente!

As palavras a deixaram paralisada. A terrível ironia da situação não podia ser ignorada.

— Sim...

Sentindo seu ar de reserva, ele a examinou com uma ruga intrigada entre as sobrancelhas.

— O que foi, Beatrice?

— Eu estava apenas pensando...

— Sim?

Foi difícil engolir o nó que ameaçava bloquear sua garganta.

— Se sua mãe houvesse revelado esse segredo antes de morrer, você nunca teria sido forçado a se casar comigo.

A verdade contida nessas palavras o atingiu como um golpe físico.

— Não, não teria. Teria em minhas mãos os meios para salvar Falcon Park.

Como esperava que ele diminuísse o valor de sua declaração com uma piada qualquer, Beatrice foi surpreendida pela resposta séria e sentiu uma intensa dor oprimindo seu coração.

— Sim — disse em voz baixa, desejando com grande desespero poder ler os pensamentos do homem com quem se casara.

Por um momento ele apenas observou em silêncio o tesouro que acabara de encontrar, depois, sem aviso prévio, levantou-se e limpou as mãos num lenço que tirou do bolso do casaco.

— Vai ter de me dar licença, minha querida.

Tomada por um pânico súbito e inexplicável, Beatrice levantou-se de um salto.

— O que vai fazer?

— Há algo que exige minha atenção imediata.

— Agora?

— Trata-se de uma resolução que não pode esperar nem mais um momento — ele anunciou com tom firme, inclinando-se para frente para depositar um beijo rápido em seu rosto. — Irei ao seu encontro mais tarde.

Agarrando a saia com dedos rígidos, Beatrice o viu partir invadida por um frio repentino.

Algo havia mudado em Gabriel.

Algo que, ela temia, poderia alterar para sempre o relacionamento entre eles.

Capítulo XIV

O dia parecia interminável. Apesar da determinação de não se preocupar mais com a súbita partida de Gabriel, Beatrice descobriu que não conseguia deixar de pensar nisso.

Sentada em seu escritório, ela sentia os pensamentos retornarem sempre aos fatos daquela manhã.

Não tivera dúvida de que Gabriel havia ficado chocado com a súbita descoberta. Talvez até um pouco abalado com a descoberta de que tão vasta fortuna quase havia se perdido para sempre. Mas que pensamentos haviam posto aquele brilho peculiar em seus olhos? E o que o afastara dela com tanta pressa?

Era ridículo perder tempo refletindo sobre questões para as quais não havia respostas, mas, com persistência traiçoeira, temores envolventes começaram a desabrochar em seu coração.

E se Gabriel estivesse devastado por perceber que se havia atado irremediavelmente a uma mulher da qual já não precisava Para nada?

E se de repente ele houvesse decidido que ela era um fardo sem o qual viveria muito melhor?

E se houvesse resolvido procurar um advogado para pôr um ponto final no casamento forçado?

Cada vez mais desesperada, ela tentou convencer-se de que estava sendo absurda.

Certamente Gabriel estava surpreso, talvez até chocado, por aquela súbita revelação. E talvez precisasse de tempo para aceitar que já não era mais o conde falido que julgava ser.

Tais descobertas não queriam dizer que seus sentimentos por ela haviam sido alterados de alguma maneira.

Com determinação sombria, ela recordou todos os detalhes da gloriosa noite de amor que havia vivido com o marido.

Gabriel não fingira os beijos apaixonados nem as carícias ardentes. Também não havia encenado o abraço terno que a mantivera aquecida e contente durante toda noite.

Era certo que o conde sentia algo por ela. Não podia ser diferente. Não podia perder a confiança nele agora.

Ansiosa para manter-se bem longe da ameaçadora onda de pânico, Beatrice foi procurar pela governanta. Talvez ela pudesse informá-la sobre o paradeiro de seu marido.

Depois de uma prolongada busca por toda casa, ela finalmente encontrou a sra. Greene no salão dos fundos, onde instruía uma criada sobre a maneira correta de limpar uma lareira.

Ao vê-la entrar, a governanta caminhou em sua direção.

— Boa tarde, minha lady.

— Ah, sra. Greene, por caso viu lorde Faulconer? — ela indagou no que esperava ser um tom casual.

A resposta da mulher não a surpreendeu.

— Não, minha lady.

— E o vigário Humbly? Sabe onde ele está?

— Lamento, mas não vejo o vigário desde a refeição matinal, senhora.

Beatrice franziu a testa. Era estranho... Onde poderiam estar todos?

— É muito estranho que eles tenham se ausentado sem deixar qualquer indicação sobre onde poderiam ser encontrados, caso surgisse alguma necessidade.

A sra. Greene não parecia preocupada com o súbito desaparecimento do conde e do vigário. Na verdade, ela chegou a erguer um ombro.

— Eles devem ter ido visitar um colono, talvez, ou apenas inspecionar os campos.

Explicações perfeitamente razoáveis, mas Beatrice não se sentia confortada por elas. Era simplesmente impossível esquecer a expressão de Gabriel quando ele a deixara.

Teria sido raiva?

Desgosto?

Prazer?

Impossível determinar. E era justamente essa incerteza que mais a perturbava.

— Talvez eles tenham informado tia Sarah sobre seu destino — disse.

— Creio que a sra. Quarry foi ao vilarejo — respondeu a governanta, de maneira inexpressiva.

— Sozinha? — Beatrice perguntou assustada. Tia Sarah nunca deixava a propriedade sem estar acompanhada por Gabriel ou por ela mesma.

— Sim, minha lady.

— Que extraordinário.

Pigarreando, a serviçal olhou de maneira expressiva para o relógio Luís XIV sobre o console da lareira.

— Com sua licença, minha lady. Devo me retirar para ir cuidar das roupas.

Percebendo que estava mantendo a criada afastada de seus deveres, Beatrice assentiu relutante.

— É claro. Pode ir, sra. Greene.

Com passos arrastados, ela voltou ao corredor e dirigiu-se à biblioteca para verificar o progresso do trabalho que encomendara ao seu secretário. Embora só houvesse solicitado a execução da tarefa há duas horas, o sr. Eaton já devia estar bem adiantado na catalogação dos objetos contidos no refúgio do padre. De qualquer maneira, tinha de encontrar meios de ocupar seus pensamentos, ou acabaria enlouquecendo.

Com um movimento de cabeça para os dois lacaios que haviam sido deixados cuidando da entrada secreta por medida de segurança, Beatrice abaixou-se e penetrou mais uma vez na câmara secreta.

Com sua costumeira eficiência, o sr. Eaton havia providenciado diversos candelabros para proporcionar uma adequada iluminação enquanto, instalado em uma cadeira que também levara até ali com uma escrivaninha, ia anotando todos os itens que compunham o tesouro.

Ao vê-la entrar, no entanto, ele se levantou apressado.

— Seja bem-vinda, minha lady.

— Como está se saindo, sr. Eaton? — Beatrice perguntou, notando que ele já havia

separado os objetos em várias pilhas. Sua mente metódica aprovava em silêncio a técnica de organização.

— Muito bem — ele revelou. Seu rosto normalmente pálido estava corado de excitação. — Aqui está a mais esplêndida coleção de telas que já tive o privilégio de ver, e estou absolutamente certo de que a prataria data dos tempos de Charles, o Primeiro. Ainda não examinei as jóias, mas não duvido de que sejam raríssimas e muito valiosas.

Beatrice olhou para as numerosas caixas cheias de diamantes, rubis e esmeraldas.

— Valiosas, sem dúvida. E pensar que tudo isso esteve escondido aqui por anos!

— É admirável. Lorde Faulconer é um cavalheiro de muita sorte. Existem poucas pessoas em toda a Inglaterra que podem vangloriar-se de possuir uma coleção tão esplêndida.

— Sorte? Fico me perguntando se ele também pensa assim — ela murmurou.

O sr. Eaton piscou confuso.

— Como disse?

— Não é importante — ela respondeu. — Continue com seu trabalho.

— Certamente, senhora.

Ainda atormentada pela inabalável inquietação, Beatrice deixou o refúgio do padre e voltou à biblioteca.

E agora?

Bem, podia ir visitar a sra. Litton. Ou talvez devesse simplesmente retornar aos seus aposentos e desfrutar de um breve período de repouso. Afinal, estivera acordada durante boa parte da noite.

Uma onda de calor a percorreu quando ela recordou o que a mantivera acordada.

Não. Não estava com disposição para descansar. Precisava de alguma coisa que pudesse distraí-la e afastar seus pensamentos de Gabriel.

Em resposta ao pedido silencioso, um lacaio uniformizado apareceu repentinamente executando uma mesura respeitosa diante dela.

— Com licença, minha lady.

— Sim?

— Trago uma mensagem do vigário Humbly.

Ela piscou ao ouvir as palavras inesperadas.

— Uma mensagem?

— Sim. Ele solicita que vá encontrá-lo na igreja.

Beatrice não podia imaginar o que o vigário estaria fazendo na igreja. Também não tinha idéia do motivo que o levara a enviar uma mensagem solicitando que fosse encontrá-lo lá. Não fazia sentido.

— Ele disse o que desejava de mim?

— Não, minha lady. Apenas pediu para ir encontrá-lo o mais depressa possível.

— Muito bem.

Deixando o lacaio, Beatrice foi buscar a bolsa e o chapéu antes de sair da casa. Embora não pudesse compreender o estranho comportamento do sr. Humbly, era melhor caminhar até a igreja a ficar andando de um lado para o outro em seu quarto.

Beatrice respirou fundo ao passar pela porta e, com passos firmes, atravessou o pátio e seguiu pelo caminho que a levaria à igreja próxima e ao vicariato local.

O dia era agradável, e havia apenas um leve toque de umidade na brisa fresca. Era delicioso sentir o sol pálido aquecendo seu corpo e sentir o aroma inconfundível das flores do

campo desabrochando. A tensão foi desaparecendo aos poucos enquanto, atenta ao ritmo da respiração, ela se forçava a apreciar a beleza do cenário. Com Gabriel confinado ao leito, há muito tempo não desfrutava de uma simples caminhada.

Reduzindo o ritmo dos passos, ela levou algum tempo para alcançar o terreno que cercava a igreja. Finalmente, no entanto, passou pelo arco formado pelos galhos de muitas árvores que cercavam o pátio e parou assustada quando Gabriel surgiu diante dela.

— Gabriel... — Ela o encarou com ar assustado, sem saber o que deduzir de sua presença ali. O fato de não poder interpretar a expressão em seu rosto não a ajudava em nada. — O que está fazendo aqui?

— Estava esperando por você, minha querida.

— Por mim? Pensei que o vigário Humbly quisesse me ver. Ele enviou uma mensagem...

— Ele mandou a nota por mim.

Beatrice procurou desesperada por respostas ou explicações que pudessem existir no rosto do marido, indícios de seus pensamentos mais secretos, e sentiu-se mais uma vez vulnerável como se estivesse novamente naquele lago castigado pela tempestade, à mercê de forças desconhecidas.

— Por quê? — perguntou ansiosa.

— Porque preparei uma surpresa para você.

— Uma... surpresa?

— Sim. — Ele sorriu enquanto fitava seus olhos assustados. — E dessa vez pretendo fazer as coisas da maneira correta.

Antes que Beatrice pudesse questionar as palavras misteriosas, ele caiu de joelhos e segurou suas mãos.

— Gabriel! O que está fazendo?

Mais uma vez, o conde ofereceu aquele sorriso sedutor que ela aprendera a amar.

— Estou me preparando para pedi-la em casamento.

— Um pedido? — Beatrice balançou a cabeça entre a confusão e o espanto. — Mas nós já somos casados!

— Por favor, minha querida! Um cavalheiro não pode formular sua proposta em grande estilo enquanto sua dama insiste em ser tão prosaicamente prática — ele reclamou.

— Não estou entendendo. — E mesmo sem entender, podia sentir que seu coração batia mais depressa, invadido que estava pela esperança.

Aos poucos o conde foi assumindo uma expressão mais séria, quase solene.

— Minha querida, nós dois sabemos que não fui inteiramente verdadeiro quando fiz meu primeiro pedido de casamento.

Ela desviou o olhar, preferindo não pensar no passado.

— Gabriel, isso tudo não é necessário.

— Para mim é — ele insistiu. — Agora, venho até você como um cavalheiro que dispõe de meios para sustentá-la e ainda oferecer todos os luxos que puder desejar. Tenho uma propriedade que precisa desesperadamente de renovações e reparos, mas, com uma esplêndida coleção de objetos de arte e com a promessa de uma boa colheita, também posso oferecer a você um dote digno de uma rainha. Diamantes, rubis, esmeraldas e safiras que realçarão sua beleza. E isto... — Com um gesto elegante, ele retirou do bolso um belíssimo anel. Beatrice assistiu maravilhada enquanto ele ia colocando o enorme diamante em seu dedo. Depois, romântico como ainda não havia sido, o conde levou a mão da esposa aos lábios para beijar o símbolo do

compromisso que assumia mais uma vez.

Ela estremeceu, temendo estar sonhando.

Como algo tão maravilhoso poderia acontecer com Beatrice Chaswell?

Sim, se estivesse sonhando, só esperava que ninguém ousasse acordá-la.

— É lindo — murmurou.

— Pertenceu a minha avó.

— Não sei o que dizer.

Ele se levantou devagar, adotando a postura altiva de um príncipe. O sol incidia sobre seus cabelos claros, dando um toque de bronze aos traços firmes de seu rosto.

— Estou formulando um pedido de casamento, Beatrice. E agora, não peço que esteja em Falcon Park pelos colonos ou pela propriedade, mas por mim. Só por mim.

— Oh, Gabriel!

Ele pressionou as mãos dela contra seu peito, sobre o coração.

— Também tenho uma confissão a fazer.

— Uma confissão? Do que está falando?

— A necessidade que tinha de sua herança não foi a única coisa que escondi de você.

— O que está dizendo?

— Bem, eu... quis que fosse minha esposa porque a amava.

O coração de Beatrice parou de bater por um instante. Como podia acreditar nessas palavras?

— O quê?

— Oh, não que tenha reconhecido a emoção desde o início — ele admitiu. — Sabia apenas que, quando estava em sua companhia, eu me sentia confortável e muito satisfeito. Nenhuma outra donzela jamais havia despertado em mim outro desejo se não o de fugir.

— Somos muito parecidos — ela arriscou explicar com voz rouca.

— Não, era mais do que isso. De alguma forma, sabia que estávamos destinados a um futuro de união e convivência. Havia entre nós um laço que eu não podia explicar.

Os olhos dela se encheram de lágrimas de alegria.

Sim. O laço se formara no exato instante em que se encontraram pela primeira vez. Uma conexão que transcendia a lógica. Como se o próprio destino houvesse determinado que ficariam juntos.

— Também senti o mesmo — ela confessou. Aquele sorriso luminoso retornou ao rosto de Gabriel.

— E, é claro, não podemos esquecer o desejo desesperado que sempre senti por você.

Beatrice temia explodir de felicidade.

— Você me ama de verdade?

— Amo-a desde o dia em que nos conhecemos — ele garantiu sem nenhuma hesitação. — Mas, no início, neguei o que meu coração sussurrava, e depois, quando você descobriu a verdade sobre o nosso casamento, disse a mim mesmo que não era digno desse sentimento tão nobre.

Beatrice tocou o rosto do homem que amava com loucura.

— Tentei convencer-me da mesma coisa. Mas, por mais que tenha tentado alimentar a raiva e o rancor, meu coração estava partido.

— Já chega — ele decretou com firmeza. — O passado está enterrado. Hoje diremos nossos votos mais uma vez e começaremos nosso casamento como ele deve ser.

Ela arregalou os olhos tomada por uma agradável surpresa.

— Quer se casar outra vez?

— O vigário Humbly espera por nós na igreja para celebrar a cerimônia.

Beatrice riu.

— Fiquei me perguntando onde ele poderia estar e por que também havia desaparecido.

— Ele estava me ajudando a preparar a surpresa. Agora me diga, Beatrice: Quer se casar comigo?

Ela não hesitou em atirar-se em seus braços.

— Oh, sim! Sim, é o que mais quero!

Depois de girá-la no ar, Gabriel finalmente colocou-a no chão e, juntos, eles correram para a igreja.

Beatrice tinha certeza de que não existia no mundo felicidade maior do que aquela que estava sentindo.

Tinha o homem que amava a seu lado e todo o futuro pela frente, um futuro que prometia ser repleto de amor e alegrias.

Quando entrou na igreja conduzida pela mão do marido, ela sentiu que se apaixonava mais uma vez, agora para sempre.

Seu olhar incrédulo recaiu sobre as centenas de margaridas que haviam sido arranjadas ao longo do corredor central, e os bancos eram ocupados pelos sorridentes colonos que, entusiasmados, aplaudiram a entrada de seu amado conde. No altar, um encantado vigário Humbly os esperava com um sorriso carinhoso, enquanto, atrás dele, tia Sarah e alguns criados seguravam pequenos cestos com arroz para jogar sobre os noivos ao final da celebração.

Lágrimas de prazer corriam pelo rosto de Beatrice.

— Oh, meu Deus...

— Está feliz? — Gabriel perguntou num sussurro rouco.

— Muito! É tudo tão perfeito!

— Como deve ser. — Ele se inclinou para depositar um beijo apaixonado em seus lábios. — Venha, o vigário espera por nós.

Com agilidade surpreendente para um cavalheiro de sua idade e de seu peso, o vigário Humbly desceu a escada correndo e dirigiu-se para o saguão.

Não estava exatamente fugindo, disse a si mesmo. Afinal, despedira-se de Gabriel e Beatrice na noite anterior. Não havia necessidade de incomodá-los quando tudo que desejavam era estarem sozinhos. Seria melhor sair em silêncio e partir sem alarde no coche que Gabriel providenciara para levá-lo de volta a Surrey.

Arrastando a pesada bolsa que ameaçava derrubar as várias urnas e mesas que adornavam o saguão, Humbly havia quase alcançado a porta, quando a voz que tanto temera ouvir cortou o ar.

— Oh, vigário Humbly!

Girando os olhos, Humbly virou-se relutante para encarar a determinada viúva. Maldição. Estivera tão próximo da liberdade!

— Sim, sra. Quarry?

Correndo para frente, ela o agarrou pelos braços como se percebesse que o homem fugiria aos gritos, se pudesse.

— Não pode estar pensando em viajar nesse clima tão inóspito! — ela exclamou.

Agora que havia cumprido sua tarefa, Humbly enfrentaria alegremente nevascas e furacões para retornar ao seu pacífico e silencioso vicariato. Por mais que amasse Beatrice e Gabriel, estava mais do que ansioso para se ver livre das investidas dessa mulher desesperada.

— É só uma chuva, nada mais — respondeu encolhendo os ombros.

— Oh, mas eu pedi à cozinheira para preparar seu prato preferido para o jantar. Pato ao molho de cereja! A pobrezinha vai ficar desapontada!

— Lamento, mas preciso mesmo partir.

A viúva fez um biquinho que teria sido mais apropriado a uma debutante.

— Bobagem. O que pode ser tão urgente?

— Eu... bem... devo preparar-me para uma completa mudança. Vou deixar o vicariato e instalar-me em meu modesto chalé assim que o novo vigário chegar — ele explicou apressado.

Com velocidade estonteante, a expressão triste deu lugar ao sorriso coquete que era muito freqüente no rosto da viúva.

— Oh, sim, seu adorado chalé — ela murmurou. — Não tem idéia de como despertou minha inveja. Adoraria visitar esse lugar tão encantador.

Humbly tossiu.

— É só uma casa pequena e simples sem nada de extraordinário, posso assegurar.

Os dedos da sra. Quarry se enterravam em seus braços de maneira dolorosa.

— Talvez Gabriel e Beatrice queiram ir visitá-lo.

— Talvez — ele concordou, consciente de que vários meses transcorreriam antes de Gabriel e Beatrice sentirem algum desejo de deixarem a privacidade de Falcon Park. — Bem, agora preciso mesmo partir. A viagem é longa...

Levando as mãos aos seios fartos num gesto dramático e exagerado, a viúva emitiu um grito breve e comovido.

— Oh, como odeio despedidas. Adeus, meu querido, querido vigário. Não me esqueça.

— Ah, sim, com licença.

Correndo pela porta antes que a mulher pudesse criar uma cena ainda mais constrangedora, Humbly suspirou aliviado ao ver que a carruagem já o esperava pronta.

Salvação, afinal.

— Uma partida muito prematura, Humbly. Temo que tenha partido o coração da pobre tia Sarah.

Virando-se assustado, Humbly descobriu lorde e lady Faulconer esperando no final da escada. Um sorriso satisfeito distendeu seus lábios diante da adorável visão do casal apaixonado.

— Não brinque com o sr. Humbly, querido — Beatrice censurou o marido, porém com um tom muito carinhoso.

Humbly estalou a língua.

— Por Deus, não deviam estar aqui fora na chuva! — protestou, apesar do calor que inundava seu coração. Jamais havia visto Beatrice com aparência mais feliz, e havia um novo ar de profundo contentamento em Gabriel. A dor do passado havia sido superada.

Beatrice ergueu as sobrancelhas.

— Pensou que o deixaríamos partir sem uma despedida apropriada? — ela indagou.

— De maneira nenhuma — acrescentou o conde. — Temos muito que agradecer.

Humbly dez um gesto de forma a indicar que tanta gratidão nem era necessária.

— Não, não. Eu não fiz nada.

Gabriel abraçou a esposa e sorriu.

— O que fez aqui foi quase um milagre. Convenceu dois tolos teimosos e cheios de orgulho a admitirem o amor.

— É uma grande alegria vê-los tão felizes. — Ele olhou para Beatrice com grande carinho. — É tudo que sempre desejei para você.

— Estou muito feliz, sr. Humbly. Muito mais do que imaginei ser possível. Graças a sua ajuda.

Ele estendeu as mãos para segurar as dela.

— Lembre-se de ouvir sempre a voz do coração, minha querida. Ela nunca a deixará desamparada.

— Seguirei seu conselho — Beatrice prometeu.

— E se ela esquecê-lo, eu a levarei até a gruta para refrescar sua memória — disse o conde com um sorriso malicioso.

Beatrice riu, mas Humbly não deixou de notar o rubor que tingiu seu rosto.

— Gabriel!

— Não o censure, minha querida. A idéia é excelente — concordou o vigário, sabendo que havia chegado o momento de partir. Executando uma mesura muito elegante, ele anunciou: — Agora devo ir.

Permitindo que um lacaio levasse sua mala, Humbly dirigiu-se ao coche. A escada estava sendo colocada diante da porta, quando a voz da sra. Quarry se fez ouvir do saguão da casa.

— Vigário! Oh, vigário!

— Bom Deus! — Humbly entrou no coche, indiferente à expressão debochada do lacaio.

— Vigário, preparei alguns sanduíches de pepino para nutri-lo no caminho.

Debruçado na janela, Humbly acenou impaciente para o cocheiro espantado.

— Vamos embora, filho. Para Surrey — ele gritou com tom de urgência. — Depressa!

Com um estalar de chicote, o cocheiro pôs o veículo em movimento e Humbly suspirou aliviado.

Tinha certeza de que o Cupido nunca havia sido confrontado com uma combinação de viúvas desesperadas e sanduíches de pepino!

Era o suficiente para fazê-lo pensar em desistir de vez de seus esforços casamenteiros.

Um sorriso súbito distendeu seus lábios.

Bem, talvez ainda não, pensou.

Afinal, ainda havia Victoria e...

Fim... (A série finaliza com o CH 323)